



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

MARIA NEURIELLI FIGUEIREDO CARDOSO

**RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA E A ASSUNÇÃO DO PONTO DE VISTA DO  
AUTOR EM TESES DE DOUTORAMENTO**

FORTALEZA  
2015

MARIA NEURIELLI FIGUEIREDO CARDOSO

**RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA E A ASSUNÇÃO DO PONTO DE VISTA DO  
AUTOR EM TESES DE DOUTORAMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Linguística.  
Área de concentração: Linguística

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Maia-  
Vasconcelos

FORTALEZA  
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências Humanas

---

C264r Cardoso, Maria Neurielli Figueiredo.  
Responsabilidade enunciativa e a assunção do ponto de vista do autor em teses de doutoramento /  
Maria Neurielli Figueiredo Cardoso. – 2015.  
96 f. : il. color., enc. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de  
Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2015.

Área de Concentração: Linguística.

Orientação: Profa. Dra. Sandra Maia Farias Vasconcelos.

1.Teses – Brasil. 2.Análise crítica do discurso – Brasil. 3.Perspectiva(Linguística). 4.Autoria. I.Título.

---

CDD 808.0663780141

MARIA NEURIELLI FIGUEIREDO CARDOSO

**RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA E A ASSUNÇÃO DO PONTO DE VISTA DO  
AUTOR EM TESES DE DOUTORAMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Linguística.  
Área de concentração: Linguística

Aprovada em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sandra Maia-Vasconcelos (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria da Conceição Ferrer Botelho Sgadari Passeggi  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

*A Deus.*

*Aos meus pais, Neuma e Iran.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida e a força diária para seguir em frente.

A minha querida mãe *Neuma Figueiredo*, que esteve sempre ao meu lado, deu-me o bem maior, a vida, me aconselhando, fazendo-me ri em momentos que uma lágrima teimosa insistia em descer. A melhor mãe, a mais amiga, a mais bondosa, a mais divertida, a mais guerreira, a mulher mais sensacional que conheço e a única que consegue arrancar os meus sorrisos mais lindos.

Ao meu querido pai *José Iran Cardoso*, que me deu a educação necessária renunciando aos seus sonhos para que, muitas vezes, pudesse realizar os meus. Meu grande exemplo.

As minhas queridas irmãs, *Neuriane Figueiredo e Priscianne Figueiredo*, minha querida amiga *Raquel Fraga* e aos meus primos amados *Raquel Medeiros e Neilson Figueiredo* por me proporcionarem momentos de diversão e um ouvido amigo em tempos difíceis de tessitura da dissertação.

Aos meus amigos do CNSA: *Everton Igor, Felipe Lisboa, Danilo Gurgel, Nágela Sousa, Ana Karla, Mítia Barros, Marcelo Ribeiro e Lucio Façanha* que me deram apoio, conselhos e noites divertidas.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo fomento, fundamental para a dedicação a essa pesquisa.

A minha querida orientadora, professora *Sandra Maia Farias Vasconcelos* que me ensinou e ajudou a edificar minha carreira acadêmica desde 2008. Minha mãe acadêmica. Acompanhou meu crescimento desde a graduação e sempre me impulsionou quando eu mesma já desacreditava.

Aos integrantes do Grupo de Estudos em Linguística e Discurso Autobiográfico (GELDA): *Dannytza Serra, Leidiane Freitas, Samuel Holanda, Karina Siqueira, Gezenira Rodrigues, Jani Vidal, Mayara Rodrigues e Bruno Sales*, pela força, pelas reuniões teóricas e divertidas quando precisavam ser.

Aos meus queridos amigos de graduação, *Jaqueline Lima, Vladinise Pinheiro, Victor Lima, Even Montenegro, Leidiane Sousa, Zulmira Bezerra, Magno Gomes, Dieyme e Lívia* que me ajudaram nesta empreitada. E claro não poderia esquecer: *Savinho, companheiro de graduação e mestrado*.

A Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> *Margarete Fernandes* em nome de quem eu estendo meus sinceros agradecimentos a todos os professores que tanto contribuíram para a minha formação tanto na Graduação, quanto na Pós-Graduação.

A minha extraordinária banca composta pelas professoras doutoras *Maria da Conceição Passeggi, Eulália Leurquim e Maria Elias Soares* que acompanharam tão atentamente e contribuíram de maneira essencial para o desenvolvimento deste trabalho. Muito obrigada!

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) e do Departamento de Letras Vernáculas (DLV), especialmente à *Vanessa, Antônia, Eduardo e Rejane*, pela atenção, gentileza e competência de sempre. À *Vanessa*, com crédito especial, que sofreu junto comigo para conseguir organizar a banca de defesa, o meu muito obrigada.

*O fato é que tenho nas minhas mãos um destino  
e no entanto não me sinto com o poder  
de livremente inventar: sinto uma oculta linha fatal.  
Sou obrigada a procurar uma verdade que me ultrapassa.  
(Clarice Lispector. A Hora da Estrela)*

## RESUMO

Nossa pesquisa tem como objetivo identificar e analisar a assunção do ponto de vista do autor em teses de doutoramento considerando a responsabilidade enunciativa. Percebemos, então, que o direcionamento tomado será a responsabilidade enunciativa estudada à luz das teorias de Rabatel (2009; 2010) e Adam (2011); ponto de vista também estudada à luz dos dois autores citados e a autoria que será estudada à luz da discussão entre as ideias de Foucault (1992) e Barthes (2004). Entendemos que a responsabilidade enunciativa consiste na (não) assunção por determinadas entidades ou instâncias acerca de um enunciado, por isso consideramos pertinente o estudo da responsabilidade para explicar o fenômeno do ponto de vista em nosso trabalho e para tanto elegemos duas categorias (ADAM, 2011) que permitiram a operacionalização da pesquisa, quais foram: os diferentes tipos de representação da fala e as indicações de quadros mediadores para investigarmos se o doutorando assume constantemente/sempre a responsabilidade enunciativa de sua fala. O percurso metodológico apresenta os critérios adotados para a seleção, organização e constituição do *corpus*. Selecionamos duas áreas de estudo; b) elegemos teses defendidas em programas de doutoramento de universidades brasileiras; c) enumeramos uma tese de cada região para as duas áreas em um período de 2004-2014. A seguir, a exposição dos resultados demonstra que as marcas de responsabilidade são assumidas pelos autores das teses como forma de legitimar seu discurso, seja por meio da (não) assunção e esta consideramos quando há a utilização de vozes de outros autores, mas compreendemos que este recurso sirva para legitimar o que virá, após o uso de outro enunciador; ou por meio da assunção de responsabilidade pelo que esta sendo defendido no texto. Por fim, podemos perceber que o autor da tese assume a responsabilidade enunciativa de sua fala para garantir a originalidade de seus argumentos. Mas também sabemos que nem um pensamento é novo, sempre haverá diálogos para que novas ideias e posicionamentos sejam formados e pensando nisso percebemos que a noção de Ponto de Vista (PDV), é que garantirá esse feito. Pois para o autor da tese é conveniente imputar a fala a outro enunciador para que assim possa legitimar seu discurso.

Palavras-chave: discurso legitimador, imputação, gênero acadêmico.

## RESUMÉN

Nuestra investigación tiene como objetivo identificar y analizar la asunción del punto de vista sobre las tesis doctorales que consideran la responsabilidad enunciativa del autor. Nos dimos cuenta entonces que la dirección tomada será la enunciaci3n de responsabilidad estudiada a la luz de las teorías de Rabatel (2009; 2010) y Adam (2011); punto de vista también estudiado a la luz de los dos autores citados y la autoría, que será estudiada a la luz de la discusi3n entre las ideas de Foucault (1992) y Barthes (2004). Entendemos que la responsabilidad enunciativa es (no) la asunci3n por determinadas entidades u organismos acerca de una declaraci3n, por lo que consideramos que el estudio de la responsabilidad es relevante para explicar el fenómeno de la perspectiva en nuestro trabajo y así que elegimos dos categorías (ADAM, 2011 ) que permitió la aplicaci3n de la encuesta, que fueron los diferentes tipos de representaci3n del discurso y de las indicaciones de los marcos de mediadores para investigar si el doctorando realiza constantemente / siempre responsabilidad del discurso expositivo. El curso metodol3gico presenta los criterios adoptados para la selecci3n, organizaci3n y constituci3n del corpus. Se seleccionaron dos áreas de estudio; b) se eligieron a las tesis defendidas en los programas de doctorado de las universidades brasileñas; c) se enumeraron una tesis para cada regi3n para las dos áreas en un período de 2004 a 2014. Después de la exposici3n de los resultados, encontramos que las marcas de responsabilidad son asumidas por los autores de las tesis, como una forma de legitimar su discurso, ya sea a través de la (no) asunci3n y consideran este cuando no es el uso de las voces de los demás, pero entendemos que esta funci3n sirve para legitimar lo que vendrá después de la utilizaci3n de otro enunciadore; o a través de la asunci3n de la responsabilidad de lo que se defiende en el texto. Por último, podemos ver que el autor de la tesis asume la responsabilidad enunciaci3n de su intervenci3n para garantizar la originalidad de sus argumentos. Pero también sabemos que no es un pensamiento nuevo, siempre existe el diálogo a las nuevas ideas y las posiciones se forman y pensando en que nos dimos cuenta de que el concepto de Punto de vista (POV), que aseguran que hacer. En cuanto a la autora de la tesis es apropiada para imputar a hablar con otro anunciadore para que pueda legitimar su discurso.

Palabras clave: discurso legitimador, atribuci3n, género académico.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01 – Resultado da fórmula de aleatoriedade de seleção	44
Imagem 02 – Recorte de algumas categorias de análise propostas por Adam (2011)	46
Imagem 03 – Tese 1. <b>A.A.G.B.</b> Ciências Humanas; Nordeste; Psicologia. p. 19	48
Imagem 04 – Tese 2. <b>B.S.N.</b> Ciências Exatas; Sudeste; Engenharia. p. 1	50
Imagem 05 – Tese 2. <b>B.S.N.</b> Ciências Exatas; Sudeste; Engenharia. p. 10	52
Imagem 06 – Tese 3. <b>J.A.C.S.</b> Ciências Humanas; Sul; Linguística. p. 25-26	52
Imagem 07 – Tese 3. <b>J.A.C.S.</b> Ciências Humanas; Sul; Linguística. p. 26	53
Imagem 08 – Tese 4. <b>T.S.A.S.</b> Ciências Humanas; Sul; Educação p. 1	54
Imagem 09 – Tese 5. <b>J.H.P.B.</b> – Ciências Humanas; Sudeste; História p.19.	55
Imagem 10 – Tese 5. <b>J.H.P.B.</b> – Ciências Humanas; Sudeste; História p.19.	56
Imagem 11 – Tese 6 <b>I.L.M.P.G.</b> Ciências Humanas; Norte; Sociologia pp. 70-71	57
Imagem 12 – Tese 6 <b>I.L.M.P.G.</b> Ciências Humanas; Norte; Sociologia p. 73	58
Imagem 13 – Tese 7 <b>K.C.G.D.G.</b> Ciências Exatas; Centro Oeste; Ciência da Informação p.26	59
Imagem 14 – Tese 8 <b>A.A.B.</b> Ciências Exatas; Norte; Engenharia Elétrica. p.2	61
Imagem 15 – Tese 9 <b>M.C.S.P.M.</b> Ciências Humanas; Centro Oeste; Educação pp.14-15	62
Imagem 16 – Tese 10 <b>C.L.G.G.</b> Ciências Exatas; Sul; Matemática. p.1	64
Imagem 17 – Tese extra. <b>M.P.C.</b> Ciências Humanas. p.10	65
Imagem 18 – Tese extra. <b>M.P.C.</b> Ciências Humanas. p.15	67
Imagem 19 – Tese 2. <b>B.S.N.</b> Ciências Exatas; Sudeste; Engenharia. p.1	68
Imagem 20 – Tese 3. <b>J.A.C.S.</b> Ciências Humanas – Linguística. pp.13-14	68
Imagem 21 – Tese extra. <b>M.P.C.</b> Ciências Humanas. p.10	69
Imagem 22 – Tese 1. <b>A.A.G.B.</b> Ciências Humanas; Nordeste; Psicologia. pp 19-20	69
Imagem 23 – Tese 5. <b>J.H.P.B.</b> - Ciências Humanas; Sudeste; História. p. 17-18	70
Imagem 24 – Tese 4. <b>T.S.A.S.</b> Ciências Humanas; Sul; Educação. p. 4	70
Imagem 25 – Tese 7 <b>K.C.G.D.G.</b> Ciências Exatas; Centro Oeste; Ciência da Informação p. 25	71
Imagem 26 – Tese 1. <b>A.A.G.B.</b> Ciências Humanas; Nordeste; Psicologia. p. 19	72
Imagem 27 – Tese 2. <b>B.S.N.</b> Ciências Exatas; Sudeste; Engenharia p.2	73
Imagem 28 – Tese 3. <b>J.A.C.S.</b> Ciências Humanas – Linguísticas p. 26	73
Imagem 29 – Tese 3. <b>J.A.C.S.</b> Ciências Humanas – Linguística p. 13-14	74

Imagem 30 – Tese 4. <b>T.S.A.S.</b> Ciências Humanas; Sul; Educação. p. 1	74-75
Imagem 31 – Tese 5. <b>J.H.P.B.</b> - Ciências Humanas; Sudeste; História p.15	76
Imagem 32 – Tese 10 <b>C.L.G.G.</b> Ciências Exatas; Sul; Matemática. p.4	76
Imagem 33 – Tese 6 <b>I.L.M.P.G.</b> Ciências Humanas; Norte; Sociologia. p.75-76	77
Imagem 34 – Tese extra. <b>M.P.C.</b> Ciências Humanas. pp.10 e 16	79
Imagem 35 – Tese 2. <b>B.S.N.</b> Ciências Exatas; Sudeste; Engenharia pp 1-2	80
Imagem 36 – Tese 4. <b>T.S.A.S.</b> Ciências Humanas; Sul; Educação. p. 7	81
Imagem 37 – Tese 8 <b>A.A.B.</b> Ciências Exatas; Norte; Engenharia Elétrica. p.2	82
Imagem 38 – Tese 9 <b>M.C.S.P.M.</b> Ciências Humanas; Centro Oeste; Educação p.15	83
Imagem 39 – Tese 7 <b>K.C.G.D.G.</b> Ciências Exatas; Centro Oeste; Ciência da Informação. p. 27	84
Imagem 40 – Tese 10 <b>C.L.G.G.</b> Ciências Exatas; Sul; Matemática. p.1	85
Imagem 41 – Diagrama do PDV em Teses	87

## LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

Gráfico 01 – Mapa de distribuição de programas de pós-graduação no Brasil.	15
Gráfico 02 – Distribuição de programas de pós-graduação no Brasil.	16
Gráfico 03 – Número absoluto de doutores por regiões no Brasil.	42
Gráfico 04 – Resultados das estratégias linguísticas utilizadas nas teses.	89
Gráfico 05 – Porcentagem de rigor formal por áreas.	90
Quadro 01 – Quadro sinótico da análise da Tese 1.	49
Quadro 02 – Quadro sinótico da análise da Tese 2.	51
Quadro 03 – Quadro sinótico da análise da Tese 3.	53
Quadro 04 – Quadro sinótico da análise da Tese 4.	54
Quadro 05 – Quadro sinótico da análise da Tese 5.	56
Quadro 06 – Quadro sinótico da análise da Tese 6.	58
Quadro 07 – Quadro sinótico da análise da Tese 7.	60
Quadro 08 – Quadro sinótico da análise da Tese 8.	61
Quadro 09 – Quadro sinótico da análise da Tese 9.	63
Quadro 10 – Quadro sinótico da análise da Tese 10.	64
Quadro11 – Quadro sinótico da análise da Tese extra.	66
Quadro interseccional da tese extra	79
Quadro interseccional da tese 2	80
Quadro interseccional da tese 4	81
Quadro interseccional da tese 8	83
Quadro interseccional da tese 9	84
Quadro interseccional da tese 7	85
Quadro interseccional da tese 10	86

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

ATD	Análise Textual do Discurso
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
GELDA	Grupo de Estudo em Linguística e Discurso Autobiográfico
HIVI	História de Vida
PDV	Ponto de Vista
RE	Responsabilidade Enunciativa
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 CAPÍTULO SEGUNDO: DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	23
2.1 Gênero do discurso .....	23
2.2 Autoria e sua relação com o gênero discursivo Tese.....	26
2.3 Responsabilidade Enunciativa.....	32
3 CAPÍTULO TERCEIRO: DO PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO .....	39
3.1 Aspectos metodológicos da pesquisa .....	39
3.2 Questões de pesquisa .....	40
3.3 Objetivos da pesquisa .....	41
3.3.1 <i>Objetivo geral</i> .....	41
3.3.2 <i>Objetivos específicos</i> .....	41
3.4 Coleta, organização do material e constituição do <i>corpus</i> .....	41
3.5 Procedimentos de análise.....	45
4 CAPÍTULO QUARTO: DOS RESULTADOS.....	47
4.1 A responsabilidade enunciativa sob a perspectiva de Adam.....	48
4.2 A responsabilidade enunciativa sob a perspectiva de Rabatel .....	67
4.3 Adam e Rabatel: <i>une intersection d'idées</i> .....	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	88
REFERÊNCIAS .....	92
ANEXOS .....	95

## 1 INTRODUÇÃO

*Un escritor escribe un libro para explicarse a si mismo lo que no puede explicar.*  
Garcia Marquez

Entrar na vida acadêmica é algo bem difícil, permanecer parece ser bem mais complicado. Mas quando se escolhe seguir a carreira acadêmica é por livre vontade e se sabe que há bônus e ônus. Comigo, por exemplo, optei por participar da seleção de Mestrado, terminando a graduação concomitante e sabia que não seria fácil, e não foi, mas meu processo na Pós-Graduação teve um valor muito importante em meu crescimento profissional.

O que move qualquer pesquisador é uma dúvida científica, algo que incomoda e que impulsiona a querer descobrir o porquê de algo. Quando terminei a graduação me questionava se eu era autora do que produzia. Se os artigos e capítulos de livro que publiquei me tornavam autora das minhas ideias. Levei esse questionamento comigo e o teci em forma de projeto para submeter a uma banca de análise.

É algo que me incomoda saber se o que escrevo legitima minha pessoa discursiva e contribui para uma produção intelectual acadêmica. Além disso, estudiosa de história de vida que venho tentando ser, inquietava-me saber se ao escrever um texto, que exige uma objetividade acadêmica, eu deixava transparecer meus gostos ou até mesmo minhas frustrações na minha escrita. E foi com estas inquietações que desenvolvi minha dissertação ora apresentada.

Para continuar, encerro o uso da 1ª pessoa do singular, pois o que queria justificar já foi feito, e darei voz à pluralidade de autores que há em mim com base em minhas leituras que será debatido e explanado mais fortemente ao longo do desenvolvimento desta dissertação.

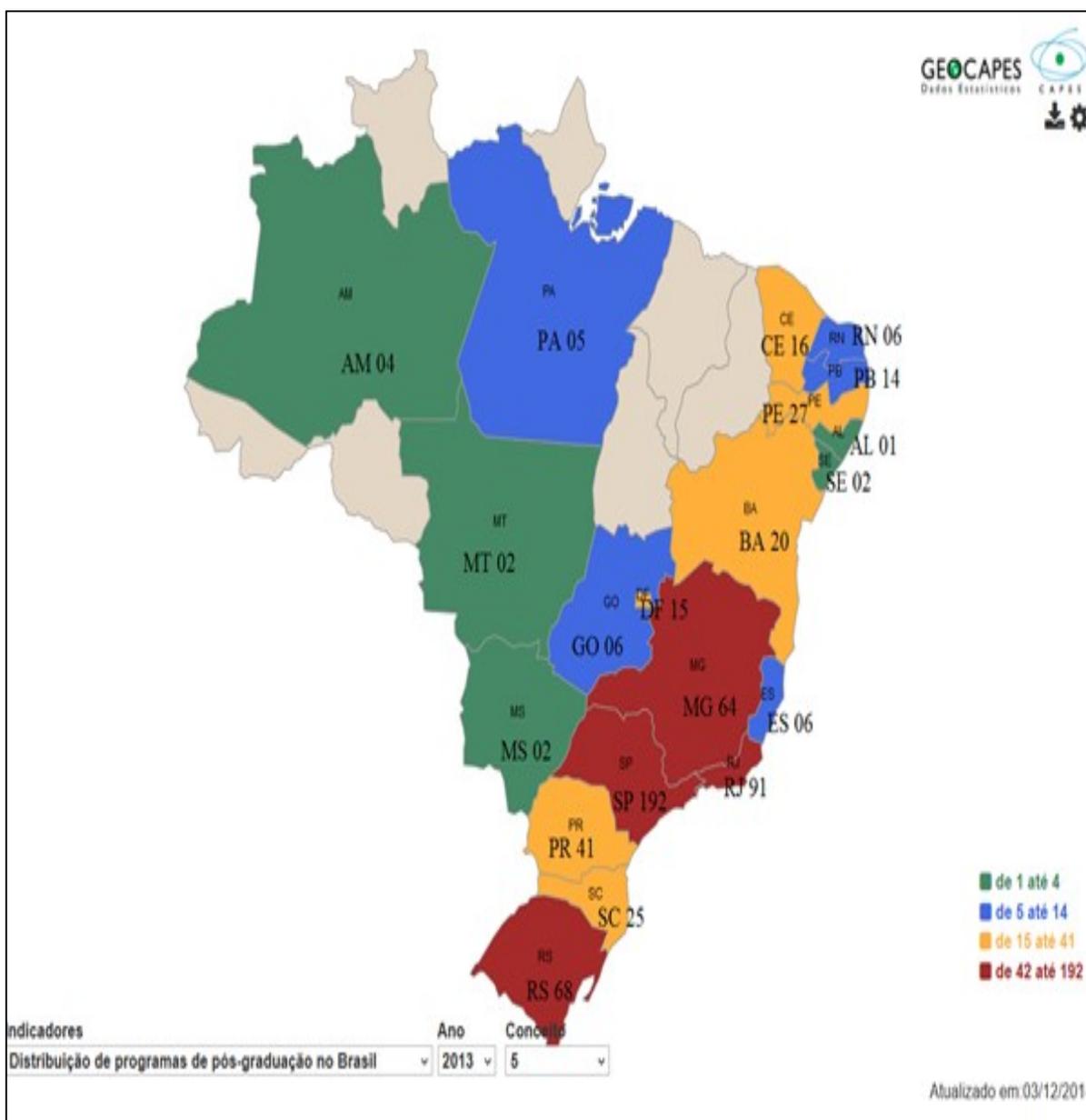
A produção intelectual e científica de um país talvez seja hoje um dos dados mais importantes no que tange o desenvolvimento deste país. O portal da Plataforma Lattes, portal do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) apresenta gráficos<sup>1</sup> quantitativos de teses e dissertações que são defendidas anualmente, bem como a ferramenta que a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) desenvolveu, o GEOCAPES<sup>2</sup> que veremos na página seguinte. E esta produção concretiza-se em programas de pós-graduação sob a forma de trabalhos acadêmicos.

---

<sup>1</sup> Conf.:< <http://estatico.cnpq.br/painelLattes/evolucaoformacao>>

<sup>2</sup> O Geocapes é um aplicativo gráfico, que exhibe num cartograma informações quantitativas da Capes com precisão geográfica. Por meio do sistema, é possível acessar informações de nove bases de dados. Apresentados

Gráfico 01 – Mapa de distribuição de programas de pós-graduação no Brasil

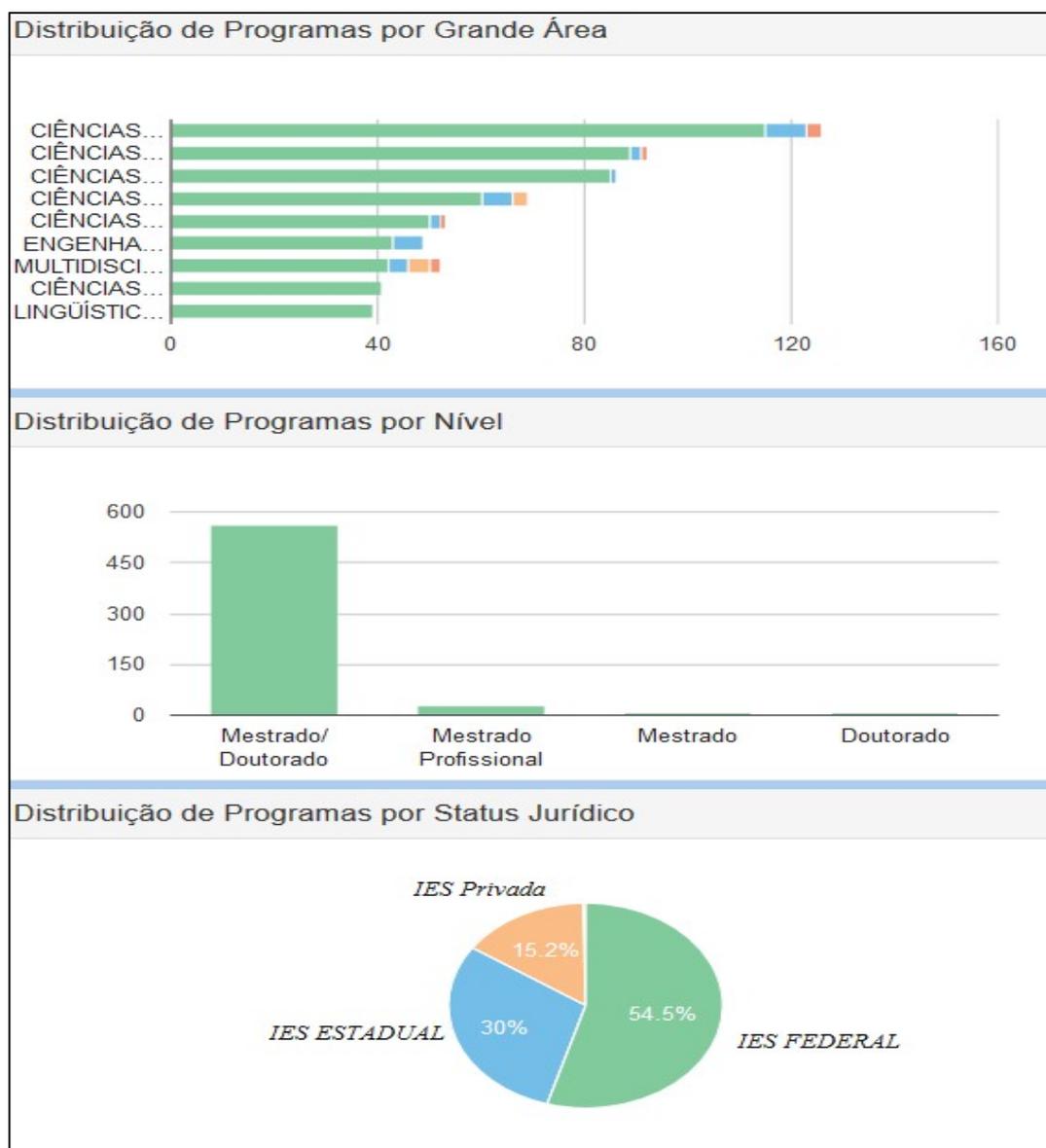


Fonte: GeoCapes 2014

Os gráficos, tanto da página atual como da página seguinte, mostram a distribuição de programas de pós-graduação no Brasil. No gráfico 01 acima nos é apresentado um mapa como todos os estados e quantidade que programa de pós-graduação com a seguinte legenda: a sigla do estado + a quantidade de programas, por exemplo: Ceará – CE 16; São Paulo – SP 192, vale salientar que os resultados correspondem somente a programas de no mínimo conceito 5.

nos modos geográfico e de planilha estão acessíveis os números de bolsas de mestrado e doutorado no país e bolsistas no exterior, bem como a quantidade de programas, de professores e alunos.

Gráfico 02 – Distribuição de programas de pós-graduação no Brasil



Fonte: GeoCapes 2014

No gráfico 02 acima, a distribuição é mostrada por grande área, nível (mestrado e/ou doutorado) e setor jurídico (privada, estadual, federal). Levando em conta essa distribuição de produção nos departamentos com o seguinte questionamento: como o sujeito se apresenta na escrita acadêmica?

O texto que apresentamos é resultante já da avaliação de uma banca de qualificação bem criteriosa que nos levou a reelaborá-lo com algumas alterações e amadurecimentos e tem por foco entender como nós, pesquisadores que somos, mesmo coagidos a escrever de forma objetiva, conseguimos deixar passar em nossos textos marcas pessoais, escolhas que nos fazem autor daquilo que escrevemos. Acreditamos, que, não

obstante, as imposições e restrições advindas da institucionalização da escrita acadêmica, o sujeito a transforma numa escrita pessoal quando a atravessa por detalhes, tais como expressões de seu cotidiano, gostos pessoais de uso de palavras ou pronomes, enfim, mecanismos discursivos que fazem do texto um estilo pessoal desse sujeito.

Em toda pesquisa é natural e até mesmo enriquecedor que haja controvérsias entre temas e autores trabalhados. Essas controvérsias possibilitam um jogo interacional e ideológico da linguagem e levam à formulação de questionamentos acerca do posicionamento do pesquisador. Nosso estudo se interessa por essa análise da relação do pesquisador com seu objeto, tendo em vista ser esse objeto uma pesquisa escolhida de maneira pessoal e que consideramos retratar a subjetividade desse sujeito. Acreditamos que um pesquisador que se engaja a realizar uma pesquisa tem como movimento inicial seu interesse pessoal; este interesse é visto em nossa pesquisa como o aparecimento do sujeito em seu texto. Rousseau inicia suas *Confissões* de forma direta, assumindo, que aprimoraremos aqui do fenômeno que é tratado por Lejeune, *pacto autobiográfico* e sobre o qual discorreremos mais adiante.

Um objeto de pesquisa, no qual se insere um pesquisador subentende uma identificação desse sujeito a engajamentos voluntários, individuais, embora de dimensões coletivas. Considerando o pesquisador como um sujeito de uma enunciação, levaremos em conta que a situação tal como prevista por Benveniste (1999) reitera este sujeito numa situação social própria do ambiente acadêmico.

Acreditamos que a experiência acadêmica pessoal que o faz destacasse como um pesquisador entre tantos não apenas como mais, ou um mero repetidor de teorias. Como defende Koren (2002): uma pesquisa científica não se torna confiável e válida somente “pela imparcialidade absoluta” (p. 200-201). Para Koren (2002) essa busca da imparcialidade pode muitas vezes mergulhar o trabalho científico em uma nebulosa tornando sua leitura problemática e em algumas vezes inacessível. A autora afirma que em sua experiência de pesquisa sobre *paraciências* os pesquisadores que publicaram sobre os temas mascaravam de tal forma suas opiniões próprias que findavam por “deslegitimizar” seus trabalhos do campo científico. Isso nos leva a deduzir que a participação clara, ainda que discreta, do pesquisador em seu texto permite que se elabore uma interpretação mais situada, legítima, logo científica.

Como já foi dito nas linhas supracitadas, a busca por um problema é o que norteia uma pesquisa científica. E as nossas perguntas norteadoras serão necessárias para que a feitura desse documento possa ser concluída. Estas serão apresentadas na parte final desta introdução.

Levar em conta a participação do pesquisador e buscar mecanismos linguísticos que atestem esta presença constitui-se como nosso objeto de pesquisa, uma vez que, seguindo a linha dos estudos elaborados no âmbito do grupo GELDA (Grupo de Estudos em Linguística e Discurso Autobiográfico), temos construído uma metodologia de abordagem autobiográfica que constrói imagens de vivência de sujeito nas situações mais diversas. Estando assim no âmbito das ciências, uma construção metatextual nos pareceu interessante e proveitosa. Sendo nosso interesse buscar o aparecimento do sujeito da pesquisa compreendemos que é importante deixar claro nosso próprio interesse e a pertinência dessa pesquisa dentro do domínio, no qual ela é inserida, uma vez que nossas percepções são determinadas pela realidade e são construtoras da realidade.

Acreditamos que pensar a língua pelo prisma subjetividade-objetividade é um imperativo para todo linguista, uma vez que qualquer objeto de pesquisa dentro do domínio da linguística concernirá diretamente seus locutores. O texto acadêmico, bem como outros textos, exige do seu autor-produtor um posicionamento. É necessária, no autor, a consciência de que está repassando para seu leitor, sua forma de pensar, bem como sua ideologia. Isso se manifesta nas escolhas das palavras pelo autor do texto, na escolha da pessoa do discurso. O que queremos afirmar é que por mais impessoal que o autor queira parecer, numa pesquisa, seu texto traz à tona suas escolhas.

Porém o fato de mostrar suas escolhas não irá caracterizar a escrita como não acadêmica, haja vista que tais marcas são inerentes à escrita e o autor precisa utilizá-las para manter seus posicionamentos firmes e compor seus argumentos.

Sobre o assunto Bakhtin (2003, p. 297) afirma que “cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera da comunicação discursiva”, ou seja, assumir um posicionamento é recorrer a outros autores que já se posicionaram a respeito do tema em questão. Sendo assim, o texto acadêmico enquadra-se neste contexto, já que o autor recorre a inúmeros teóricos para manifestar seu ponto de vista, termo que será melhor discutido na próxima seção.

Como já foi dito acima, objetivamos analisar estratégias que apontem uma responsabilidade enunciativa em gêneros acadêmicos, mas especificamente em teses de doutoramento, levando o foco para a constituição de uma autoria neste gênero. Sendo escolhido para este estudo a: *seção introdução de teses*. Percebemos, então, que o direcionamento tomado será a responsabilidade enunciativa estudada à luz das teorias de Adam (2011) e Rabatel (2010) e a autoria e esta será estudada à luz da discussão entre as teses de Foucault (1992) e Mikhail Bakhtin (2003).

Para apresentar-se como autor, o sujeito que escreve precisa assumir diante das instituições, tendo em vista que a própria autoria já compõe uma função institucionalizada, o papel social que se constitui a partir de sua relação com a linguagem e o mundo, imprimindo significações coerentes e dando sentido aos fatos que enuncia. Como então este papel é representado pelo sujeito-autor na escrita acadêmica? A figura do autor na academia é por excelência uma figura coletiva, vez que os modelos que são impostos pelas instituições não permitem dar margem a inovações que sejam diferenciadas de tais modelos. Acreditamos, entretanto, que não obstante as imposições e restrições advindas da institucionalização dessa escrita, o sujeito a transforma numa escrita pessoal quando a atravessa por detalhes, tais como expressões de seu cotidiano, gostos pessoais de uso de palavras ou pronomes, enfim, marcas discursivas que fazem do texto um estilo pessoal desse sujeito.

Em uma conferência apresentada em Natal-RN, Alain Rabatel, dialogando conosco, explica que na academia o que realmente prevalece é o que nomeamos acima: *de um autor como uma figura coletiva*, em que ocorre a preocupação de usar a 1ª pessoa do plural ou ainda, na tentativa, de se distanciar ao máximo do texto, a 3ª pessoa do singular + SE. E o autor explica que tal estratégia, utilizar o ‘nós’, corresponde a um processo que caminha a passos curtos na escrita acadêmica e se cita como exemplo dizendo que: “*quando eu mesmo comecei, usava o ‘nós’, depois que fiquei famoso passei a usar o ‘eu’*”<sup>3</sup>.

Quando optamos, neste estudo, por trabalhar com o gênero introduções de textos acadêmicos tese não se pensou em estudar o gênero textual, mas uma possível marcação de uma responsabilidade enunciativa na construção de um objeto de pesquisa a partir de critérios linguísticos. É inevitável que se faça uma exposição do tema geral, mas a pesquisa se dirigirá rumo ao que se chamou de particularidade na escolha do *corpus*, por se tratar de uma escrita que acreditamos está fortemente ligada às escolhas científicas do pesquisador.

Essa pesquisa caracteriza-se como documental, uma vez que propõe o estudo de textos empíricos que não foram submetidos a tratamento analítico. Seguimos uma abordagem qualitativa de base interpretativa e filiamos-nos aos procedimentos teórico-metodológicos da Análise Textual do Discurso (doravante ATD).

Sobre a ATD, explicaremos mais na próxima seção, porém podemos adiantar que os estudos vêm ganhando espaço nas pesquisas sobre gêneros. Essa nova abordagem articula o campo textual e o discursivo, que é intermediado pelos gêneros. A aproximação que a ATD faz da Linguística Textual e da Análise do Discurso tem por objetivo encontrar e edificar uma

---

<sup>3</sup> Tradução nossa. Original: *quand moi-même je commencé, j'utilisais le ‘nous’, et puis que j'étais déjà connu j'ai commencé a utiliser le ‘je’*.

teoria que dê conta, ao mesmo tempo, da análise linguística e discursiva dos textos, analisando e refletindo a materialidade textual em conjunto com as condições socioculturais e políticas em que o texto é construído e adquire sentido.

A reflexão que se levanta *a priori* neste estudo questiona se haveria um momento em que ‘nasce’ o autor do texto acadêmico? Visualizamos neste estudo este ‘nascimento’ quando da escolha do tema, da justificativa do interesse pela pesquisa. Porém responder a este questionamento não nos resultaria uma tarefa simples, por isso optamos por tentar perceber se há como identificar aspectos de uma responsabilidade, de certa, maneira autoral, em um texto elementarmente impessoal? Partindo da hipótese de que a responsabilidade enunciativa nos permite compreender como e quem se responsabiliza pelos pontos de vista que são mobilizados na tessitura textual, elegemos três categorias sobre as quais a nossa investigação será fundada: mecanismos linguísticos autorais, assunção da responsabilidade e imputação da responsabilidade. A primeira está relacionada às categorias de análises de Adam (2011) que serão apresentadas posteriormente e os dois últimos estão relacionados a noção e definição de PDV e RE de Rabatel (2008).

Consideramos que nossa pesquisa, ao apresentar a análise da constituição discursiva da responsabilidade enunciativa no universo acadêmico, cuja materialização linguística pretendemos investigar em introduções de textos acadêmicos (teses) –, somará esforços a esse campo que se apresenta tão frutífero aos estudos do discurso.

Isto posto, estabelecemos o seguinte objetivo norteador para nosso trabalho:

- Identificar e analisar a assunção do ponto de vista do autor em teses considerando a Responsabilidade Enunciativa

Por assunção da responsabilidade enunciativa, Rabatel (2009) explica que são os casos em que o primeiro locutor-enunciador (L1/E1) assume o conteúdo do ponto de vista (por ele abreviado PDV). A assunção da responsabilidade enunciativa ocorre quando esse L1/E1 assume o conteúdo proposicional do enunciado por conta própria. Quanto à imputação, o autor considera que, em virtude de fenômenos constitutivos da enunciação, como o dialogismo, é possível delegar a responsabilidade pelo PDV a enunciadores que já falaram sobre o assunto e que o L1/E1 retoma.

Adam (2011) considera que a assunção da responsabilidade pode ser marcada através de diferentes categorias linguísticas, quais sejam: *índices de pessoas, dêiticos espaciais e temporais, tempos verbais, modalidades, diferentes tipos de representação de fala, indicações de quadros mediadores, fenômenos de modalização autonímica e indicações de um suporte de percepções relatadas*. Ao se referir a essas categorias, Adam (2011) nos

mostra que cada uma delas possui uma base teórica fundamental. Assim, entendemos que elas, nem sempre, pertencem a perspectivas teóricas de uma mesma abordagem.

Sobre os mecanismos linguísticos autorais, Orlandi (1996) explica que alguns tipos de mecanismos devem ser usados para a concretização do processo de desenvolvimento da autoria, de um lado, há os mecanismos do domínio do processo discursivo, no qual há a constituição do sujeito como autor e, de outro, os mecanismos do domínio dos processos textuais nos quais o sujeito marca sua prática de autor.

No trabalho ora apresentado, que teve como tema, estratégias linguísticas de responsabilidade enunciativa, delimitando-se na emergência autoral por meio da responsabilidade enunciativa em Teses de doutoramento de cursos de pós-graduação *stricto-sensu*, teve por objetivo principal identificar e analisar a assunção do ponto de vista do autor em teses considerando a responsabilidade enunciativa e como objetivos específicos: identificar as estratégias linguísticas que aponta o ponto de vista do autor na seção introdução em teses de cursos de pós-graduação *stricto-sensu* e analisar as contribuições que o ponto de vista aporta para a assunção da responsabilidade enunciativa.

Tais objetivos geraram os problemas e hipóteses abaixo relacionados, complementando, desse modo, o quadro norteador que seguimos para a realização desta pesquisa:

a) Quais e como as estratégias linguísticas aportam o ponto de vista do autor na seção introdução em teses de cursos de pós-graduação *stricto-sensu*?

**Hipótese:** Os elementos linguísticos identificados como estratégias linguísticas nos textos em estudo são referentes a estruturas individuais e institucionais simultaneamente. Ao mesmo tempo em que identificam o narrador como autor do texto escrito, marcam uma autoria na qual incide a presença de uma autoridade. Quando um pesquisador se posiciona diante de uma pesquisa, ele faz emergir na sua escrita, a despeito do encobrimento necessário da objetividade científica mantida pelas coerções acadêmicas, um desejo subjetivo, que traduz preferências pessoais no que concerne àquilo com ele decidiu trabalhar.

b) De que modo o ponto de vista em teses pode contribuir para assunção da responsabilidade enunciativa?

**Hipótese:** O ponto de vista em teses caracteriza a responsabilidade assumida pelo pesquisador como autor de seu texto, como autor de suas escolhas, pela significação de ser uma maneira de ver a realidade a ser pesquisada e chegar a uma resposta a partir de uma premissa específica. Ao expor a justificativa de escolha de seu tema, o pesquisador assume seu papel autoral.

Desse modo, considerando a natureza e o objetivo da pesquisa nosso trabalho desenvolver-se-á em três capítulos e as considerações finais, a saber: no primeiro capítulo, uma breve introdução. No segundo capítulo, apresentamos a fundamentação teórica que embasará nossa pesquisa, bem como discussões sobre a base teórica escolhida e uma revisão da literatura. No terceiro capítulo, houve uma preocupação em apresentar o percurso metodológico trilhado nesta pesquisa: tipo de abordagem, seleção do corpus, etc. No quarto capítulo, partimos para a análise dos dados coletados e as discussões pertinentes. Finalizamos com nossas considerações finais sobre a pesquisa realizada.

## Capítulo Segundo: Da Fundamentação Teórica

*“O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.”*

*(Michel Foucault)*

Neste capítulo procederemos à revisão de alguns conceitos que orientarão a nossa reflexão sobre o aparecimento de um autor na escrita acadêmica. Serão apresentadas as teorias que alicerçam esta pesquisa, a saber: noção sobre gênero discursivo (BAKHTIN, 2003, 2007), e os conceitos metodológicos do que é uma Tese; a questão da autoria apresentada por Foucault (1992), Barthes (2004) e Bakhtin (2003); a perspectiva sobre responsabilidade enunciativa (ADAM, 2011 e RABATEL, 2010) e Análise Textual do Discurso (ADAM, 2011). Mostrando pesquisas que vem sendo desenvolvidas nas áreas.

### **2.1 Gêneros Discursivos**

Considerando que o objetivo dessa pesquisa é refletir sobre como um sujeito se assume a responsabilidade pelo que enuncia, marcando assim uma autoria na sua escrita acadêmica, por meio da inscrição no gênero do discurso **tese**, é necessário pensar o conceito de gênero neste trabalho. Assumiremos a noção de gênero apoiado em uma perspectiva discursiva de Bakhtin (2003).

Bakhtin (2003) argumenta que os gêneros constituem formas específicas na organização de parcelas de enunciados da cadeia de comunicação humana. Sendo assim para cada inscrição social do sujeito, o gênero é convocado a realizar determinadas atividades que impõem regras de interação verbal. Os gêneros discursivos funcionam, assim, como o espaço

organizador dessas formas de interação verbal, ao passo que são por elas gerados. Partindo das premissas do autor que afirma que as esferas de comunicação verbal que dão origem aos gêneros do discurso, elas mesmas se incumbem de desenvolvê-los, multiplicá-los, renová-los e até mesmo de extingui-los para dar origem a novos gêneros, por isso recebem a nomeação de *tipos relativamente estáveis*, refletindo, assim, o vínculo entre o desenvolvimento histórico da língua e as formas de atividades humanas historicamente situadas.

Lima (2008) explica que o conceito de gênero discursivo vem ganhando relevância nos estudos atuais devido ao fato de ele ter se tornado pertinente aos estudos sobre escrita no contexto de emergência na perspectiva sócio-histórica da linguagem, estudada e defendida principalmente por Bakhtin (2003). Para a autora o enunciado deve ser considerado o elemento principal da comunicação:

Assume uma postura crítica em relação à dicotomia saussureana *langue/parole* e defende que a verdadeira unidade de comunicação é o enunciado, considerado como a unidade real da comunicação verbal, a unidade do discurso. Os enunciados distribuem-se pelas diversas esferas da atividade humana, e cada uma dessas diferentes esferas comporta um repertório de gêneros, os quais são vistos, na perspectiva bakhtiniana, como formas *relativamente estáveis de enunciados* necessárias ao estabelecimento da interação verbal. (2008, p. 37)

Concordamos que ao conceber os gêneros a partir de uma concepção sócio-histórica da linguagem, Bakhtin (2003) propicia aos sujeitos a possibilidade de criar, modificar um gênero de discurso, já que se trata de categorias de natureza social, historicamente constituídas. O que é pertinente para a discussão realizada neste trabalho, pois tornar-se autor é criar um discurso e ao mesmo tempo modificar o discurso do outro para só assim desenvolver uma (inter)discursividade<sup>4</sup>.

Afunilando mais nossas ideias, chegamos ao objeto-foco: **tese**, e esta é definida por Lakatos (1992) com base em acepções apresentadas em seus estudos por outros autores. Uma delas nos chamou atenção: “tese é opinião ou posição que alguém sustenta e está preparado para defender” (BARRASS, 1979 apud LAKATOS, 1992). Trouxemos esta definição em questão, tendo em vista que atualmente a academia compreende a tese como um trabalho de cunho acadêmico em que há, acima de qualquer definição, uma originalidade em

---

<sup>4</sup> Sobre interdiscurso, Maingueneau (1984) retoma, por sua vez, a noção de prática discursiva. Nessa obra, o autor pretende romper com o passado da Análise do Discurso, no sentido que tenciona demonstrar que o discurso não deve mais ser tratado como conjunto de textos, como arquivo, mas como uma prática discursiva. A ideia do estudioso, então, ao utilizar o termo introduzido por Foucault, é a de referir-se à articulação entre uma formação discursiva e o funcionamento de grupos que a gerem.

um assunto tratado. Mas ampliamos este conceito quando relacionamos com as ideias discursivas apresentada por Bakhtin.

Para Eco (1994; p.2) “a tese constitui um trabalho ‘original’ de pesquisa, com o qual o candidato deve demonstrar ser um estudioso capaz de fazer avançar a disciplina a que se dedica”. E continua explicando que além de original, a tese precisa possuir um argumento sustentável que apresente um resultado científico, não necessariamente a descoberta da pólvora, mas algo que a ciência possa discutir como, por exemplo, uma nova maneira de analisar um discurso metodologicamente com base em teorias existem, que não abarcaram a análise que esta sendo proposta.

Há um conceito discutido por Eco (1994) que é pertinente abordarmos, o de *científico*. Para o autor a cientificidade de uma tese é resumida em quatro requisitos:

- I. Objeto definido e legítimo;
- II. Originalidade;
- III. Pertinência aos demais estudos na área;
- IV. Fornecer elementos para a verificação e a constatação das hipóteses apresentadas.

Lakatos (1992, p. 165) apresenta estes requisitos propostos por Eco (1994) quando explica que a tese é um trabalho científico que “levanta, coloca e soluciona problemas, argumenta e apresenta razões, baseadas nas evidências dos fatos de maneira original”.

Para Severino (2007), exige-se da tese de doutorado uma contribuição suficientemente original a respeito do tema pesquisado, haja vista que ela deve representar um progresso para a área científica em que se situa. Quaisquer que sejam as técnicas de pesquisa aplicadas, a tese visa demonstrar argumentando e trazer uma contribuição nova relativa ao tema abordado.

Para Maia-Vasconcelos (2010, p. 57)

A decisão do tema de uma pesquisa nunca é anódina. Frequentemente ela parte de um interesse íntimo e pessoal. A abordagem depende ao mesmo tempo do pesquisador e do objeto de pesquisa.

Em sua obra *Ecrire une Recherche*, Lani-Bayle (1999; p. 67) defende a ideia de que o tema a ser tratado em uma pesquisa acadêmica será sempre um tema intimamente ligado, de um jeito ou de outro, aos interesses do pesquisador.

Em um ciclo de palestras sobre RE, ocorrido em novembro de 2014 na UFRN, Alain Rabatel explica citando um artigo<sup>5</sup> seu que a partir do momento em que o autor discute uma noção, responde a um ponto de vista, ele está escolhendo um “plano de enunciação pessoal”.

Como nos expõe Schopenhauer (2005, p.4) “só quem é movido, exclusivamente, pela causa que lhe interessa escreve o que é digno de ser escrito”. Por isso, ao escolher o tema, o objeto de pesquisa de uma tese, o sujeito passará a construir junto com o objeto o seu perfil autoral e assumir seu ponto de vista.

Finalizando, é a partir da noção de gênero determinado por um contexto e pelos objetivos comunicacionais, que podemos pensar as introduções de textos acadêmicos - teses - como textos que devem fazer prova de três qualidades que consideramos essenciais, quais sejam: coerência, legitimidade e autoridade.

## ***2.2 A questão da autoria***

Iniciaremos as discussões sobre autoria e desde já queremos destacar que a tríade que embasará o diálogo sobre o assunto na presente pesquisa será composta por Barthes (2012), Foucault (1992) e Bakhtin (2003), este de maneira não tão aprofundada como os outros dois citados.

Sabe-se que para ingressar na carreira acadêmica é preciso fazer parte de uma comunidade e para isso, estudantes de pós-graduação precisam ao final de cada etapa, Mestrado e Doutorado, defender a pesquisa realizada no período proposto, apresentando que esta é importante e relevante para a sociedade. E para esta defesa, estes sujeitos exercerão uma nova função em suas vidas, a de *autor*.

Para iniciar nossa discussão, fazemos o seguinte questionamento: como ocorre a constituição de uma responsabilidade enunciativa na escrita dita acadêmica? Este trabalho, como já foi apresentado em linhas supracitadas, terá por objetivo principal identificar o aparecimento da figura de eu-autor em teses considerando a Responsabilidade Enunciativa, levando o foco para a constituição de uma autoria neste gênero.

A autoria será definida aqui como uma relação do sujeito com a necessidade de constituir e apoderar-se de um espaço para poder realizar a tessitura do seu texto e para isso precisaremos compreender as noções de enunciado, formação discursiva e interdiscurso. A

---

<sup>5</sup> Alain Rabatel, « L'effacement énonciatif dans les discours rapportés et ses effets pragmatiques », *Langages* 2004/4 (n° 156), p. 3-17. DOI 10.3917/lang.156.0003

noção que será adotada para analisar o processo de constituição da autoria em trabalhos acadêmicos será a apresentada por Foucault: o *autor* como apenas uma das especificações possíveis da função sujeito, posicionamento que explicaremos mais adiante. Na citação a seguir ficará mais clara a posição, no que tange uma definição de autoria, não a de função.

“Pede-se que o autor preste contas da unidade de texto posta sob seu nome; pede-se-lhe que revele, ou ao menos sustente o sentido oculto que os atravessa; pede-se-lhe que os articule com sua vida pessoal(...). O autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real. (FOUCAULT, 1992, pp. 27-28)

Percebe-se com a leitura da citação que para o filósofo não basta apenas escrever, o autor de um texto tem que firmar um contrato com o escrito e para isso este autor precisa defender sua tese ao ponto de precisar articular uma função de autor daquele texto escrito à outra função exercida pelo sujeito que está ali garantido os fatos que o levaram a escrever sobre determinado assunto. Sendo assim, além da função autor, este sujeito deve exercer a função pai, marido, amigo, entre outras, que aparecem marcadas em seu discurso.

Este contrato nos faz lembrar o que Lejeune (2008) desenvolve sobre o *pacto autobiográfico*. Para o autor, o pacto é o engajamento de um autor em contar diretamente sua vida (ou parte, ou um aspecto de sua vida) num espírito de verdade.<sup>6</sup> Apresentamos esta definição, porém o autor mesmo destaca que não há uma definição fechada para o termo.

O que é interessante é que esta noção de pacto trazida por Lejeune (2008) não é fechada, ela foi construída no decorrer de suas obras. A noção de pacto está relacionada diretamente a ideia de autobiografia e esta pode ser definida como um texto que mimetiza uma comunicação com a pessoa a quem se dirige o relato, comunicação que é assumida pelo próprio autor do texto. Segundo Lejeune (2008) “a recorrência obstinada de um certo tipo de discurso dirigido ao leitor” foi o que o autor reconheceu como pacto.

Trazer a ideia de pacto cultivada pelo francês é relevante para nos fazer pensar se há um momento em que adotamos um pacto, porém não autobiográfico, tendo em vista que não estamos analisando tais gêneros, mas sim acadêmico. Haveria um pacto acadêmico pré-estabelecido? O autor chega a aproximar o pacto autobiográfico ao aparelho formal da enunciação proposto por Benveniste em suas investigações, pois é pela enunciação que a língua é posta em uso, delineiam-se todas as circunstâncias dependentes do aqui-agora do locutor. Podemos concluir com base nos dois teóricos que ambos consideram que o sujeito se constrói ao ser enunciado.

---

<sup>6</sup> “l’engagement que prend un auteur de raconter directement sa vie (ou une partie, ou un aspect de sa vie) dans un esprit de vérité (LEJEUNE, 2006).

Contudo não adentraremos neste questionamento se há um pacto acadêmico, tendo em vista o tempo limitado do que dispomos para a realização da presente pesquisa, mas deixamos o pensamento escrito para futuras pesquisas sobre o assunto.

Retomando a questão da autoria, apropriando-nos do discurso de Foucault (1992) para explicar a questão da autoria, precisamos compreender que a autoria se relaciona à fundação de outros discursos, isto é, por meio da escrita o sujeito cria possibilidades e até regras que servirão de formação para a exposição de futuros discursos, sendo assim, a autoria é vista como fundadora de novos discursos.

Considerando as ideias acima, é evidente que os textos selecionados para esta pesquisa se encaixam corretamente no perfil elaborado por Foucault, já que os textos acadêmicos podem ser pensados em termos de fundação de uma discursividade, pois, a partir de um, outros surgiram dialogando ou refutando as ideias e preceitos do anterior.

Foucault (2008) em sua obra “*A ordem do discurso*” discute bem a situação do sujeito, discurso e instituição.

“Eu não queria ter de entrar nesta ordem do discurso, não queria ter de me ver haver com o que tem de categórico e decisivo(...) E a instituição responde: ‘Você não tem por que temer começar; estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na das leis...’ (2008, p.7)

Concordando com o pensamento de Foucault, a instituição, no nosso caso a academia, apresenta moldes para o processo de elaboração da escrita acadêmica, fornecendo os artifícios e as regras necessárias, o que pode, o que não pode e, principalmente, o que não deve fazer durante a tessitura de um trabalho acadêmico, via de regra impessoal.

Mas até que ponto a impessoalidade é preservada neste discurso? Nosso objetivo é configurar o momento em que o autor do texto acadêmico deixa transparecer por meio da sua escrita suas escolhas acadêmicas, quiçá pessoais. A hipótese levantada é que os elementos linguísticos identificados como marcas de uma assunção de responsabilidade nos textos em estudo são referentes a estruturas individuais e institucionais simultaneamente. Ao mesmo tempo em que identificam o narrador como autor do texto escrito, marcam uma autoria na qual incide a presença de uma autoridade.

Para melhor compreensão é necessário uma explicação mais específica dos termos apresentados: função-autor, função sujeito. Para isso utilizaremos o próprio Foucault, assim como as explicações dadas em uma tese de doutorado encontrada sobre o tema.

Foucault, em 1969, proferiu uma conferência na qual discutia a seguinte pergunta: *o que é um autor?* Questionamento que intitulou a conferência e um capítulo de livro. Para responder ao questionamento, o filósofo francês concebeu o termo *autor* como uma função

que não corresponde exatamente ao sujeito que escreve. Sendo assim há a *função-autor* como uma das especificidades da função sujeito.

O filósofo afirma que a função-autor foi um processo que se desenvolveu na época medieval como uma forma de controlar a circulação dos textos e dar-lhes autoridade por meio de uma marca legitimadora, uma assinatura. Para Barthes, a figura do autor ganha prestígio no final da idade média em que o racionalismo ascendia, assim como a importância do Homem.

Em concordância com o conceito de autoria de Foucault, Barthes (2004) escreveu um texto sobre a morte do autor e citando Mallarmé afirmou que é a linguagem que fala, não é o autor. Assim como Foucault defende em sua tese sobre a função-autor.

A discussão sobre autoria não para com os autores mais antigos. Em sua tese de doutorado, Baptista (2005), citando Foucault, defende que há quatro características diferentes para definir a autoria. A primeira diz respeito ao fato de a função-autor estar relacionada à ideia de propriedade; a segunda explica que a função-autor não é exercida de maneira universal e constante sobre todos os discursos; a terceira característica para definir a função-autor considera que a autoria não é espontânea, mas o resultado de intrincada operação e a quarta e última característica da função-autor diz respeito à “pluralidade de eus”. Para Baptista, haveria uma dispersão do autor no momento de criação.

Para Maia-Vasconcelos (2010, p. 72) o “pesquisador vive em seu trabalho, ele é em sua escrita. Não há, na verdade, escrita sem autor. Mesmo se este autor é posto a distância, ele está lá, ele passa através da extensão de seu braço que segura esta mão que escreve”.

Para Orlandi (1996) é através da noção de autoria que a dispersão do texto é controlada. Linguisticamente falando, o sujeito para dar sentido ao texto faz uso de mecanismos de coesão, como, por exemplo, os conectivos interfrásticos, além de elementos que são marcadores discursivos (como pronomes pessoais e advérbios que indicam um lugar próximo ao enunciador) e que apontam para um trabalho de singularização do qual emerge a autoria e que investigaremos nas introduções de teses e dissertações (BAPTISTA, 2005).

Retomando Barthes continua:

A escrita é esse neutro, esse compósito, esse oblíquo para onde foge o nosso sujeito, o preto-e-branco aonde vem perder-se toda a identidade, a começar precisamente pela do corpo que escreve[...] desde o momento em que o fato é contado [...] produz-se esse defasamento, a voz perde a sua origem, o autor entra na sua própria morte, a escrita começa. (Barthes 1987:49)

A morte do autor é um fenômeno necessário para garantir que o narrador possa recorrer “ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência,

mas em grande parte a experiência alheia)”. Se o autor morre, então seu texto não mais lhe pertence; e esse ‘despertencimento’ faz de sua experiência a experiência alheia.

Sobre essa morte do autor, Foucault (1992):

Essa relação da escrita com a morte também se manifesta no desaparecimento das características individuais do sujeito que escreve; através de todas as chicanas que ele estabelece entre ele e o que ele escreve, o sujeito que escreve despista todos os signos de sua individualidade particular; a marca do escritor não é mais do que a singularidade de sua ausência.

Para não ficar apenas na “repetição oca de que o autor morreu”, Foucault se propõe a trabalhar o apagamento em nome das formas próprias do discurso, com o objetivo de deslindar que regras passam a presidir seu funcionamento. Trata-se, pois, “de localizar o espaço deixado vazio pelo desaparecimento do autor, seguir de perto a repartição das lacunas e das fissuras e perscrutar os espaços, as funções livres que esse espaço deixa a descoberto” (1992, p. 26). Rabatel (2010) nomeia este desaparecimento do autor como *effacement enunciativé*.

Para Barthes é preciso que o autor assuma a postura de defender sua tese, garantir por meio de experiências de outrem, e tomando para o nosso estudo este *outrem* pode ser observado nas citações utilizadas como forma de enaltecer uma postura por meio de um sujeito que já explicitou sobre o tema; e depois morra, e aqui devemos entender o termo morrer, como aquele momento que se abre mão do texto e se deixa que outras pessoas o modifiquem.

Em seu estudo sobre uma possível análise de discurso dialógica contida entre Foucault e Pêcheux, Gregolin (2006) explica que o conceito de autoria em Foucault pode ser analisado do ponto de vista sócio-histórico, acompanhando a constituição do autor como um personagem.

Possenti (2002), em um artigo sobre autoria, explica que não podemos falar em autoria sem citar Foucault (1969), assim como Chartier (1994) que acrescentou novas ideias as explicações de Foucault. Explica também, que para o primeiro a noção de autor se correlaciona com a noção de obra, para que um exista o outro precisa existir. E esta noção de autor é discursiva, isto é, autor é de alguma forma construída a partir de um conjunto de textos ligados a seu nome e não simplesmente por ter efeito uma obra, por isso a diferença entre *autor e escritor*.

Sobre o que Possenti (2002) afirma, talvez seja pretencioso demais afirmar que o autor não existe sem sua obra, tendo em vista que o autor deve se caracterizar não só por ser o autor de uma obra, mas também por ter a possibilidade de produzir diversos outros textos que

o marcaram como autor e que não necessariamente precisam ganhar o *status* de obra. Sobre a noção de obra, Foucault em *o que é um autor?* explica:

É dito, de fato (e é também uma tese bastante familiar), que o próprio da crítica não é destacar as relações da obra com o autor, nem querer reconstituir através dos textos um pensamento ou uma experiência; ela deve antes analisar a **obra em sua estrutura, em sua arquitetura, em sua forma intrínseca e no jogo de suas relações internas** (grifo nosso). (1992, p.8)

Barthes (2004) explica em seu texto *A morte do autor* que um texto não é feito de uma linha de palavras, mas um espaço de dimensões variadas em que nenhuma é original, tendo em vista que o texto é um tecido de citações.

Em uma discussão em seu livro *Fictions en quête d'auteur*, Pluvinet (2012) explica citando Foucault que o autor perdeu sua evidência e sua atemporalidade através das análises equivocadas realizada na história. Principalmente a confusão realizada entre *autor* e *escritor*.

Em sua tese que originou o livro utilizado na presente pesquisa, Charline Pluvinet teve como objetivo principal apresentar que a criação do autor é baseada em um processo de autorrepresentação. Para isso a autora utilizará em suas bases de estudos os dois grandes nomes no assunto: Roland Barthes e Michel Foucault. Pluvinet (2012) concebe a autoria não como uma simples relação entre um homem e sua obra, tal fenômeno de análise a autora atribui o nome de *l'équation de l'auteur*.

Penha (2010) discute sobre a autoria em resenhas acadêmicas, porém assume como base teórica Bakhtin. Para autora trabalhar com Bakhtin garantirá uma percepção mais completa no que tange o cruzamento das noções: autoria e ideologia.

Lima (2008) em sua dissertação de mestrado trabalhou também com gêneros acadêmicos, mas especificamente com resenhas. A autora buscou compreender como ocorria a constituição da autoria em resenhas acadêmicas. Observemos.

“O trabalho que iremos apresentar se coloca, em alguma medida, no espaço de discussões, crescente na Análise de Discurso, sobre a constituição da autoria em diferentes tipos de textos. Nosso propósito com a presente pesquisa é poder contribuir, minimamente, com a discussão sobre a noção de autoria na AD, discutindo, especificamente, o processo de constituição da autoria em resenhas acadêmicas”. (p.13)

Além da autora citada acima, Dalva (2010) também partiu de uma inquietação sobre a presença do autor em um gênero acadêmico para desenvolver sua dissertação. A autora trabalhou com resenhas, porém com uma perspectiva diferente de Lima (2008), apesar de ambas possuírem uma preocupação semelhante: perceber como a autoria era constituída no

gênero resenha acadêmica, uma partiu dos preceitos do dialogismo e da polifonia de Bakhtin, enquanto a outra utilizou-se dos conceitos de formação discursiva e função-autor de Foucault

Para Dalva (2010, p.10):

“os sujeitos constituem-se autor a partir de indícios, que se materializam nos elementos lexicais, como: uso de aspas, verbos de dizer que introduzem discursos diretos, formas pronominais de 1ª ou 3ª pessoa, expressões valorativas, bem como a partir de posicionamentos do sujeito-autor.”

Não usaremos Bakhtin em nossos estudos, mas não desmerecemos as pesquisas do russo no campo da autoria, porém como queremos estabelecer um cruzamento de ideias entre Barthes e Foucault sobre o assunto, porém priorizando as ideias do segundo, não será interessante acrescentar um terceiro ponto de vista divergente à pesquisa.

Retomando e em concordância com Possenti (2002) sobre os grandes nomes da autoria, podemos dizer que a noção de singularidade e de estilo nasce após a noção de autoria postulada por Barthes, Foucault e Bakhtin. Possenti acrescenta que o *autor* não se refere somente aos domínios de uma obra ou uma discursividade.

Por considerar o conceito de autoria a partir, simultaneamente, da singularidade e da tomada de posição e, por abordar a singularidade na autoria aliada à questão do estilo, defendemos que não há estilo sem posição. O estilo individual não é interpretado como uma escolha consciente, mas como um modo particular de assumir posição acerca de um projeto de dizer ancorado na situação histórico-enunciativa o que nos leva a pensar na responsabilidade de assumir o que é dito.

### ***2.3 A Responsabilidade Enunciativa***

Antes de iniciarmos nossa discussão sobre a noção de Responsabilidade Enunciativa (doravante RE) achamos pertinente uma retomada do conceito sobre enunciação, enunciador, locutor, uma vez que tais preceitos servirão de base para o desenvolvimento deste conceito tão discutido atualmente, bem como definições de ponto de vista (doravante PDV).

Para Benveniste (1999) a língua é constituída por uma parte semiótica e uma parte semântica:

La lengua es el único sistema cuya significancia se articula, así, en dos dimensiones. Los demás sistemas tienen una significancia unidimensional: o semiótica (gestos de cortesía) sin semántica; o semántica (expresiones artísticas), sin semiótica. El privilegio de la lengua es portar al mismo tiempo la significancia de los signos y la significancia de la enunciación.

O autor citado parte dos conceitos apresentados por Ferdinand Saussure para apresentar seu ponto de vista, porém não desmerece em nenhum momento as ideias saussurianas. Mas explica que precisamos superar a noção de signo como princípio único da língua e passar a pensar sobre a ótica de dois prismas analíticos: intralinguístico e o translinguístico.

Para Benveniste (1999) “a enunciação pode ser definida, em relação à linguagem, como um processo de apropriação.”<sup>7</sup>. Sendo assim, a teoria da enunciação caracteriza-se por considerar o *sujeito* como centro de reflexão da linguagem, distinguindo *enunciado* (o já realizado) de *enunciação* (ato de produzir o enunciado). O que interessa, portanto, é o processo, isto é, as marcas do sujeito naquilo que ele diz.

Assim, Dubois (1969) afirma:

“a enunciação é definida como a atitude do sujeito falante diante de seu enunciado, este fazendo parte do mundo dos objetos. O processo de enunciação, assim visado, será então descrito como uma distancia relativa posta pelo sujeito entre ele mesmo e esse enunciado [...]”<sup>8</sup> (p.104)

Segundo Penha (2010, p.16) citando Volochinov (1917) “a enunciação deve se constituir a partir do meio social em que o individuo esta inserido”, isto é, para a autora a enunciação se processa tendo por base um contexto social no qual o sujeito faz parte. Podemos ainda acrescentar que a enunciação é um processo que constitui e é constituída pelo texto, pois é nela que os interlocutores agem em função de uma orientação argumentativa.

Chacon (2013) em sua tese explica que para fazer uma boa análise sobre RE, os conceitos de locutor e enunciador devem ser apresentados, bem como as ideias de enunciado, enunciação, polifonia e dialogismo. Sabemos que não há um consenso quanto as definições e conceitos destes termos para falarmos de locutor e enunciador nos apoiaremos nas ideias de Ducrot (1987).

Na teoria polifônica desenvolvida por Oswald Ducrot, observamos que nem sempre um indivíduo que produz um ato de enunciação se assume como responsável por ele. Sendo assim, o autor propõe três níveis de polifonia para cada ato de enunciação. Primeiramente, no nível I está o sujeito falante, ele é o indivíduo que enuncia física e acusticamente o enunciado dirigindo-o para um ouvinte real. Num nível II de polifonia está o locutor, o responsável pelo enunciado que produz e que se distingue do sujeito empírico tal como o narrador se distingue do autor em narratologia. O locutor é uma entidade simétrica ao

<sup>7</sup> “la enunciación puede definirse, en relación con la lengua, como un proceso de apropiación.”

<sup>8</sup> L’ énonciation est définie comme l’attitude du sujet parlant en face de son énoncé, celui-ci faisant partie du monde des objets. Le procès d’énonciation, ainsi envisagé, sera alors décrit comme une distance relative mise par le sujet entre lui-même et cet énoncé [...]

alocutário, instância a quem o locutor dirige o enunciado. Quer o locutor, quer o alocutário se inscrevem na superfície discursiva através de dêiticos pessoais de primeira e de segunda pessoa, respectivamente. Num nível III de polifonia, o enunciador, entidade responsável de um dado ato de fala, opõe-se a destinatário, que nem sempre se identifica com o alocutário, podendo ser mais amplo. Ducrot (1987) mostra que no enunciado a ordem precisa ser mantida custe o que custar. A diferença estabelecida pelo autor entre locutor e enunciador permite explicar, por exemplo, o mecanismo da ironia: o locutor responsabilizar-se-á das palavras, mas não do ponto de vista da ironia, tarefa deixada para o enunciador.

Rabatel (2008) também define os termos dialogismo e polifonia. Para o autor o primeiro seria o fenômeno linguístico fundamental de todo e qualquer enunciado terçado pelo diálogo interno ou externo que o enunciador entretém com outros enunciadores. Já a polifonia, corresponde a um fenômeno languageiro de essência estética. Para o autor a polifonia está relacionada a discursos romanescos, em que há por parte do narrador uma apresentação de diferentes pontos de vista sem que haja uma relação com o seu.

E em sua obra *Homo narrans*, Rabatel (2008) deixa bem clara sua preferência pelo termo dialogismo, pois para ele o que ocorre na construção de um ponto de vista (PDV) é a representação de percepções que fornecem uma abordagem mais dialógica, quiçá responsiva entre o locutor e o enunciador primeiro (L1/E1) e o enunciador segundo (e2), termos que apareceram bastante em nossas análises.

Chacon (2013) nos mostra que Rabatel (2008) descreveu a relação existente entre vozes e ponto de vista. O autor acredita que a oposição que alguns autores apresentam entre dialogismo (hierarquização de vozes) e polifonia (igualdade de vozes) precisa ser bem explicada para que alguns contrassensos no sistema bakhtiniano sejam evitados. Sendo assim, para o Rabatel, a igualdade das vozes tem sua pertinência, porém em um nível narratológico, que por sua vez não exclui a hierarquização das vozes:

É toda dificuldade de ambivalência das vozes de Bakhtin, que Genette começou a levantar com sua análise das focalizações narrativas. Uma voz pode, ao mesmo tempo, remeter a uma fala de locutor, mas também a um ponto de vista (PDV). Ora, esse PDV, por um lado, não corresponde necessariamente a um locutor, ele pode se referir a enunciadores intradieгéticos distinto distintos do locutor [...] Em outros termos, a voz a qual se fala aqui não tem necessariamente a ver com o conceito linguístico de “voz referida a um locutor”, mas corresponde, antes, a valores[...]<sup>9</sup>

Para complementar, Rabatel (2008) citado por Chacon (2013, p.67) considera que o dialogismo “não é somente o fato de que o discurso se compõe de discursos anteriores, é,

---

<sup>9</sup> Tradução retirada da tese de doutorado pertencente à Chacon (2013) que consta nas referências bibliográficas deste trabalho.

também, o fato de refletir, voluntariamente, em seu discurso, pontos de vista diferentes.” E será com base nestas afirmações que apresentaremos adiante a noção de RE.

A noção de RE tem sido amplamente discutida por autores como Rabatel (2009); Adam (2011); Rodrigues (2010); Passeggi (2010) que tentam chegar a um entendimento desse fenômeno. Culioli (1971) citado por Passeggi (2010) defende que “toda enunciação supõe a responsabilidade enunciativa do enunciado por um enunciador” (p.153). Sendo assim, escrever uma tese, tomando por base os conceitos sobre o gênero já apresentado nas seções anteriores, é apresentar um ponto de vista assumindo a responsabilidade e defendendo uma discussão pautada em teorias existentes, porém propondo uma perspectiva original, seja analítica, seja metodológica sobre o determinado ponto de vista defendido.

A escolha por trabalhar com RE é pertinente ao nosso estudo tendo em vista que os trabalhos encontrados nesta perspectiva teórica vêm discutindo esta responsabilidade em gêneros acadêmicos em sua grande maioria. Podemos citar como exemplo, a pesquisa desenvolvida por Rodrigues (2010), pautada na investigação sobre a quem é creditada a responsabilidade pelos discursos em diferentes textos acadêmicos, focalizando que marcas linguísticas podem identificar as diferentes vozes nos enunciados e como se materializam as fronteiras linguísticas que demarcam as vozes do discurso do eu (citante) e do discurso do outro (citado). Há também pesquisas no campo da Literatura, Chacon (2013), em sua tese, buscou apresentar o fenômeno da materialização da RE em um relato de viagem *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne*.

A produção citada no parágrafo anterior é nacional, há também estudos desenvolvidos no exterior, podemos mencionar trabalhos desenvolvidos por autores como Fløttum, Dahl & Kinn (2006) que estudam como as vozes de pesquisadores são refletidas e como os autores apresentam e promovem suas próprias pesquisas através de uma perspectiva polifônica. Além deles há um que será muito mencionado e discutido por nós nesta pesquisa, Rabatel (2010) investiga, a relação entre textos e esquemas e os posicionamentos enunciativos que constroem figuras de autoria científica e/ou figuras de vulgarizador do conhecimento científico em textos de um pesquisador especialista.

Apresentar as pesquisas desenvolvidas sobre RE ressalta a aplicabilidade da nossa pesquisa, uma vez que objetivamos observar as estratégias linguísticas da (não)assunção da responsabilidade enunciativa em teses de doutoramento. Por isso, consideramos que a responsabilidade enunciativa é “susceptível de ser marcada por um grande número de unidades da língua” (Adam, 2011, p.117) e, nesse sentido, elegemos duas das categorias suscitadas pelo autor como marcas linguísticas que caracterizam a materialidade textual indicando o grau de RE

dos enunciados a serem analisados: **os diferentes tipos de representação da fala, as indicações de quadros mediadores.**

Apesar de citarmos algumas vezes o nome de Adam (2011) quando falamos sobre RE, é importante deixar claro para nosso leitor que Adam (2011) não se propõe a teorizar sobre a noção de RE, uma vez que seu objetivo principal é fornecer uma visão do conjunto das questões pertinentes ao estudo do texto/discurso, como afirma Rodrigues (in PASSEGI, 2010a, p. 298-299):

[a responsabilidade enunciativa]. Ela é discutida em Adam 2008a, em dois momentos principais: primeiro, enquanto dimensão indispensável da unidade textual elementar, a proposição enunciado (p. 115-122); segundo, na discussão específica do escopo dos marcadores de responsabilidade enunciativa (p.186-189). [...] A responsabilidade enunciativa é uma das dimensões constitutivas da proposição-enunciado, juntamente com a representação discursiva e o valor ilocucionário.

Para Adam (2008, p. 117-120), a RE, pode ser materializada textualmente por diversas marcas que caracterizam o grau de RE de uma proposição. São elas:

- Os índices de pessoas;
- Os dêiticos espaciais e temporais;
- Os tempos verbais;
- As modalidades objetivas (dever, ser preciso...), intersubjetivas (imperativo, pergunta, dever, poder...), subjetivas (querer, pensar, esperar), verbos de opinião (crer, saber, ignorar, declarar que...), advérbios de opinião (talvez, sem dúvida, provavelmente...), lexemas afetivos, avaliativos e axiológicos (pequeno, gentil...);
- Os diferentes tipos de representação da fala (discurso direto, discurso indireto, discurso narrativizado etc.);
- As indicações de quadros mediadores (segundo, de acordo com, para etc.);
- Os fenômenos de modalização autonímica (isto é, ou seja etc.);
- As indicações de um suporte de percepções e de pensamentos relatados (focalização perceptiva – sentir, ver, tocar, experimentar – ou focalização cognitiva – saber ou pensamento representado).

Responsabilizar-se é tomar para si e assumir as propriedades de algo, compreendendo-as como verdade. Assim a RE é um fenômeno que resulta do princípio de sinceridade, pois é necessário que o enunciador se engaje no discurso, assumindo um determinado PDV e contrapondo-o aos demais. Mas, o que seria o PDV de que tanto falamos aqui?

Segundo Rabatel (2010, p. 518):

[...] o PDV se apresenta como um dado objetivo anterior a todo julgamento, antes das pressuposições e das premissas. Assim, com o PDV, a natureza sempre sujeita a discussão do que é posto, é mascarada pelo fato de que o posto é apresentado, sobre o *modo da evidência perpétua*, e então é apresentado, nesse sentido, como não contestável. [...]<sup>10</sup>

Observamos que para o autor, o PDV pode ser definido pelos meios linguísticos pelos quais um sujeito, quer singular, quer coletivo visa um objeto. Para isso o sujeito, que é responsável pela referenciação do objeto, enuncia seu PDV, às vezes diretamente, por comentários explícitos ou indiretamente pela referenciação do material linguístico.

Para Amossy (2005, p.72), os pontos de vista podem contribuir para marcar a (não) assunção da RE:

A localização, com a ajuda de marcadores linguísticos, das vozes e dos pontos de vista permite, em contrapartida, ver como o locutor os assume e os hierarquiza marcando (ou escondendo) sua própria posição. Estamos aí na polifonia, que permite ao discurso argumentativo revelar suas estratégias pondo em cena um debate, ou um conjunto de pontos de vista, no seio de um discurso único. (p.72)

Rabatel (2008) explica que uma das ferramentas que pode ajudar para se analisar um texto é a problemática do ponto de vista (PDV), por isso os conceitos sobre PDV apresentados acima serão úteis em nossas análises. Também vimos nos pressupostos rabatelianos uma grande vantagem: o fato de que ele também considera, no momento da análise, a interpretação.

Já definimos e trouxemos algumas ideias distintas sobre o conceito de PDV, porém como nossa base teórica é alicerçada pelos conceitos rabatelianos, achamos necessário apresentar os diferentes tipos de PDV que existem defendidos pelo autor. E este distingue os PDV entre: *représentés, racontés e assertés* (representados, contados e afirmados). O PDV “representado” podemos apreender a partir das relações sintáticas e semânticas de um enunciador, um processo de percepção e um objeto percebido. Mas o autor esclarece que nem sempre os três componentes ocorrem juntos. O autor explica que o PDV representado “repousa sobre a disjunção do locutor e do enunciador”.

Já o PDV “contado” nos remete a textos escritos a partir da perspectiva de um personagem que, todavia, não é focalizador (enunciador). O PDV “contado” visa o desenrolar dos fatos a partir da perspectiva de um dos atores do enunciado, sem dar a esse ator um espaço enunciativo particular.

---

<sup>10</sup> Le PDV se présente comme un *donné objectif antérieur à tout jugement*, en aval des données ou des prémisses. Ainsi, avec le PDV, la nature toujours sujette à discussion du posé est masquée par le fait que le posé est présente sur le *mode de l’évidence perceptuelle*, et donc est présentée, à ce titre, comme non contestable.

Por fim, o PDV “afirmado” estar relacionado à noção de opinião “manifestada ou de tese” de acordo com Rabatel (2008, p.104), isto é, uma opinião assumida explicitamente. Uma característica que marca este PDV é o valor persuasivo do *ethos*. Este constrói uma imagem do locutor que desempenha um papel naquilo que quer transmitir.

Tendo em vista “(...)a concepção segundo a qual assumir a RE é falar, dizer”<sup>11</sup>, Rabatel (2009) discute a noção de RE em uma perspectiva mais ampla e para isso o autor esclarece que pode ocorrer três possibilidades de assumir a responsabilidade se um locutor/enunciador primeiro (L1/E1)<sup>12</sup> atribui a um locutor enunciador segundo (e2)<sup>13</sup> um dado enunciado. A primeira: seja L1/E1 discordante de e2, ocorre a não assunção da responsabilidade enunciativa. A segunda: seja L1/E1 marcar sua neutralidade, implicando assim uma responsabilidade zero. E a terceira: seja a concordância de L1/E1 com o PDV de e2, assumindo assim a responsabilidade.

Em suma, a assunção da responsabilidade enunciativa ocorre quando L1/E1 assume o conteúdo proposicional do enunciado por conta própria. Já à imputação, Rabatel (2009) considera que, em virtude de fenômenos constitutivos da enunciação, como o dialogismo ou polifonia, é possível delegar a responsabilidade pelo PDV a outros enunciadores e2, ou seja, quando L1/E1 não assume a responsabilidade pelo enunciado e o atribui a um e2, estamos diante de um caso de imputação.

Vimos na ATD, postulada por Adam (2011), o percurso metodológico perfeito para realização desta pesquisa, uma vez que a ATD é fundamentada em uma abordagem teórica descritiva na área da Linguística Textual que tem por objetivo: pensar o texto e o discurso como novas categorias. Para tanto, o referido autor propõe uma espécie de articulação envolvendo dois campos do saber: a Linguística Textual (LT) e Análise do Discurso (AD), ambos com um ponto central: os gêneros do discurso. Esta proposta teórica apresentada pelo autor é relevante tendo em vista que funda o entendimento do texto enquanto circunscrito em um discurso sendo assim caracterizado por uma formação sociodiscursiva, pela interação, e por um gênero determinado. Assim, podemos afirmar que a ATD analisa o texto considerando o seu comportamento discursivo.

---

<sup>11</sup> Rodrigues (2010) *apud* Ducrot (1984)

<sup>12</sup> Locutor/enunciador

<sup>13</sup> Segundo enunciador

## Capítulo Terceiro: Do Percurso Teórico-Metodológico

*“Para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele.”*

*(Menga Ludke)*

### 3.1 Aspectos metodológicos da pesquisa

Dedicaremos esta seção à apresentação do percurso metodológico trilhado por nós, que vai desde a coleta do material, organização e constituição do corpus até os procedimentos analíticos que tornaram operativos nossos objetivos específicos.<sup>14</sup>

Antes de passarmos à apresentação dos procedimentos, é necessário um esclarecimento sobre a escolha de um capítulo teórico-metodológico tendo em vista que o capítulo anterior foi dedicado à explanação de toda a fundamentação teórica. Por que aludir “a teoria” nesta seção novamente? A explicação reside no fato desta pesquisa caracterizar-se como documental, uma vez que propõe o estudo de textos empíricos que não foram submetidos a tratamento analítico. Por termos trabalhados com documentos, dispensando assim procedimentos como: entrevistas, questionários, observação de participantes, faz-se necessário a maior explanação das bases teóricas e metodológicas. Além de seguimos uma abordagem qualitativa de base interpretativa e filiada aos procedimentos teórico-metodológicos da ATD.

Para a realização de nossa pesquisa utilizaremos, como foi dito no parágrafo anterior, uma abordagem qualitativa de natureza interpretativa, tendo em vista que a interpretação com base nas categorias teóricas que serão apresentadas posteriormente será o centro de nossas análises. Na pesquisa qualitativa, há por parte do pesquisador uma busca em compreender os fenômenos para posteriormente expor sua interpretação sob os fenômenos estudados.

---

<sup>14</sup> Que serão apresentados novamente nas próximas linhas.

Retomando o esclarecimento do título do capítulo, de acordo com Carvalho (2000), o método, cientificamente falando, não deve ser reduzido a uma simples apresentação de passos de uma determinada pesquisa, não é somente uma descrição de procedimentos ou dos caminhos traçados pelo pesquisador para a obtenção dos resultados. Para o autor vai muito além disso, pois quando se falar em método, pretende-se explicitar quais os motivos levaram o pesquisador a escolher certos caminhos e não outros. Sendo assim, podemos parar e pensar que a questão do método é teórica, tendo em vista que se refere aos pressupostos que fundamentarão o modo de fazer a pesquisa, e estes pressupostos são anteriores à coleta das informações.

A nosso ver, em concordância com Lüdke e André (1986), o que cada pessoa seleciona para analisar depende muito de sua história pessoal e cultural. Sendo assim, é pelo seu trabalho como pesquisador que o conhecimento específico do assunto vai crescer, mas esse trabalho vem carregado e comprometido com todas as particularidades do pesquisador.

As ideias citadas acima comprovam que nossa escolha de trabalhar *a assunção de uma responsabilidade enunciativa introduções de teses* não foi aleatória. Primeiramente, é uma dúvida que se faz presente desde o início na vida acadêmica e na produção científica. Entender como há marcas de um sujeito que por meio de suas escolhas pessoais expõe e defende um trabalho científico é no mínimo intrigante, se não dizer apaixonante e aqui deixamos nossas vozes de pesquisador aflorar. Por fim, acreditamos que este estudo possibilitará ao leitor um novo olhar sobre as pesquisas que tratam de Responsabilidade Enunciativa.

### **3.2 Questões de pesquisa**

Como vimos na introdução, os questionamentos que nos levaram a conduzir esta pesquisa foram:

- a) Como identificar e analisar a assunção do ponto de vista do autor em teses considerando a responsabilidade enunciativa? (Norteadora)
- b) Como as estratégias linguísticas apresentam o ponto de vista do autor na seção introdução em teses de cursos de pós-graduação *stricto-sensu*?
- c) De que modo o ponto de vista em teses pode contribuir para assunção da responsabilidade enunciativa?

### 3.3 Objetivos da pesquisa

#### 3.3.1 *Objetivo geral*

Identificar e analisar a assunção do ponto de vista do autor em teses considerando a responsabilidade enunciativa.

#### 3.3.2 *Objetivos específicos*

A partir do objetivo geral, temos como objetivos específicos:

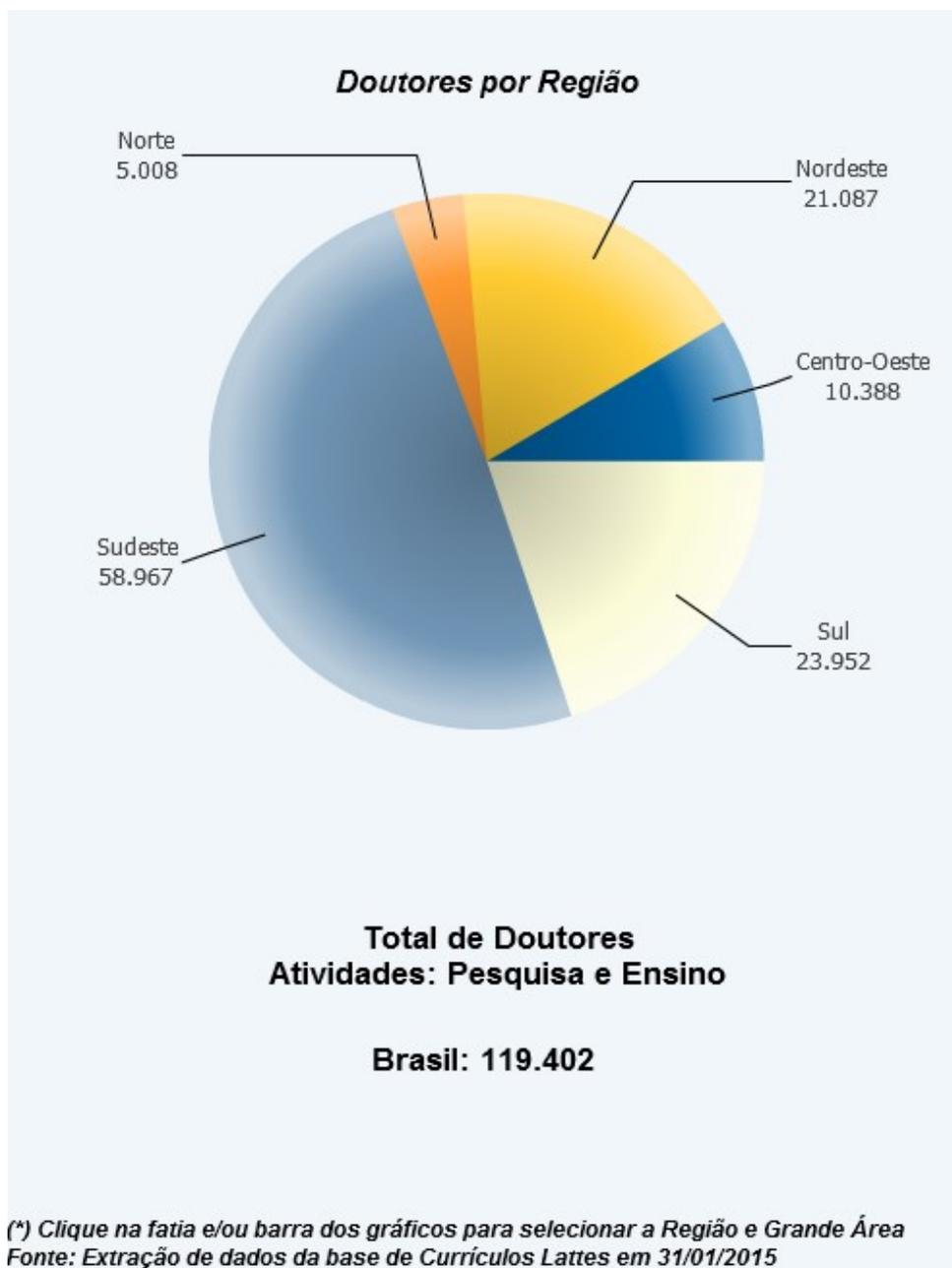
- a) Identificar as estratégias linguísticas que aponta o ponto de vista do autor na seção introdução em teses de cursos de pós-graduação *stricto-sensu*;
- b) Verificar e analisar as contribuições que o ponto de vista aporta para a assunção da responsabilidade enunciativa.

### 3.4 Coleta, organização do material e constituição do *corpus*

A primeira etapa do trabalho foi marcada pela busca das fontes, de maneira a adquirir os documentos necessários para a pesquisa. Neste primeiro momento não houve preocupação em estabelecer categorias de análises, pois este seria o passo seguinte. Importava somente obter as teses de doutorado.

O número de teses produzidas no Brasil é quantitativamente imenso. Para que possamos ter uma base da quantidade produtiva acadêmica observemos os dados quantitativos abaixo retirados das páginas do CNPq. Estes dados nos ajudaram a justificar algumas informações em nossa pesquisa, como por exemplo, a dificuldade em encontrar uma tese produzida na Região Norte para análise, haja vista que o número de doutores formados nesta região é praticamente mínimo.

Gráfico 03 – Número absoluto de doutores por regiões no Brasil



Fonte: Plataforma CNPq

Evidentemente, não seria possível dar conta de analisar todas essas produções. Por isso, adotaram-se, então, três critérios para a constituição do nosso *corpus*: a) selecionaram-se **duas** áreas de estudo; b) elegeram-se teses defendidas em programas de doutoramento de universidades brasileiras; c) enumeraram-se **uma** tese de cada região para as duas áreas.

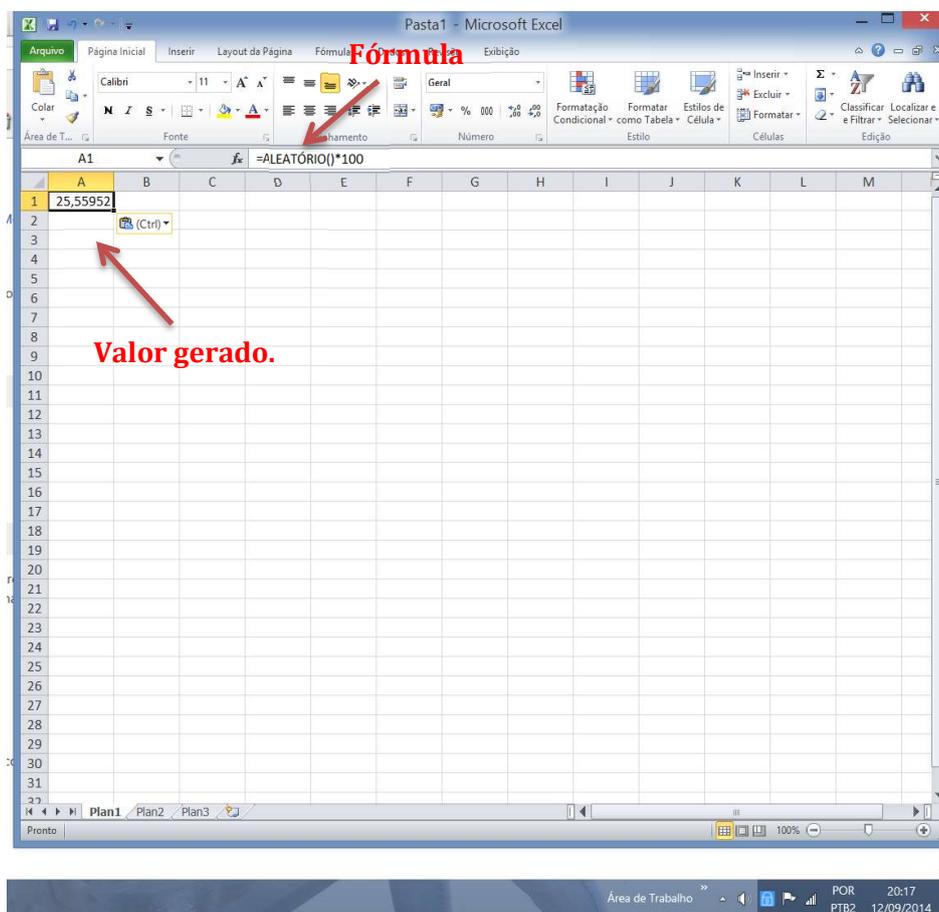
Temos atualmente cerca de 300 trabalhos entre teses e dissertações coletados, porém para a presente pesquisa não utilizaremos as dissertações. O *corpus* será constituído por teses das áreas de Ciências Humanas e de Ciências Exatas. A escolha se deu pelo fato de

intencionarmos uma maior diversidade de escritas, sem levar em questão nossa compreensão individual dos temas abordados nos trabalhos. Tendo em vista que o foco recairá sobre a escrita do pesquisador-autor na introdução de seu trabalho, acreditamos poder dar conta de nossos objetivos, vez que se trata tradicionalmente de uma sessão descritivo-explicativa. O *corpus* será coletado de universidades brasileiras das cinco regiões do país num período de 10 anos que corresponde do ano de 2004 ao ano de 2014.

Quando o *corpus* foi selecionado, optamos por retirar de nossas análises teses escritas na 1ª pessoa singular e/ou plural, pois acreditamos que a presença discursiva do autor seria bem marcada o que não contribuiria para esta pesquisa. Porém para estudos futuros, talvez possa ser de grande valia, pois se pararmos para pensar, a academia exige uso da impessoalidade na escrita, mas observamos no momento da coleta, um grande número de teses escritas em 1ª pessoa do singular e tal fenômeno é algo para pensar. Sendo assim, nosso *corpus* será composto por teses escrita na 3ª pessoa ou na 3ª com o uso da partícula “se”.

Um critério utilizado foi o de aleatoriedade que vai garantir estatisticamente a confiabilidade dos dados que serão selecionados. Dentre os 300 trabalhos que possuímos, selecionamos 100 teses utilizamos a seguinte regra matemática para compor a quantidade de teses deveriam ser analisadas. Os melhores critérios de aleatoriedade são aqueles que são calculados utilizando-se uma planilha eletrônica. Para isso, utilizaremos uma tabela no Microsoft Excel utilizando a seguinte fórmula: =ALEATÓRIO()\*n, nesta fórmula, bastou substituí o “n” pelo número de teses que compõe nosso universo de pesquisa (o total de teses retiradas das 300) que o sistema irá dar um número aleatório. Observemos a imagem abaixo ela diz respeito ao procedimento utilizado no dia 12/09/2014 com a intenção de selecionar o número de teses a serem analisadas neste trabalho.

Imagem 01 – Resultado da fórmula de aleatoriedade de seleção.



Fonte: Elaborada pelos autores

Podemos observar que o valor obtido foi de aproximadamente 25 teses a serem analisadas neste trabalho o que a nosso ver é um valor pertinente, porém alto tendo em vista que são duas áreas e nosso foco recairá sobre a seção introdução de cada tese e nesta serão analisadas duas categorias distintas.

Continuando, para compor o *corpus* utilizaremos por base à análise documental o site do Domínio Público, assim como os sites das universidades públicas do Brasil que disponibilizam suas produções científicas (teses e dissertações) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertação (BDTD).

O processo de coleta compreenderá um método utilizado na área das Ciências Humanas e Sociais, a pesquisa documental. Optou-se por esta metodologia, pois acredita-se que o uso de documentos para compor uma pesquisa é muito importante, pois a partir das informações que deles podemos extrair e resgatar possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural. Por

exemplo, na reconstrução de uma história vivida. Além destas contextualizações mencionadas, a observação mais importante para a pesquisa será a construção autoral.

É importante esclarecer que há uma diferença entre pesquisa documental e pesquisa bibliográfica. Esta remete para as contribuições de diferentes autores sobre o tema, atentando para as fontes secundárias, enquanto aquela recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias. E será com a primeira, a pesquisa documental que trabalharemos.

Segundo Oliveira (2007) é fundamental que entendamos o significado de fontes primárias e fontes secundárias. As fontes primárias são dados originais, a partir dos quais se tem uma relação direta com os fatos a serem analisados, ou seja, é o pesquisador que analisará. Já as fontes secundárias são dados que já foram trabalhados por outros estudiosos e, por isso, já são de domínio científico, o chamado estado da arte do conhecimento.

Na presente pesquisa, temos como objetivo principal analisar as estratégias linguísticas que apontem o aparecimento da figura do eu-autor em teses de doutoramento considerando a RE, em que os eu-autor-pesquisador deixa transparecer em trabalhos acadêmicos na seção introdução, sendo assim será explorada e analisada com as fontes primárias aquelas que ainda não ganharam um olhar científico e para isso retomaremos sobre nosso componente teórico e metodológico, a Análise Textual do Discurso (ATD) e os procedimentos de análise para encerrar este capítulo e darmos início às análises dos dados coletados.

### 3.5 Procedimentos de análise

Como nossa temática de pesquisa é a Responsabilidade Enunciativa (RE), não podemos deixar de usar os pressupostos apresentados por Alain Rabatel, que vem a ser um dos mais relevantes teóricos na abordagem sobre RE.

Os pressupostos que utilizamos para responder nosso primeiro objetivo específico são apresentados por Adam (2011). Dentre todas as categorias apresentadas pelo autor, elegemos duas: **os diferentes tipos de representação da fala e as indicações de quadros mediadores**. A primeira foi escolhida devido ao fato de trabalharmos com um texto em que pode haver sobreposição de vozes, já que o doutorando utiliza-se além de seu discurso, o discurso de outros estudiosos para legitimar o seu. A segunda foi escolhida pensando na possível (não) assunção da responsabilidade, porém caso aconteça, nossa explicação para o fenômeno repousa na legitimação do discurso.

Imagem 02 – Recorte de algumas categorias de análise propostas por Adam(2011).

Diferentes tipos de representação da fala	Discurso direto (DD) Discurso direto livre (DDL) Discurso indireto (DI) Discurso narrativizado (DN) Discurso indireto livre (DIL)
Indicações de quadros mediadores	Marcadores como <i>segundo, de acordo com e para</i> Modalização por um tempo verbal como o futuro do pretérito. Escolha de um verbo de atribuição de fala como <i>afirmam, parece</i> Reformulações do tipo <i>é, de fato, na verdade, e mesmo em todo caso</i> Oposição de tipo <i>alguns pensam ( ou dizem) que X, nós pensamos ( dizemos) que Y</i>

Fonte: Livro *A Linguística Textual*, p. 119.

Como já explicamos anteriormente, nosso *corpus* será constituído por teses de duas grandes áreas do conhecimento científico: Humanas e Exatas. Nosso levantamento foi feito a partir das categorias citadas com o intuito de verificar como elas se materializariam em nosso *corpus*. As introduções analisadas encontram-se em anexo.

De modo mais detalhado, para realizar nossas análises e contemplar nossos objetivos, adotamos os seguintes procedimentos:

- realização do procedimento aleatório para a escolha das teses a serem analisadas;
- leitura atenta e pontual das introduções;
- análise interpretativa com o intuito de identificar em qual/quais tipo(s) de ponto de vista nosso *corpus* se insere;
- destaque diferenciados das marcas que denotam a (*não*) assunção da Responsabilidade Enunciativa, com base nas categorias escolhidas.

Podemos perceber que o tratamento analítico concebido a presente pesquisa, além de marcas linguísticas que podem ser identificadas no texto foi essencialmente de base qualitativa e o resultado desta pesquisa poderá ser conferido no próximo capítulo.

## Capítulo Quarto:

### Dos resultados

*“O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.”*

*(Michel Foucault)*

Neste capítulo apresentaremos os resultados obtidos. A partir do confronto dos textos escolhidos para compor nosso *corpus* com os conceitos de responsabilidade enunciativa e ponto de vista que delineamos e dos procedimentos metodológicos descritos nossas análises serão desenvolvidas satisfatoriamente, assim desejamos.

Optamos por dividir esta seção em três subseções. Como já dissemos nos baseamos nos estudos da Análise Textual do Discurso, por isso utilizamos dois autores no que tange à análise da RE: Alain Rabatel e Jean-Michel Adam.

A primeira subseção busca responder ao primeiro objetivo específico. A partir da perspectiva adamiana, descrevemos e interpretamos como as categorias: **os diferentes tipos de representação da fala e as indicações de quadros mediadores** aparecem nas teses analisadas marcando uma noção de autoridade. Por último procuraremos responder ao segundo objetivo específico bem como contemplar o geral, a partir da ótica rabateliana, no que tange à noção e aos tipos de PDV e assunção da RE.

Mas antes disso, é necessário explicar que com as leituras realizadas das teses selecionadas resolvemos diminuir a quantidade de teses a serem analisadas. Propusemo-nos a realizar a leitura de 25, e esta foi feita, porém devido ao fato que nossa análise resultou demasiadamente extensa, haja vista que trabalhamos com duas categorias distintas de análise: estratégias linguísticas e análise de PDV resolvemos reduzir para 10, sendo **uma** de cada área (Humanas e Exatas) das cinco regiões do país **mais** a tese extra, totalizando 11. Acreditamos que a redução da quantidade de teses não haverá danos a pesquisa, pois encontramos algumas recorrências nas demais teses lidas.

#### 4.1 A Responsabilidade Enunciativa sob a perspectiva de Adam

Mesmo que tenhamos afirmado que Adam não se preocupa tanto com a RE a fim de teorizá-la, uma vez que seu objetivo principal é fornecer uma visão do conjunto das questões pertinentes ao estudo do texto/discurso, ele apresenta categorias, das quais adotamos duas, as quais são: **os diferentes tipos de representação de fala e as indicações de quadros mediadores** para analisar a RE e a questão da autoria, por meio de marcas/estratégias linguísticas textuais.

A partir dos 11 quadros sinóticos expostos abaixo, notamos que o fato de os diferentes tipos de representação de fala e os quadros mediadores se apresentam de modo bastante significativo e de certa forma recorrentes, denotando assim uma presença de autoridade que assume um discurso proferido seja o seu próprio, seja o de um segundo enunciador que o autor da tese toma para si, bem como uma responsabilidade nos enunciados escritos. A partir de agora apresentaremos os trechos selecionados para análise e o quadro mediador de cada tese analisada. O trecho da tese 1 apresentado abaixo dará início às nossas análises. Observemos:

Imagem 03- Tese 1. **A.A.G.B.** Ciências Humanas; Nordeste; Psicologia

A presente tese é um grão de areia no amplo e pouco conhecido campo do comportamento social infanto-juvenil e de sua relação com determinadas características, notadamente as de caráter psicopatológico e de compreensão da forma de educação materna como um fator de determinação condutual satisfatória ao seu desenvolvimento bio-psico-acadêmico e social. Assim, esta tese está direcionada para o estudo de fobias infantis, considerando como seu elemento propiciador ou sua base de formação o traço de personalidade denominado neuroticismo, procurando ainda levar em conta o estilo da prática educativa materna como variável que pode potencializar as fobias.

Para Gutiérrez (2005) a ansiedade é um dos conceitos centrais da psicologia, onde se tem relacionado com a percepção, a execução, a aprendizagem, a memória, a cognição e a capacidade de resposta sexual. Este atributo psicológico pode ser evidente frente a objetos

Fonte: **A.A.G.B.** Ciências Humanas; Nordeste; Psicologia. p. 19

### Quadro sinótico da análise da Tese 1

Categoria	Ocorrências
diferentes tipos de representação da fala (DD); (DI); (DN); (DDL); (DIL).	“A presente pesquisa é um grão de areia no amplo e pouco conhecido mundo...” (DD) “Para Gutiérrez a ansiedade...” (DI)
indicações de quadros mediadores	“ <b>Para</b> Gutiérrez (2005)...” “ <b>Assim</b> , esta tese...”

Fonte: Elaborado pelos autores

Podemos perceber na tese 1, a preocupação que a autora tem em apresentar como é amplo e não tão conhecido o campo em que resolveu desenvolver sua pesquisa, marcando assim, em seu discurso, a importância de sua pesquisa para área do comportamento social infanto-juvenil. Além disso, podemos verificar o uso do discurso direto e estratégias para fazer seu discurso dialogar com outros: *para Gutiérrez, assim...*

No trecho analisado, destacamos com um traço o que chamamos de “diferentes tipos de representação de fala, no caso, podemos perceber a presença do discurso direto (DD). E com um tracejado o que Adam (2011) chamou de indicação quadros mediadores, no caso, marcadores como *segundo, para* e reformulações como *de fato, assim, na verdade* que nos ajudam a entender quando o L1/E1<sup>15</sup>(A.A.G.B.) atribui a uma fonte do saber o que será anunciado por e2<sup>16</sup>. Esta atribuição é de grande importância em nossas análises pois verificamos que em muito caso o autor da tese usa o e2 apenas para fortificar seu discurso, mas nem sempre dialoga com ele. É por exemplo afirmar algo, sabendo que é seguro, mas por não ter segurança da autoridade, é preciso usar um e2 para validar o que foi dito.

A segunda categoria, “indicações de quadros mediadores”, foi um peça chave em nossas análises, pois foi por meio dela e da noção de PDV de Rabatel que tentamos realizar o cruzamento entre os dois teóricos como veremos no terceiro tópico discutido nesta seção.

A seguir observaremos os trechos retirados da tese 2.

<sup>15</sup> Locutor/enunciador

<sup>16</sup> Segundo enunciador

Imagem 04 – Tese 2. **B.S.N.** Ciências Exatas; Sudeste; Engenharia

**Segundo** Weltman (1960) o termo “pasta” é definido como um sistema sólido-líquido constituído de partículas microscópicas ou coloidais dispersas em um meio líquido. Com esta definição enquadra-se uma ampla variedade de materiais sob diversas formas físicas, tais como soluções, suspensões e tortas de filtração. Diversas técnicas de secagem podem ser aplicadas a este tipo de material, e a escolha do equipamento adequado está diretamente relacionada às propriedades e características do material a ser seco, bem como às propriedades do produto formado.

Dentre os diversos equipamentos existentes para a secagem de pasta, a técnica de leito de jorro tem-se mostrado bastante promissora desde a sua descoberta, em 1954 (EPSTEIN; GRACE, 2011). O processo envolve, necessariamente, um leito de partículas inertes que são recobertas pela pasta inserida no interior do leito de jorro. O produto formado é recolhido por um ciclone sob a forma de um pó fino com qualidade equiparada a outras técnicas tradicionais de secagem (CORDEIRO; OLIVEIRA, 2005; MARKOWSKI, 1993; PHAM, 1983) e, durante décadas, foi apontado como processo de custos favoráveis a outros secadores de igual capacidade, motivando assim várias pesquisas a respeito do assunto (PHAM; POLLEY, 1981; ROMANKOV; RASHKAVSKAYA, 1968<sup>1</sup> citado por MATHUR E EPSTEIN, 1974).

**A partir do trabalho** de Pham (1983) uma nova visão sobre o processo passou a ser avaliada diante de um comportamento não observado nos trabalhos anteriores. Foram detectadas regiões estagnadas no leito de jorro durante a secagem de sangue bovino e dificuldade de movimentação das partículas inertes na região anular, evidenciando a influência significativa da presença da pasta nos parâmetros fluidodinâmicos.

Com base neste contexto, observa-se que ainda existem grandes desafios a respeito do processo de secagem de pastas em leito de jorro. Neste caso o desejo de obter um equipamento capaz de gerar um produto de qualidade e em quantidade de pó comercialmente viável depara-se com uma realidade ainda impossível, diante dos problemas no conhecimento detalhado do processo. Este sistema é composto por vários constituintes sendo o sólido (partícula e pó), o fluido (ar, vapor de água e micropartículas) e a pasta. A pasta é considerada o grande problema devido às mudanças que ocorrem com a mesma e com a fluidodinâmica durante o processo. Inicialmente é inserida no sistema na forma de um líquido, passa por mudanças reológicas, transforma-se em um sólido úmido e é recolhida como um sólido seco. Durante este processo o ato de efetuar medidas de temperatura, pressão e umidade no interior do leito e inserir seus efeitos de maneira satisfatória nos modelos são tarefas vistas com grandes desafios.

Motivado por estes desafios o presente trabalho foi desenvolvido de modo a obter informações mais detalhadas sobre o processo de secagem de pastas em leito de jorro, levando em consideração o efeito da composição química das mesmas. Com base nos efeitos da presença das pastas, foi avaliado experimentalmente a utilização de um modelo híbrido CST/Neural para descrever os fenômenos de transferência de calor e massa. Também foi proposto um modelo neural capaz de prever as variações do comportamento fluidodinâmico do processo.

### Quadro sinótico da análise da Tese 2

<b>Categoria</b>	<b>Ocorrências</b>
os diferentes tipos de representação da fala (DD); (DI); (DN); (DDL); (DIL).	<p>“...a técnica do leito de jorro tem-se mostrado bastante promissora desde a sua descoberta...” (DN)</p> <p>“... o termo pasta é definido como um sistema...” (DI)</p> <p>“Com esta definição enquadra-se uma ampla variedade de materiais...” (DD)</p>
as indicações de quadros mediadores	<p><b>Segundo</b> Weltman (1960)...</p> <p><b>A partir do trabalho</b> de Pham (1983)...</p> <p><b>Com base</b> neste contexto....</p>

Fonte: Elaborado pelos autores

O quadro acima mostra alguns recursos marcados no texto que garante a RE. A autora da introdução da tese 2 começa seu texto fazendo alusão a uma fonte do saber: Weltman (1960) e vai construindo seu texto por meio de uma modalização do discurso de outros estudiosos, que ao longo dos parágrafos vão sendo convidados pela autora a compor seu pensamento. Para Rabatel (2009) a introdução é um espaço discursivo que serve para justificar a razão de ser do trabalho escrito, responder questões como: por quê? Para quê?

No trecho selecionado para a análise que se encontra na página anterior, as duas construções destacadas com o retângulo: *segundo, a partir do trabalho...* nos remete ao que Adam (2011) chamou de indicação quadros mediadores que ajudam a entender quando o L1/E1<sup>17</sup>(B.S.N) atribui a uma fonte do saber o que será anunciado por e2<sup>18</sup>.

Além dos quadros mediadores, observamos os diferentes discursos utilizados como forma de representação de fala. Destacaremos uma parte do trecho em que percebemos a construção de um dialogismo bem estruturado pelo B.S.N por meio de um discurso narrativizado (DN), com base em discursos indiretos (DI):

<sup>17</sup> Locutor/enunciador

<sup>18</sup> Segundo enunciador

Imagem 05 – Tese 2. **B.S.N.** Ciências Exatas; Sudeste; Engenharia

O processo envolve, necessariamente, um leito de partículas inertes que são recobertas pela pasta inserida no interior do leito de jorro. O produto formado é recolhido por um ciclone sob a forma de um pó fino com qualidade equiparada a outras técnicas tradicionais de secagem (CORDEIRO; OLIVEIRA, 2005; MARKOWSKI, 1993; PHAM, 1983) e, durante décadas, foi apontado como processo de custos favoráveis a outros secadores de igual capacidade, motivando assim várias pesquisas a respeito do assunto (PHAM; POLLEY, 1981; ROMANKOV; RASHKAVSKAYA, 1968<sup>1</sup> citado por MATHUR E EPSTEIN, 1974).

Fonte: **B.S.N.** Ciências Exatas; Sudeste; Engenharia. p. 10

A tese 3 apresenta aspectos semelhantes as duas teses anteriores já analisadas. Já esperávamos por este fato, tendo em vista que já prevíamos uma determinada recorrência nas construções do tipo de texto, porém veremos em análises adiante algumas estratégias que fugiram ao padrão. Na tese 3, por exemplo, observamos um grau de objetividade, ou seja, uma preocupação com a estrutura que pede a academia, um pouco maior, pois a autora se cita em 3ª pessoa para garantir a objetividade científica, mas isso não impediu que observássemos uso de verbos e seu discurso que demonstraram sua presença como autora do texto.

Imagem 06 – Tese 3. **J.A.C.S.** Ciências Humanas; Sul; Linguística

Dito isso, fica nítida a representatividade do infográfico na divulgação científica. Tal divulgação, popularização ou vulgarização, como preferem os franceses, se intensifica na mídia. Merhy (2010), cujo estudo focaliza interações entre emoções, cognição e língua(gem) no discurso de vulgarização da ciência veiculado por mídias escritas, acentua os efeitos de discurso que tal presença promove na mídia. De acordo com o que estuda esse autor, por exemplo, há emoção que vem, por exemplo, do léxico utilizado na divulgação científica midiática. Essa emotividade, motivada pelas visadas de informação e captação (CHARAUDEAU, 2006, 2008a), pode ser facilmente associada ao infográfico, o qual se elabora, além de com matéria verbal, com recursos estéticos ligados às escolhas de formas, de cores, de linhas, de topologias. Mesmo que o recorte analítico assumido nesta tese não se aprofunde na análise específica da patemização<sup>o</sup>, vale dizer que a divulgação da ciência na mídia faz uso dessa estratégia. Merhy (2010) define a vulgarização científica, primeiro, cognitivamente relacionada a um processo de popularização e simplificação de um conteúdo especializado “abstraido a um nível concreto em adequação com os conhecimentos gerais de um público”, o qual ele adjectiva de “profano”. Paralelamente a esse primeiro caminho tomado pela vulgarização, há outro, que assume um ponto de vista linguístico e se constitui como uma tradução de registros técnicos. Essas duas vertentes, para o mencionado autor, se qualificam pelo que defende Laszlo (1993 apud MERHY, 2010, p. 30), a saber: a vulgarização vista como uma forma de comunicação que beira a arte. Disso se pode concluir que a imagem, com o traço, a cor, a topologização, entre outros elementos plásticos, contribuem para o fazer-sentir. Esses recursos plásticos, gradativamente inseridos na história da produção escritovisual do jornalismo, consoante se relatou, criaram o espaço particular e especial ocupado pela(o) infografia/ infográfico, a que as revistas de DCM hipotecam, contemporaneamente, singular apreço.

Fonte: Tese 3. **J.A.C.S.** Ciências Humanas; Sul; Linguística. p. 25-26

Observemos o quadro sinótico de análise da tese 3 abaixo:

### Quadro sinótico da análise da Tese 3

Categoria	Ocorrências
os diferentes tipos de representação da fala (DD); (DI); (DN); (DDL); (DIL).	“Merhy (2010) cujo estudo focaliza...” (DI) “Mesmo que o recorte analítico assumido nesta tese... (DN)
as indicações de quadros mediadores	”Merhy (2010) <b>define</b> a....” “ <b>De acordo com</b> o que estuda esse autor...” “... pelo que <b>defende</b> Laszlo, a saber...”

Fonte: Elaborado pelos autores

Destacamos no quadro sinótico acima algumas marcas relacionadas a legitimação do discurso em que L1/E1 (J.A.C.S.) imputa a responsabilidade pelo dito utilizando: *de acordo com...*, *pelo que defende....*, além da utilização do verbo *define* atribuindo fala a e2. Porém como explicamos anteriormente, o que ocorre é utilização de outras vozes para que só assim ocorra a tomada de posição por parte de L1/E1.

Como explicamos em linhas acima, pudemos observar também analisando a tese 3, que a autora utiliza a 3ª pessoa do discurso até mesmo para se auto referir, configurando assim uma marca de garantir a objetividade que pede a academia na tessitura deste gênero, porém observamos que mesmo por trás desta escrita fechada, há indícios do sujeito pesquisador. Os tipos de discursos utilizados no texto explicam as tomadas de posições da autora.

Imagem 07 – Tese 3. **J.A.C.S.** Ciências Humanas; Sul; Linguística

Foco de interesse nos grupos de pesquisa de que participa a autora nasceu a ideia de que, por meio do(s) texto(s) não só de divulgação das descobertas científicas aos pares, mas, especialmente, dos textos da Divulgação Científica Midiática (DCM), seja possível habilitar estratégias mais produtivas de ensino e divulgação que englobam leitura e produção de textos. Sublinhe-se, ainda, a relevância de se abranger a maior diversidade possível de gêneros textuais que nascem, circulam, crescem e se multiplicam nas diferentes práticas sociais ligadas ao conhecimento e à produção científica (requisito de leitura – ligados à Matemática e a outras ciências – constante da lista de critérios avaliativos do PISA, de acordo com o que se lê no ANEXO A).

Fonte: Tese 3. **J.A.C.S.** Ciências Humanas; Sul; Linguística. p. 26

Ainda nas páginas 24-26 destacamos trechos de início dos parágrafos da autora que corroboram para o que apresentamos em nosso paragrafo anterior sobre as tomadas de posições e os indícios do eu-autor no texto. Observemos:

“Dito isso, fica <b>nítida</b> a representatividade do infográfico na divulgação científica.”	Pág. 25
“Anotadas essas informações sobre jornalismo... <b>vale lembrar</b> o papel das imagens...”	Pág. 24

Nos quadros mediadores das teses 04, 05 e 06, ocorreram algumas particularidades, principalmente no quadro da tese 6 que não encontramos nas outras teses analisadas, bem como que observamos uma redução de ocorrência da nossa 2ª categoria de análise: as indicações de quadros mediadores.

Observemos o trecho destacado da tese 4 e seu quadro sinótico a seguir:

Imagem 08 – Tese 4. **T.S.A.S.** Ciências Humanas; Sul; Educação

Luria observa que a ausência dos sentidos da visão, da audição ou de ambos pode impor sérios limites ao desenvolvimento intelectual. Segundo o autor, “[...] a interrupção da afluência de informação na tenra infância, suscitada por surdez e cegueira, provoca bruscas contenções do desenvolvimento psíquico” (LURIA, 1991, p. 2). Assim, para a superação de tais limites, Luria afirma a necessidade de possibilitar o desenvolvimento eficiente de uma forma de linguagem e, com base nisso assegurar o acesso a conhecimentos que alavancam o desenvolvimento cognitivo do sujeito.

Fonte: Tese 4. **T.S.A.S.** Ciências Humanas; Sul; Educação p. 1

#### Quadro sinótico da análise da Tese 4

<b>Categoria</b>	<b>Ocorrências</b>
os diferentes tipos de representação da fala (DD); (DI); (DN); (DDL); (DIL).	“Luria observa que a ausência dos sentidos...” (DI) “Assim, para a superação de tais limites, Luria afirma a necessidade...” (DD)
as indicações de quadros mediadores	“Segundo Luria...” “Luria afirma...” “Luria observa...”

Fonte: Elaborado pelos autores

Destacamos no quadro sinótico acima algumas marcas relacionadas à legitimação do discurso em que L1/E1 (T.S.A.S.) imputa a responsabilidade pelo dito utilizando: *segundo...*, além da utilização dos verbos *afirma, observa* atribuindo assim a fala a e2. Porém como explicamos anteriormente, o que ocorre é utilização de outras vozes para que só assim ocorra a tomada de posição por parte de L1/E1.

Sobre os diferentes tipos de discursos, observamos a presença maior, neste trecho destacado, do discurso indireto (DI), porém ocorre a presença do discurso direto (DD), quando o autor da tese expõe suas explicações sobre a temática trabalhada, porém sempre com a preocupação de utilizar o discurso do outro para legitimar sua fala.

No trecho da tese 5, destacamos as categorias de análises que nos propusemos a mostrar e explicar no presente trabalho, observemos as partes destacadas e abaixo a explicação junto ao quadro mediador.

Imagem 09 – Tese 5. **J.H.P.B** – Ciências Humanas; Sudeste; História

<p>Esses intelectuais organizaram uma parte da cultura maranhense no sentido gramsciano do termo, <u>ou seja</u>, quando esses atores sociais, ocupando “função essencial no mundo da produção econômica, de forma orgânica, criaram consciência da própria função” (GRAMSCI, 1985, p. 03). Funções exercidas na estrutura administrativa do aparato burocrático como presidentes de província, secretários de estado da província, juizes, fiscais de higiene pública, professores, no legislativo central, provincial e local, como senadores, deputados e vereadores, enquanto liberais autônomos como advogados, tipógrafos, redatores, jornalistas.</p>
<p>Importante frisar que esses atores sociais, exercendo ou não a função de intelectuais, uma vez que, <u>segundo Gramsci</u> (1985, p. 07), “todos os homens são intelectuais, mas nem todos desempenham na sociedade a função de intelectuais”, transitavam pelas mesmas instâncias, formavam pequenos grupos, decidiam entre si e repartiam a condição de intérpretes, condutores da sociedade maranhense. Dependendo das situações e conforme o pêndulo da correlação de forças do jogo político na corte e na província, não havia repartição, havia disputa, guerra, velada e aberta, justa e desleal, com requintes de “civilidade” e “barbárie” ao mesmo tempo. Tudo em nome da melhor condução possível da província.</p>

Fonte: Tese 5. **J.H.P.B** – Ciências Humanas; Sudeste; História p.19.

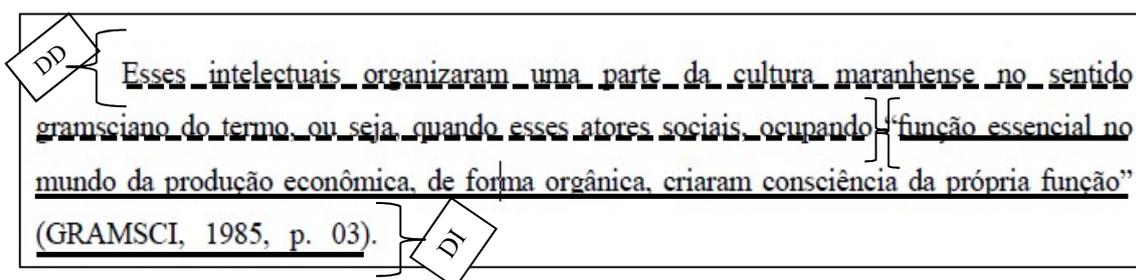
### Quadro sinótico da análise da Tese 5

Categoria	Ocorrências
os diferentes tipos de representação da fala(DD); (DI); (DN); (DDL); (DIL).	“Esses intelectuais organizam uma parte da cultura...” (DIL) “ Importante frisar que esses atores sociais transitavam pelas mesmas instancias, formavam grupos... (DD) “ todos os homens são intelectuais...” (DI)
as indicações de quadros mediadores	“...ou seja...” “Segundo Gramsci (1985, p. 07)...”

Fonte: Elaborado pelos autores

Sobre os diferentes tipos de representação de fala, observamos a presença, no trecho, selecionado, do uso do discurso indireto (DI) e do discurso direto (DD) com maior frequência. E neste conseguimos destacar a presença do discurso indireto livre (DIL). O DIL, em textos narrativos, ocorre quando há mistura das falas do narrador com as falas do personagens, ou seja, é um tipo de discurso misto, em que se associam as características do discurso direto e do indireto. Destacamos, abaixo, um recorte do trecho selecionado da tese 5 e percebemos a presença de ambos os discursos, primeiramente o DD e, logo em seguida, o DI.

Imagem 10 – Tese 5. **J.H.P.B** – Ciências Humanas; Sudeste; História



Fonte: Tese 5. **J.H.P.B** – Ciências Humanas; Sudeste; História p.19.

No trecho maior selecionado para a análise dividido nas páginas 47 e 48, as duas construções destacadas em linha pontilhada: *ou seja, segundo...* nos remete ao que Adam (2011) chamou de indicação quadros mediadores, pois o primeiro relaciona-se a estratégia de reformulação e explicação de ideias e o segundo relacionam-se ao marcador de discurso indireto.

Já na tese 6, o autor utiliza um recurso não encontrado nas demais teses analisadas até o presente momento: inicia seu discurso narrando um acontecimento popular, para depois

explicar o seu interesse de pesquisa como podemos observar na parte com o duplo traço sublinhado: “nesse quadro surgiu o interesse deste estudo...” explicando em seguida sua questão norteadora destacada de com duas linhas.

Imagem 11- Tese 6 **I.L.M.P.G.** Ciências Humanas; Norte; Sociologia

“Vinte e três de janeiro de 2008, quarta-feira, cinco horas da tarde. Frente de loja do supermercado S4, em Belém. Pouco movimento, com alguns clientes nos caixas, quase todos os guichês ocupados por operadores de caixa. No balcão de apoio ao atendimento para verificar cartão de crédito e tickets alimentação, em frente a bateria de caixas e ao lado do porta-volumes, uma fiscal de caixa conversa animadamente com a atendente sobre o capítulo do dia anterior da novela. A operadora de caixa, que esta no guichê mais distante da porta de entrada, cochila, com a mão segurando o queixo e os cotovelos apoiados na maquina registradora.

Nesse quadro emergiu o interesse deste estudo: como se fazem presentes as pressões da competição global nas empresas, realizadas pelos padrões de gestão empresarial, e como repercutem sobre os trabalhadores em uma região metropolitana da Amazônia? Essa pergunta foi também influenciada em particular por uma linha de interpretação sobre as consequências da organização laboral sobre a sociabilidade dos trabalhadores em sociedades de capitalismo avançado, no contexto atual de globalização econômica. Nela se destacam autores como Castel (1998), Alves (2001) e Sennett (2003) dentre outros, que enfocam as repercussões negativas...”

Fonte: Tese 6 **I.L.M.P.G.** Ciências Humanas; Norte; Sociologia pp. 70-71

Decidimos por separar dois trechos seis, pois no primeiro há a ocorrência de uma estratégia não utilizada nas demais teses analisadas, o uso do discurso narrativizado (DN), e no segundo ocorre as demais categorias do quadro mediador que propôs Adam e que estamos utilizando para nossas análises.

Imagem 12 – Tese 6 **I.L.M.P.G.** Ciências Humanas; Norte; Sociologia

No quadro econômico regional, o imediatismo está vinculado ao aspecto contingente dos trabalhos disponíveis. Em princípio, pareceu plausível afirmar que, para os trabalhadores migrantes e de boa parte de seus descendentes, instalados nos bairros periféricos da região metropolitana de Belém, e mão-de-obra frequente dos supermercados, jamais havia sido possível pautarem integralmente suas vidas por essa ética do trabalho da autodisciplina e da autonegação com vistas ao futuro, visto que ela é fruto de outro contexto sócio-cultural. Como afirma Bauman (2004, p. 59-60), no modo de vida dessas pessoas ainda se encontrariam elementos de uma lógica não monetária das relações. Mas também nos levou a refletir que as especificidades da realidade sócio-cultural, na qual estavam inseridos, poderiam dotar os trabalhadores de um “perfil favorável” ao seu aproveitamento pela empresa.

Por um lado, o trabalho contingente, para suprir o aqui e agora, reforçaria os traços de imediatismo e de flexibilidade do seu modo de vida, tornando esses trabalhadores receptivos às recentes instâncias gerenciais, dentre elas, o exercício de várias funções e a alternância dos horários de trabalho. Por outro lado, usados fora dos laços de solidariedade nos quais foram forjados, ou às expensas desses laços, poderiam dificultar a manutenção e tornar ainda mais frágeis relações sociais que dão ao indivíduo o suporte necessário para obedecer à rotina de trabalho e às exigências empresariais.

Fonte: Tese 6 **I.L.M.P.G.** Ciências Humanas; Norte; Sociologia p. 73

**Quadro sinótico da análise da Tese 6**

<b>Categoria</b>	<b>Ocorrências</b>
os diferentes tipos de representação da fala(DD); (DI); (DN); (DDL); (DIL).	“Vinte e três de janeiro de 2008, quarta-feira, cinco horas da tarde. Frente de loja do supermercado S4, em Belém...” (DN) Nesse quadro emergiu... (DD) Essa pergunta foi também... (DD)
as indicações de quadros mediadores	Como afirma... Por um lado, por outro lado...

Fonte: Elaborado pelos autores

Como observamos no parágrafo da página anterior o autor da tese 6 inicia seu texto com uma narrativa. E ao final do uso do discurso narrativizado, o autor explica a motivação da pesquisa, a questão norteadora do estudo. Acreditamos que por trabalhar com análises de narrativas dos trabalhadores da região Amazônica, o recurso de iniciar seu texto com uma narrativa mostra o posicionamento do autor da tese. Utilizar seu *corpus* para mostrar sua inquietação de pesquisa.

Não foi encontrado com frequência nas outras onze teses analisadas o uso do discurso narrativizado, porém não quer dizer que não houvesse. Recortamos fragmentos para

nossas análises, uma vez que seria inviável analisar todas as introduções das teses selecionadas.

No que diz respeito ao uso da segunda categoria, *indicações de quadro mediadores*, observamos a presença da escolha dos verbos de atribuição de falar como em: *afirma Bauman*, assim como reformulações: *por um lado... por outro lado...* .

Agora observemos, abaixo, o trecho selecionado para analisar a tese 7.

Imagem 13 – Tese 7 **K.C.G.D.G.** Ciências Exatas; Centro Oeste; Ciência da Informação

É, pois, plausível inferir que o pensamento reflexivo nos pesquisadores é condição, em certa medida, intrínseca à própria natureza da atividade investigativa que compreende um processo de busca para solução de problema. Segundo Shook (2002), Dewey percebia a solução de problemas como um dos estágios da aprendizagem, a qual, se bem-sucedida, acrescentaria fatos e habilidades às crenças de uma pessoa. Esses estágios apresentam um aumento de força e flexibilidade à medida que o indivíduo supere dificuldades progressivamente mais complexas, utilizando o pensamento reflexivo. Assim, pode-se conjecturar que a reflexão é um processo que apresenta possibilidades de ser continuamente aperfeiçoado.

Como Dewey (1979 a) compreende o pensamento reflexivo estreitamente relacionado à experiência, infere-se que o indivíduo tenha níveis diferenciados de reflexão em várias áreas do saber, de acordo com o seu conhecimento e vivência de mundo. Com relação aos pesquisadores em formação, pode-se questionar se sua reflexão inclui, além dos conhecimentos específicos da área de atuação e de pesquisa, conhecimentos e competências relacionados à busca e ao uso da informação. East (2005), ao revisar a literatura sobre comportamento informacional de humanistas, apresentou dados que denotam que os pesquisadores necessitam de mais 'treinamento' para buscar e usar a informação.

Percebe-se, assim, que indivíduos mais capacitados para buscar informação obtêm informação de qualidade e com pontos de vista diversificados, o que possibilita melhores resultados na aprendizagem (LIMBERG, 1999). Esses aspectos, portanto, precisam ser estudados, na medida em que podem contribuir para favorecer o aperfeiçoamento e a melhoria da comunicação científica.

### Quadro sinótico da análise da Tese 7

<b>Categoria</b>	<b>Ocorrências</b>
os diferentes tipos de representação da fala (DD); (DI); (DN); (DDL); (DIL).	Como Dewey compreende o pensamento... (DI) Esses aspectos, portanto, precisam ser estudados... (DD)
as indicações de quadros mediadores	Segundo Shook (2002)... Como Dewey (1979 a) compreende... Assim...

Fonte: Elaborado pelos autores

Sobre os diferentes tipos de representação de fala, observamos a presença, no trecho, selecionado, do uso do discurso indireto (DI) e do discurso direto (DD) com maior frequência. Tal fato pode ser encontrado, com recorrência, nas demais teses analisadas. Acreditamos que essa recorrência é devida ao discurso utilizado na elaboração da tese, pois quando necessário há o aparecimento do autor que utiliza o discurso direto, e quando há o diálogo e a entrega de fala para um referencial teórico podemos compreender um apagamento do autor.

No trecho selecionado para a análise, as três construções destacadas em linha pontilhada: *segundo, compreende, assim...* nos remete ao que Adam (2011) chamou de indicação quadros mediadores, pois o primeiro e o segundo relacionam-se ao marcador de discurso indireto e o última construção refere a conclusão de tese, as duas primeiras estratégias nos ajuda a entender quando o L1/E1<sup>19</sup>(A.M.D.L) atribui a uma fonte do saber o que será anunciado por e2<sup>20</sup>, porém utilizando a terceira podemos perceber que *K.C.G.D.G* dialoga com os autores citados apresentando sua opinião.

O fato de *K.C.G.D.G* dialogar com os autores citados é bem perceptível no decorrer de seu discurso, por exemplo, no segundo parágrafo a doutoranda inicia com a opinião de um autor, logo em seguida questiona sobre reflexão focando seu objeto de estudo (pesquisadores em formação) e finaliza com um segundo autor que fala sobre pesquisadores.

Pode ser perceber com clareza uma tentativa bem estruturada de autoridade no discurso de *K.C.G.D.G*. o que nos faz trazer a tona o que Rabatel (2014) fala sobre uma falta de diálogo entre o autor da tese e os autores de embasamento teórico. E atribui tal fato ao receio de se afirmar como autor daquilo que esta sendo dito, por isso a busca em grandes

<sup>19</sup> Locutor/enunciador

<sup>20</sup> Segundo enunciador

nomes na área de pesquisa para respaldar o que foi dito. Porém na tese 7 não percebemos um receio, pelo contrário encontramos o diálogo mencionado por Rabatel.

No trecho selecionado da tese 8, podemos perceber a presença de ambas as categorias que nos propusemos analisar: *diferentes tipos de representação da fala e indicações de quadros mediadores*.

Imagem 14 – Tese 8 **A.A.B.** Ciências Exatas; Norte; Engenharia Elétrica

<p><u>Goldemberg apud Coelho (2005), afirma</u> que em torno de 1000 pequenas usinas termelétricas, principalmente a diesel, abastecem pequenas cidades e comunidades isoladas na Amazônia. Aproximadamente 700 dessas unidades têm capacidade instalada inferior a 500 kW, geralmente velhas e ineficientes, com altos índices de emissões de poluentes e custos elevados.</p> <p><u>Para Coelho (2005)</u>, o uso de energia renovável, principalmente biocombustíveis, em área rural está intrinsecamente ligado à redução da pobreza. Ademais, o acesso a energia elétrica possibilita disponibilidade de água potável, redução de tempo de mulheres e crianças em atividades de sobrevivência (colhendo lenha, carregando água e cozinhando), maior tempo dedicado à educação, redução de poluição doméstica e derrubada de árvores.</p>
---

Fonte: Tese 8 **A.A.B.** Ciências Exatas; Norte; Engenharia Elétrica. p.2

### Quadro sinótico da análise da Tese 8

<b>Categoria</b>	<b>Ocorrências</b>
os diferentes tipos de representação da fala (DD); (DI); (DN); (DDL); (DIL).	Para Coelho (2005), o uso de energia renovável... (DI) Ademais, o acesso a energia elétrica possibilita... (DD)
as indicações de quadros mediadores	Para Coelho (2005)... Goldemberg apud Coelho (2005) afirma...

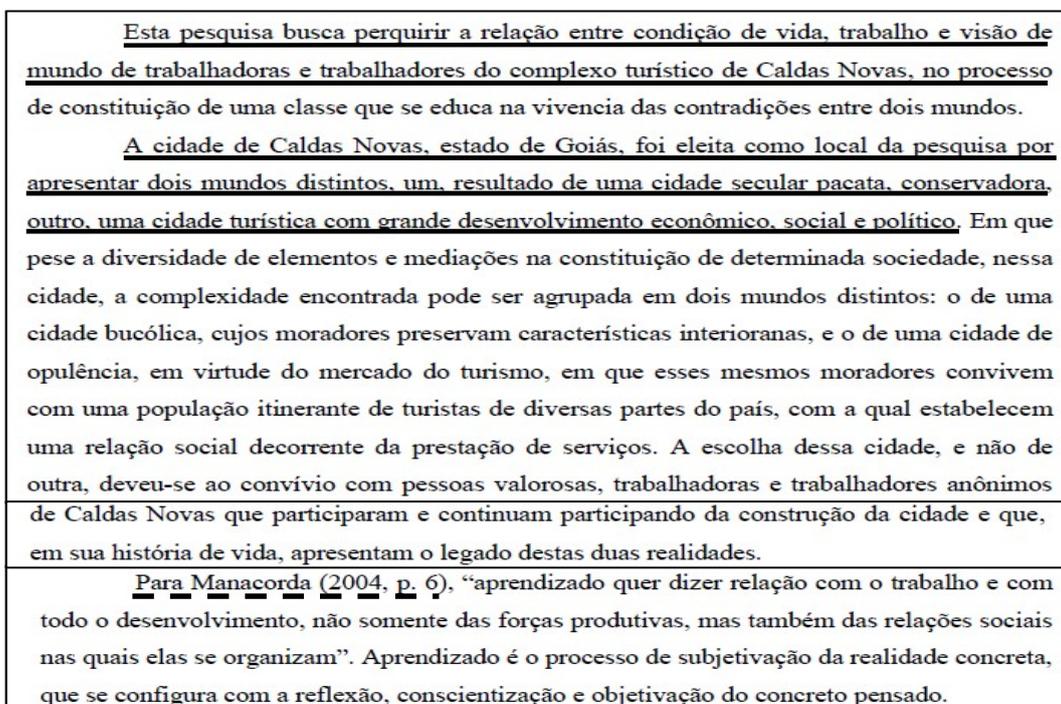
Fonte: Elaborado pelos autores

Sobre os diferentes tipos de representação de fala, observamos a presença, no trecho, selecionado, do uso do discurso indireto (DI) e do discurso direto (DD). Com isso, podemos perceber como as categorias se completam, pois quando há a presença de um DI, na maioria dos casos haverá o uso dos verbos de atribuição de fala que marcam a presença da segunda categoria: indicação de quadro mediador.

No trecho selecionado para a análise, as duas construções destacadas em linha pontilhada: *Goldemberg apud Coelho (2005) afirma e Para Coelho (2005)*... nos remete ao que Adam (2011) chamou de indicação quadros mediadores, pois o primeiro representa o marcador de discurso indireto e a segunda construção representa a escolha de um verbo de atribuição de falar. Ambas as estratégias nos ajuda a entender quando o L1/E1<sup>21</sup>(A.A.B.) atribui a uma fonte do saber o que será anunciado por e2<sup>22</sup>.

Antes de apresentar as análises da tese 9, precisamos fazer uma pequena observação: na introdução de algumas teses há por parte do autor uma preocupação em apresentar sua pesquisa, o objeto de estudo e o que motivou o pesquisador a estudar determinado tema e para mostrar ao leitor, o autor da tese utiliza recursos como: uso do discurso indireto, uso de citações, verbos de atribuição de falar entre outros, porém observamos que o autor da tese 9 não teve uma preocupação de apresentar citações de outros autores para justificar o seu trabalho, pois seu interesse maior foi apresentar o seu estudo. Podemos constatar que em seis páginas de introdução o autor da tese só utilizou uma única citação em meio suas explicações sobre seu trabalho, como será observado e analisado a seguir.

Imagem 15 – Tese 9 **M.C.S.P.M.** Ciências Humanas; Centro Oeste; Educação



Fonte: Tese 9 **M.C.S.P.M.** Ciências Humanas; Centro Oeste; Educação pp.14-15.

<sup>21</sup> Locutor/enunciador

<sup>22</sup> Segundo enunciador

### Quadro sinótico da análise da Tese 9

Categoria	Ocorrências
os diferentes tipos de representação da fala (DD); (DI); (DN); (DDL); (DIL).	“Esta pesquisa busca perquirir...” (DD) “aprendizado quer dizer relação...” (DI) “A cidade de Caldas Novas, estado de Goiás, foi eleita...” (DD)
as indicações de quadros mediadores	“Para Manacorda (2004, p.6)...”

Fonte: Elaborado pelos autores

Sobre os diferentes tipos de representação de fala, observamos a presença, no trecho, selecionado, do uso do discurso indireto (DI) e do discurso direto (DD). Com uma ênfase maior no uso do DD, pois a preocupação do autor da tese em apresentar o objetivo da pesquisa é bem mais importante do que um diálogo entre autores relacionados ao tema pesquisado.

Em virtude disso, podemos observar, por exemplo, que no trecho selecionado para a análise, há apenas uma construção destacada em linha pontilhada: *Para Manacorda...* e esta nos remete ao que Adam (2011) chamou de indicação quadros mediadores, pois refere-se ao marcador de discurso indireto e nos apresenta quando o L1/E1<sup>23</sup> (M.C.S.P.M.) atribui a uma fonte do saber o que será anunciado por e2<sup>24</sup>.

Para finalizar nossas análises nesse primeiro procedimento que diz respeito à presença do autor da tese na tessitura do seu texto e às estratégias que este autor/pesquisador utiliza para garantir sua presença no discurso, seja por meio de verbos que atribuem fala ao outro e neste caso ocorre o que estamos chamando aqui de legitimação discursiva do L1/E1; seja por estratégias de reformulações discursivas: *ou seja, isto é, na verdade...* ou por meio da eleição dos diferentes tipos de fala que corresponde aos diferentes tipos de discurso que o autor utiliza na construção de seu texto: DD, DI, DIL, DN.

Resumido o que fizemos até o presente momento neste subtópico passemos a análise da última tese – tese 10 – e a apresentação da tese extra que será explicada mais adiante.

<sup>23</sup> Locutor/enunciador

<sup>24</sup> Segundo enunciador

Imagem 16 – Tese 10 **C.L.G.G.** Ciências Exatas; Sul; Matemática

Em dicionários gerais verifica-se que não existe uma definição de objetos de aprendizagem, mas na literatura especializada podem ser encontradas definições. A clássica referência de Wiley (2001), por exemplo, afirma que objetos de aprendizagem são: “qualquer recurso digital que possa ser utilizado para o suporte ao ensino”. Já Pimenta e Batista (2004) afirmam que os objetos de aprendizagem constituem em: “unidades de pequena dimensão, desenhadas e desenvolvidas de forma a fomentar a sua reutilização, eventualmente em mais do que um curso ou em contextos diferenciados, e passíveis de combinação e/ou articulação com outros objetos de aprendizagem de modo a formar unidades mais complexas e extensas”.

Sosteric & Hessemeier (2001) afirmam que objetos de aprendizagem são “arquivos digitais (imagem, filme...) que pretende ser utilizado para fins pedagógicos e que possui, internamente ou através de associação, sugestões sobre o contexto apropriado para a sua utilização”.

O fornecimento de conteúdos de aprendizagem *on-line* permite que estudantes ou simples usuários, sejam realmente participantes de seu próprio processo de ensino e aprendizagem para aquisição do conhecimento.

Fonte: Tese 10 **C.L.G.G.** Ciências Exatas; Sul; Matemática p.1.

### Quadro sinótico da análise da Tese 10

<b>Categoria</b>	<b>Ocorrências</b>
os diferentes tipos de representação da fala (DD); (DI); (DN); (DDL); (DIL).	“Em dicionários gerais verifica-se que não existe uma definição de objetos...” (DD) “Sosteric & Hessemeier (2001) afirmam que objetos de aprendizagem...” (DI)
as indicações de quadros mediadores	Wiley (2001) afirma que... já afirmam que... Sosteric & Hessemeier (2001) afirmam que...

Fonte: Elaborado pelos autores

Sobre os diferentes tipos de representação de fala, observamos a presença, no trecho, selecionado, do uso do discurso direto (DD) e do discurso indireto (DI) com maior frequência. Tal fato pode ser encontrado, com recorrência, nas demais teses analisadas. Acreditamos que essa recorrência é devida ao discurso utilizado na elaboração da tese, pois

quando necessário há o aparecimento do autor que utiliza o discurso direto, e quando há o diálogo e a entrega de fala para um referencial teórico podemos compreender um apagamento do autor.

No trecho selecionado para a análise, as duas construções destacadas em linha pontilhada: *afirma que... já que... e afirmam...* nos remete ao que Adam (2011) chamou de indicação de quadros mediadores, pois o primeiro relaciona-se ao que o autor citado chama de marcador de oposição, isto é, quando há contraposição de ideias pelo autor da tese. Já a segunda refere-se ao marcador de discurso indireto. As estratégias nos ajuda a entender quando o L1/E1<sup>25</sup>(C.L.G.G.) atribui a uma fonte do saber o que será anunciado por e2<sup>26</sup>.

### Tese extra

Ao selecionarmos o *corpus* optamos por, como já foi mencionado, não analisar teses escritas na 1ª pessoa nem do singular e nem do plural tendo em vista que as marcas autorais nos seriam apresentadas com maior visibilidade. Para exemplificar o que foi dito além das 10 selecionadas escolhemos um exemplar para mostrar com a presença do autor e a responsabilidade assumida por ele em sua escrita é mais forte e marcante quando utiliza a 1ª pessoa. Observemos o trecho abaixo:

Imagem 17 – Tese extra. **M.P.C.** Ciências Humanas

{ De acordo com Ramos (2003) } a Psicologia Social mais “psicológica” – tal como aquela proposta por McDougall – preocupar-se-ia, sobretudo, em estudar o processo de moralização dos indivíduos; ao passo que a vertente mais “sociológica” de Ross buscaria identificar os fenômenos sociais que possibilitam uniformidades de sentimentos, crenças e volições<sup>3</sup>. { Já para Ellwood } a Psicologia Social seria o estudo dos modos em que grupos e indivíduos influenciam-se mutuamente, incluindo nesses estudos não somente aspectos sociais da consciência individual, mas também os aspectos mentais da associação. “A psicologia social torna-se aqui uma parte da sociologia; será uma ‘sociologia psicológica’ [...]. Os problemas da psicologia serão [...] os mesmos da sociologia; a psicologia social estudará simplesmente o lugar dos fatores psíquicos nesses problemas.” (RAMOS, 2003, p. 28).

Fonte: Tese extra. **M.P.C.** Ciências Humanas. p.10

<sup>25</sup> Locutor/enunciador

<sup>26</sup> Segundo enunciador

### Quadro sinótico da análise da tese extra

Categoria	Ocorrências
os diferentes tipos de representação da fala	“Já para Ellwood a psicologia social seria...” (DIL) O que queremos não é complicar, mas sim complexificar essa disciplina. (DD) Queremos multiplicar suas realidades... (DD)
as indicações de quadros mediadores	<b>De acordo</b> com Ramos (2003)... <b>Já para</b> Ellwood....

Fonte: Elaborado pelos autores

No primeiro trecho apresentado na página anterior percebemos a presença da categoria: *indicações de quadros mediadores* quando a autora da tese utiliza marcadores de discurso indireto como *de acordo com... já para...*. Após apresentar um estado da arte sobre o assunto, M.P.C., a autora, apresenta seu ponto de vista sobre o tema. Ela tem consciência dos inúmeros caminhos que há para se falar sobre Psicologia Social, e se utiliza os marcadores para justificar seu posicionamento sobre as escolhas feitas por outros pesquisadores.

Além dos quadros mediadores, podemos observar também os diferentes tipos de representação da fala, principalmente pelo discurso direto (DD) em que há a presença da intenção da pesquisadora, ou pelo uso do discurso indireto livre (DIL) em que ocorre a mistura dos discursos, o DD e o DI, que há a fala da autora da tese em meio a uma reflexão de um autor do referencial teórico utilizado.

Porém o que realmente precisamos observar é o segundo trecho destacado abaixo para análise, pois é nele em que podemos encontrar as estratégias que apresentam a presença da autora da tese. Quando optamos em analisar teses em 3ª pessoa, a escolha ocorreu pela possível dificuldade que nos resultaria em encontrar a presença do autor por meio de algumas estratégias linguísticas na tessitura do gênero acadêmico que analisamos aqui: tese de doutoramento.

Imagem 18 – Tese extra. **M.P.C.** Ciências Humanas

Essas pesquisas exemplificam alguns dos inúmeros caminhos que poderíamos percorrer para falar da Psicologia Social no Brasil. **No entanto, nesta tese, optamos por seguir** outro rumo: não fizemos uma historiografia, nem analisamos práticas de ensino ou de intervenção profissional. **Tampouco nos propusemos** a fazer uma cartografia dessa disciplina – até mesmo porque falar de todas as teorias, instituições, políticas, campos profissionais e objetos de estudos que a constituem seria impossível em uma pesquisa de doutorado. **Faltar-nos-iam tempo, páginas e conhecimento para fazê-lo.** Além disso, seria demasiadamente complicado; **e o que queremos não é complicar, mas sim complexificar essa disciplina<sup>12</sup>.** Ou seja, queremos multiplicar suas realidades, queremos contar histórias sobre alguns lugares e situações em que **a Psicologia é Social.**

Fonte: Tese extra. **M.P.C.** Ciências Humanas. p.15

Observada a pequena análise feita, acreditamos que nos resultaria mais simples e menos inquietante se analisássemos como apresentamos no parágrafo anterior: teses em 1ª pessoas [singular/plural]. O que não a torna menos importante, somente por questão de escolha e pertinência optamos pela 3ª pessoa. Contudo acreditamos que um estudo sobre responsabilidade enunciativa em teses escritas na 1ª pessoa do singular, que, de certa forma, ‘burla’ todo o sistema acadêmico, tendo em vista que a academia apresenta critérios de redação para trabalhos acadêmicos e um deles é o uso do impessoal, daria um grande estudo e boas discussões, talvez em uma tese, não em uma dissertação como é o caso do estudo em questão.

#### **4.2 Responsabilidade Enunciativa sob a perspectiva de Rabatel**

Continuando nossas análises, apresentaremos agora os pressupostos rabatelianos sobre RE e procederemos à explicação, identificação e análise no que concerne à noção e aos tipos de pontos de vista (PDV). Já utilizamos os termos L1/E1 (locutor/enunciador) e o e2 (enunciador) nas análises anteriores para que houvesse uma familiarização com os conceitos.

Vimos que na perspectiva rabateliana, o conceito de enunciador é de suma importância para que seja possível dar conta dos PDV e de todas as situações em que um locutor cita um PDV ao qual ele empresta sua voz. Ideias que darão forma as nomenclaturas já utilizadas por nós aqui neste texto, as quais são: L1/E1 (locutor/enunciador) e o e2 (enunciador). E partiremos das considerações de Rabatel que afirma que todo locutor (L) é enunciador (E), porém nem todo enunciador será necessariamente locutor.

Assim, observamos que há momentos em que o autor da tese é L1/E1, bem como há momentos que este se preserva não assumindo explicitamente o dito, mas usa o discurso citado como forma de legitimação do seu próprio discurso, sendo um e2. Quando isso ocorre, temos uma situação de imputação. Para Rabatel há duas situações distintas: uma é a de RE e a outra é a de imputação. A primeira corresponde ao (L1/E1) em que o sujeito assume seu PDV por conta própria. A segunda corresponde ao (L1/E1) atribuído a um e2 a responsabilidade pelo PDV.

Vejamos alguns fragmentos, nos quais podemos verificar a presença de e2:

Imagem 19 – Tese 2. **B.S.N.** Ciências Exatas; Sudeste; Engenharia

**Segundo** Weltman (1960) o termo “pasta” é definido como um sistema sólido-líquido constituído de partículas microscópicas ou coloidais dispersas em um meio líquido. Com esta definição enquadra-se uma ampla variedade de materiais sob diversas formas físicas, tais como soluções, suspensões e tortas de filtração. Diversas técnicas de secagem podem ser aplicadas a este tipo de material, e a escolha do equipamento adequado está diretamente relacionada às propriedades e características do material a ser seco, bem como às propriedades do produto formado.

Fonte: Tese 2. **B.S.N.** Ciências Exatas; Sudeste; Engenharia. p.1

Observamos que L1/E1 faz uso da estratégia *segundo* indicando não ser ele a fonte do saber e atribui o PDV a Weltman (1960). Nossa análise nos permite perceber, então, que a responsabilidade enunciativa foi imputada a um e2.

Imagem 20 – Tese 3. **J.A.C.S.** Ciências Humanas – Linguística

**Castro (2010)** assevera em “O berço da ciência”, a necessidade de produzir cientistas, admitindo a incipiente produção científica brasileira. Diz ele: “A formação de cientistas promissores requer instituições e valores muito favoráveis. A ciência é um frágil castelo de cartas. No Brasil de antanho, só meia dúzia de estados produziu talentos científicos”. (CASTRO, 2010, p. 32).

Fonte: Tese 3. **J.A.C.S.** Ciências Humanas – Linguística. pp.13-14

A princípio, L1/E1 faz uso do verbo de atribuição de fala, *assevera*, para indicar que o conteúdo citado é atribuído a Castro (2010). Na sequência, L1/E1 utiliza o verbo conjugado *diz*, indicando não ser ele a fonte do saber e atribui mais uma vez o PDV a Castro (2010).

Imagem 21 – Tese extra. **M.P.C.** Ciências Humanas

De acordo com Ramos (2003), a Psicologia Social mais “psicológica” – tal como aquela proposta por McDougall – preocupar-se-ia, sobretudo, em estudar o processo de moralização dos indivíduos; ao passo que a vertente mais “sociológica” de Ross buscaria identificar os fenômenos sociais que possibilitam uniformidades de sentimentos, crenças e volições<sup>3</sup>. Já para Ellwood, a Psicologia Social seria o estudo dos modos em que grupos e indivíduos influenciam-se mutuamente, incluindo nesses estudos não somente aspectos sociais da consciência individual, mas também os aspectos mentais da associação. “A

Fonte: Tese extra. **M.P.C.** Ciências Humanas. p.10

Assim como nos dois trechos mostrado na página anterior, podemos perceber que L1/E1 utiliza as estratégias *de acordo com* e *já para* indicando não ser ele a fonte do saber e atribui o PDV aos autores com quem esta dialogando na construção da tese, isto é, Ramos (2003) e Ellwood. Continuamos a perceber em nossas análises que a responsabilidade enunciativa foi imputada a um e2.

Imagem 22 –Tese 1. **A.A.G.B.** Ciências Humanas; Nordeste; Psicologia

Para Gutiérrez (2005) a ansiedade é um dos conceitos centrais da psicologia, onde se tem relacionado com a percepção, a execução, a aprendizagem, a memória, a cognição e a capacidade de resposta sexual. Este atributo psicológico pode ser evidente frente a objetos irreais, mas também ser suscitado diante de eventos ou situações observadas ou sentidas. Neste caso, fala-se em medo. Este compreende um sintoma normal que faz parte do desenvolvimento infanto-juvenil, que no decorrer do processo se caracteriza como uma das etapas evolutivas e, com o passar dos anos, tende a desaparecer; caso contrário, persistindo, prejudica e interfere de forma substancial o desenvolvimento psico-afetivo-social e acadêmico do indivíduo.

Fonte: Tese 1. **A.A.G.B.** Ciências Humanas; Nordeste; Psicologia. pp 19-20

Imagem 23 – Tese 5. J.H.P.B - Ciências Humanas; Sudeste; História

Nesse aspecto o Maranhão não destoa do restante do império no que tange à questão da identidade. Segundo Gladys Ribeiro (2002, p. 21): “a identidade nacional foi sendo elaborada durante os primeiros anos do império, quando se foi definindo “o que era ser brasileiro” em oposição ao “ser português”, ainda que sejam necessários estudos amiúdes de como tal processo se deu nas diversas províncias brasileiras.

No caso do Maranhão, esta tese tem com hipótese a indicação de que a Athenas foi a forma como os maranhenses participaram do jogo da construção identitária nacional sem que necessariamente a herança cultural de Portugal fosse relegada.

Fonte: Tese 5. J.H.P.B - Ciências Humanas; Sudeste; História. p. 17-18.

Observamos em ambos os trechos tanto da tese 1 quanto da tese 5, que L1/E1 faz uso das estratégias *para e segundo* indicando não ser ele a fonte do saber e atribui o PDV ao e2, respectivamente Gutiérrez (2005) na tese 1 e Gladys Ribeiro (2002) na tese 5. Porém no segundo trecho percebemos uma maior preocupação do L1/E1 em dialogar com o e2, e explicar por que o uso da citação do e2. Consideramos que passagens como as destacadas com a linha pontilhada e como as que veremos no terceiro tópico desse capítulo respondem aos objetivos da presente investigação: Analisar estratégias linguísticas que apontem o aparecimento da figura do eu-autor em teses de doutoramento considerando a RE, além de identificar as estratégias linguísticas de surgimento do autor na seção introdução em teses de cursos de pós-graduação *stricto-sensu* que vimos no primeiro tópico e estamos retomando porém com a preocupação em verificar e analisar como PDV em teses pode contribuir para assunção da responsabilidade enunciativa.

Imagem 24 – Tese 4. T.S.A.S. Ciências Humanas; Sul; Educação

Autores russos seguidores de idéias de Vygotsky, como Hardy (2005), reafirmam a necessidade do desenvolvimento de estudos teóricos e práticos na área da surdez que contemplassem, com relação à aprendizagem dos sujeitos surdos, as mudanças radicais que envolvem a poliglossia. Também Knox e Kozulin (1989) destacam que a educação das crianças surdas na União Soviética, firmada sobre bases teóricas apontadas por Vygotsky, adotou desde as décadas finais do século XX, a ampla utilização da língua de sinais e da escrita como ferramentas fundamentais para o desenvolvimento intelectual dessa população.

Fonte: Tese 4. T.S.A.S. Ciências Humanas; Sul; Educação. p. 4.

Imagem 25 – Tese 7 **K.C.G.D.G.** Ciências Exatas; Centro Oeste; Ciência da Informação

Martyn (1974), na revisão de necessidades e uso de informação, constatou a preocupação mais centrada no objeto do que no sujeito. Muitos pesquisadores da área de informação estudavam como os cientistas se utilizavam das idéias contidas nos materiais ou serviços em detrimento de como eles próprios as utilizavam. Posteriormente, Dervin e Nilan (1986) corroboraram esse aspecto, ao observarem que muitos estudos ainda estavam centrados nos sistemas, porém alguns poucos, mas significativos, ofereciam perspectivas alternativas em que se observava a emergência de um novo paradigma.

Fonte: Tese 7 **K.C.G.D.G.** Ciências Exatas; Centro Oeste; Ciência da Informação. p. 25

Nas teses apresentadas podemos perceber a presença de verbos que servem como modalizador, são verbos de atribuição de fala: *assevera*, *corroboram*, *destacam*, *constatou* convocando assim os PDV de vários pesquisadores para a discussão do tema tratado na tese. Porém podemos perceber em nossas análises que, de fato, não podemos identificar uma posição direta de L1/E1 acerca da constituição dos conceitos apresentado, mas é possível afirmar, por exemplo, na tese 4, que o posicionamento de Hardy (2005) foi apresentado por um locutor-enunciador como um PDV conclusivo e, por essa razão, podemos compreender que há adesão por parte do L1/E1 ao PDV do e2. Bem como na tese 7, em que o posicionamento de Martyn (1974) e a corroboração posterior de Dervin e Nilan (1986) também foi apresentado por um L1/E1 como um PDV conclusivo e, por essa razão, podemos compreender que há adesão por parte do L1/E1 ao PDV do e2.

Não apresentaremos trechos de todas as teses analisadas, pois devido à recorrência existente em nossas análises podemos perceber que, embora L1/E1 não assuma o conteúdo das proposições-enunciadas, isto é, não assumam a RE, ele expressa um engajamento favorável a esses PDV na medida em que os considera pertinentes para o seu trabalho. Sobre este fato, Rabatel (2009) nos mostra que, embora L1/E1 tente manter sua neutralidade ao fazer recorrência a um PDV alheio, ele marcará, mais cedo ou mais tarde, o seu engajamento acerca desse PDV.

Percebemos nos fragmentos que L1/E1 imputa o PDV ao e2 ocorrendo assim o que Rabatel (2009) chama de imputação da responsabilidade, o que nós compreendemos, no caso do *corpus* analisado, como um discurso legitimador do que será apresentado posteriormente. Para garantir a veracidade do discurso, os autores utilizam outras vozes. E esta imputação ocorre por estratégias linguístico-discursivas que estão grifadas no texto e que

foram apresentadas também no primeiro tópico deste capítulo, porém com a nomenclatura proposta por Adam (2011), mas que também se relaciona a presença do PDV no discurso.

No trecho da tese 1 separado para análise, destacamos algumas estratégias semânticas como: *grão de areia* para explicar a importância da pesquisa realizada, ainda que pequena, a tese desenvolvida por A.A.G.B. tem uma importância para os estudo sobre comportamento social infanto-juvenil.

Imagem 26 – Tese 1. **A.A.G.B.** Ciências Humanas; Nordeste; Psicologia

A presente tese é um grão de areia no amplo e pouco conhecido campo do comportamento social infanto-juvenil e de sua relação com determinadas características, notadamente as de caráter psicopatológico e de compreensão da forma de educação materna como um fator de determinação condutual satisfatória ao seu desenvolvimento bio-psico-acadêmico e social. Assim, esta tese está direcionada para o estudo de fobias infantis, considerando como seu elemento propiciador ou sua base de formação o traço de personalidade denominado neuroticismo, procurando ainda levar em conta o estilo da prática educativa materna como variável que pode potencializar as fobias.

Fonte: Tese 1. **A.A.G.B.** Ciências Humanas; Nordeste; Psicologia. p. 19

Além da parte pontilhada destacada, sublinhamos um trecho mais abaixo em que o autor da tese aponta o direcionamento da sua abordagem estabelecendo assim, a sua contribuição teórica para os estudos sobre as fobias infantis e assumindo a responsabilidade pelo desenvolvimento da pesquisa.

No início do último parágrafo da tese 2, destacado com linhas pontilhadas, apontamos: *motivado por estes desafios o presente trabalho...* sabemos que a voz é de L1/E1(B.S.N) e se configura com uma assunção da responsabilidade em que L1/S1 assume a autoria do trabalho bem como apresentar seu objetivo com a pesquisa, podemos definir como PDV afirmado, pois há “uma opinião manifestada” de acordo com Rabatel (2008, p.104).

Imagem 27 – Tese 2. **B.S.N.** Ciências Exatas; Sudeste; Engenharia

Motivado por estes desafios o presente trabalho foi desenvolvido de modo a obter informações mais detalhadas sobre o processo de secagem de pastas em leite de jorro, levando em consideração o efeito da composição química das mesmas. Com base nos efeitos da presença das pastas, foi avaliado experimentalmente a utilização de um modelo híbrido CST/Neural para descrever os fenômenos de transferência de calor e massa. Também foi proposto um modelo neural capaz de prever as variações do comportamento fluidodinâmico do processo.

Fonte: Tese 2. **B.S.N.** Ciências Exatas; Sudeste; Engenharia p.2

Sobre a tese 3, no trecho destacado com linhas tracejadas, verificamos que a autora expõe ao leitor de onde nasceu a ideia de fazer a pesquisa. Há neste momento uma tomada de posição por parte do L1/E1 (J.A.C.S.). Esta assunção da responsabilidade pela pesquisa que está sendo feita é ponto principal de nosso trabalho, pois é neste momento que vemos o aparecimento do autor, que mesmo tendo imputado a responsabilidade a outros autores, criando diálogos entre autores, consegue, ao final de sua introdução (na grande maioria das vezes), expressar a relevância do objeto e do estudo deste objeto que o gênero Tese exige.

Imagem 28 – Tese 3. **J.A.C.S.** Ciências Humanas – Linguística

Foco de interesse nos grupos de pesquisa de que participa a autora, nasceu a ideia de que, por meio do(s) texto(s) não só de divulgação das descobertas científicas aos pares, mas, especialmente, dos textos da Divulgação Científica Midiática (DCM), seja possível habilitar estratégias mais produtivas de ensino e divulgação que englobam leitura e produção de textos. Sublinhe-se, ainda, a relevância de se abranger a maior diversidade possível de gêneros textuais que nascem, circulam, crescem e se multiplicam nas diferentes práticas sociais ligadas ao conhecimento e à produção científica (requisito de leitura – ligados à Matemática e a outras ciências – constante da lista de critérios avaliativos do PISA, de acordo com o que se lê no ANEXO A).

Fonte: Tese 3. **J.A.C.S.** Ciências Humanas – Linguística p. 26

Ainda sobre a tese 3, mesmo com a polidez tentando demonstrar objetividade, observamos a tomada de responsabilidade do trabalho que será desenvolvido, quando J.A.C.S.

afirma que há fatores que amparam a justificativa de sua pesquisa e que esses são **consistentes**. Observemos o trecho abaixo.

Imagem 29 – Tese 3. **J.A.C.S.** Ciências Humanas – Linguística

Acrescenta-se a esse quadro a discussão sobre a dificuldade de acesso aos conhecimentos da ciência a uma grande massa de pessoas e acerca do desconhecimento de velhos problemas das grandes populações impossibilitadas de desfrutar um processo educativo de qualidade. Tais fatores amparam uma justificativa, desde já, consistente para um estudo discursivo-linguístico da divulgação da ciência na mídia. Salienta-se, igualmente, a necessária e urgente preocupação que, como educadores, pesquisadores e cidadãos, se deve cultivar: viver a ciência e habituar-se a estabelecer contato com ela é um dever de ofício e de vida. Nesse sentido, é indiscutível que se tenha clara a importância de formar mentes científicas, a partir das oportunidades que a educação formal ou não formal pode concretizar e que os projetos governamentais podem fomentar.

Fonte: Tese 3. **J.A.C.S.** Ciências Humanas – Linguística p. 13-14

Sobre a Tese 04, podemos destacar estratégias linguísticas e, principalmente, a escolha lexical da autora, como uso de verbo de expressão: *envolve*, *encanta*, *impulsiona*, que aponta a responsabilidade pela pesquisa realizada como podemos observar no trecho selecionado para análise abaixo.

Imagem 30 – Tese 4. **T.S.A.S.** Ciências Humanas; Sul; Educação

A criança em desenvolvimento é um tema que envolve, encanta e impulsiona a busca por saber e as ações de educadores e pesquisadores. Quando a criança em questão é surda, o tema se reveste de um misto de impedimentos e possibilidades que o torna ainda mais desafiador. É intrigante quanto uma criança privada do sentido da audição desnuda a necessidade premente da linguagem, para a conquista do direito de aprender. Ora, a linguagem é a ferramenta máxima do trabalho do educador. Assim, conduzir a educação de crianças, que têm na especificidade linguística a origem de seus transtornos escolares e, paradoxalmente, por meio da linguagem, podem superar os seus percalços rumo ao conhecimento, é um desafio digno de

nota. Com efeito, dentre os percalços enfrentados pela pesquisadora em 28 anos de atuação como educadora, as experiências pedagógicas vividas com crianças surdas em uma escola especial, na década de 1980, definiram, em grande medida, a escolha do objeto de estudo assumido em etapas posteriores da vida profissional e da formação<sup>1</sup>. O desejo de lançar um pouco mais de luz nos misteriosos caminhos da aprendizagem da criança surda em fase inicial de escolarização, e de forma particular, o desejo de, mesmo indiretamente, contribuir para o estabelecimento de uma relação mais prazerosa entre a criança surda e a escrita, constituíram a motivação necessária para o desenvolvimento deste estudo.

Fonte: Tese 4. T.S.A.S. Ciências Humanas; Sul; Educação. p. 1.

Podemos observar que escolha lexical de T.S.A.S. é a estratégia que melhor nos faz perceber a presença da responsabilidade enunciativa. A autora explica como é desafiador estudar sobre aquisição de crianças surdas. Além disso, apresenta a motivação da escolha do objeto, não fazendo o uso da 1ª pessoa discursiva como pode ser observado nas linhas sem tracejo destacadas acima. Para ressaltar o que estamos afirmando sobre o aparecimento do autor na tese destacamos os retângulos no final do texto.

Sobre a tese 5, no trecho destacado com linhas tracejadas, verificamos que o autor expõe ao leitor de onde nasceu a ideia de fazer a pesquisa. Há neste momento uma tomada de posição por parte do L1/E1 (J.H.P.B.). Além disso, J.H.P.B. explica que suas verdadeiras intenções e avisa ao leitor o que ele não pretende fazer em seu estudo. No trecho destacado por um retângulo mostra o aparecimento do autor que passou dois anos pesquisando e buscando a indagação que respondesse suas dúvidas.

Imagem 31 – Tese 5. **J.H.P.B** - Ciências Humanas; Sudeste; História

Esta tese não tem a intenção de adentrar no debate de como e por que Grécia e Roma se tornaram referências para a formação do mundo ocidental. Muito longe disso. A ATHENAS EQUINOCCIAL: a fundação de um Maranhão no Império brasileiro é fruto de anos de pesquisa e indagação de como, no período imperial brasileiro, parcelas da sociedade que habitavam a cidade de São Luís de então decidiram se autodenominar herdeiros da civilização grega, ao tal ponto de assumirem que o Maranhão, então província, era a Atenas Brasileira, ou seja, possuía os mesmos ou parecidos marcos conceituais para o Brasil que a Grécia tinha para o Ocidente.

Tampouco esta tese tem a intenção de comparar a Grécia clássica com o Maranhão imperial, apontando contradições e diferenças. Isso seria, na minha ótica, um equívoco, pois, ao apontar as dessemelhanças entre estas duas culturas, tomaria a primeira como princípio inquestionável e dogmático, sem lançar críticas de como, ao longo da formação do cognominado mundo Ocidental, mais precisamente no momento de sua gestão, a modernidade — período de aquiescência, construção e consolidação de uma Europa enquanto civilização referente — foi moldada por movimentos como os equivocados conceitos de Renascimento e Iluminismo.

Fonte: Tese 5. **J.H.P.B** - Ciências Humanas; Sudeste; História p.15

Sobre a tese 10, no trecho destacado com linhas tracejadas, verificamos que o autor expõe ao leitor que após a revisão da literatura, houve a percepção que há *carência de métodos para avaliar objetos de aprendizagem* e é nessa lacuna deixada que percebemos a justificativa da pesquisa de C.L.G.G.. Há neste momento uma tomada de posição por parte do L1/E1 (C.L.G.G.). Além disso, mais abaixo, C.L.G.G. explica que suas verdadeiras intenções. No trecho destacado por um retângulo mostra o aparecimento do autor em uma busca por um estudo mais aprofundado para contribuir cientificamente com as pesquisas do ramo.

Imagem 32 – Tese 10 **C.L.G.G.** Ciências Exatas; Sul; Matemática

Após a análise de alguns modelos e métodos existentes na bibliografia pesquisada pode-se ressaltar que há carência de métodos para avaliar objetos de aprendizagem, como também de modelos de construção destes objetos. Observou-se como colocado que existe convergência na utilização de questionários relativos à usabilidade de objetos de aprendizagem, bem como é difícil à integração com a parte pedagógica nas tentativas de avaliação.

No domínio da Teoria da Aprendizagem como também na Teoria da Usabilidade, encontraram-se excelentes trabalhos de importantes pesquisadores da área. Daí surge uma base necessária para um estudo mais aprofundado sobre como avaliar um objeto de aprendizagem numérico em cenário brasileiro, tanto na área da ergonomia quanto na área pedagógica. Busca-se fazer uma integração entre estas áreas através de desenvolvimento de um modelo de construção de objetos de aprendizagem. Validar este estudo com uma prática pedagógica, isto é, a aplicação de uma ferramenta avaliativa de um ou mais objetos de aprendizagem desenvolvidos para o estudo de métodos numéricos, em cursos de graduação e futuramente em pós-graduação e verificar o grau de aprendizagem dos alunos através deste auxílio tecnológico.

Fonte: Tese 10 **C.L.G.G.** Ciências Exatas; Sul; Matemática. p.4

Por fim na última tese analisada nesta seção, destacamos um trecho maior que apresenta além das imputações de responsabilidade por L1/E1, um diálogo entre L1/E1 e os e2 apresentados no decorrer das proposições enunciadas. A autora da tese, I.L.M.P.G., explica que mesmo com todos os estudos na área, que destacamos no primeiro parágrafo com linhas tracejadas, há *uma carência de análises sociológicas* e seu estudo ajudará a suprir esta carência como está destacado com um retângulo no segundo parágrafo. Já no último parágrafo, destacado com uma linha sem tracejo, I.L.M.P.G. de fato aponta suas intenções com a tese desenvolvida.

Imagem 33 – Tese 6 **I.L.M.P.G.** Ciências Humanas; Norte; Sociologia

<p><u>Dentre os estudos consultados sobre reestruturação produtiva, destacam-se, por exemplo, a pesquisa coordenada por Leite (2003) sobre a interface trabalho–educação nas indústrias minero-metalúrgica e automobilística (MG), química (BA, SP) e sobre o processo de terceirização (SP, RS); ou as pesquisas de Araújo (2002; 2003), Ramalho e Santana (2006), sobre organização sindical dos trabalhadores da indústria de “linha branca” (SP) e da indústria automobilística (RJ); ou ainda os trabalhos de Liedke (1997; 2000) e Laranjeira (1997) sobre os setores bancário e de telecomunicações (RS). A maioria dessas pesquisas é de cunho qualitativo, contempla o trabalho urbano e analisa empreendimentos industriais ou de serviços, de grande porte.</u></p> <p>No Pará, os estudos que têm o trabalho como tema principal seguem essa mesma linha: focalizam regionalmente as estratégias das cadeias produtivas globais e analisam, prioritariamente, empreendimentos industriais minero-metalúrgicos, como as pesquisas de Castro (1989), Gomes e Castro (2004), Monteiro (2005), dentre outros. <b>Há carência de análises sociológicas específicas</b> sobre as mudanças no trabalho e no trabalhador nos grandes centros urbanos amazônicos, como a região metropolitana de Belém, nos quais a empresa capitalista, de setores econômicos diversificados, atua com maior intensidade. Em sua maioria, são estudos de caso, tais como os empreendidos por Chaves (2002), sobre a reestruturação de uma empresa de telefonia, e por Gonçalves (2002b), sobre re-inserção de ex-bancários no mercado de trabalho pós-demissão voluntária.</p>
<p><u>Este estudo volta-se a essa interface entre empresa e sociedade, problematizando as repercussões da gestão de pessoas – os recursos humanos – sobre a sociabilidade dos trabalhadores, tendo como recorte espacial os empregados da área operacional – lojas – do segmento dos supermercados. Propõe-se verificar os encontros e desencontros entre princípios e práticas da gestão de pessoas, sob o ponto de vista dos trabalhadores, e seus efeitos na sociabilidade em um simultâneo movimento de assimilar e resistir às exigências empresariais.</u></p>

### 4.3 Adam e Rabatel: *une intersection d'idées*

Separamos este tópico para discutir e apresentar, por meio de trechos das teses analisadas, a nossa opção em trabalhar com Adam e Rabatel no que tange a análise da RE.

Percebemos que nos três trechos lidos e analisados, há de certa forma uma vontade de atender às exigências propostas pela Academia: ideias claras, originalidade, relevância mostrada, tudo que uma boa tese precisa possuir aos olhos da Academia. Porém, há de certa forma uma legitimação discursiva e pessoal: explicar ao leitor o motivo que levou à tessitura daquela tese.

Para representar a interseção de ideias entre os dois autores utilizados com aporte teórico nesta pesquisa como sugere o título da presente seção, utilizamos a categoria de indicações de quadro mediador de Adam (2011) e a noção de PDV de Rabatel (2009). Quando ocorrer o cruzamento de ideias, iremos destacar por meio de uma linha pontilhada entre uma coluna e outra.

É importante relembrar os conceitos de PDV propostos por Rabatel, os quais são: representados, contados e afirmados. Possivelmente, em nossas análises, não aparecerá o segundo PDV, pois o gênero estudado não utiliza uma estrutura narrativa. Rabatel (2009) discute a noção de RE em uma perspectiva mais ampla e para isso o autor esclarece que pode ocorrer três possibilidades de assumir a responsabilidade se um locutor/enunciador primeiro (L1/E1)<sup>27</sup> atribui a um locutor enunciador segundo (e2)<sup>28</sup> um dado enunciado. A primeira: seja L1/E1 discordante de e2, ocorre a não assunção da responsabilidade enunciativa. A segunda: seja L1/E1 marcar sua neutralidade, implicando assim uma responsabilidade zero ou quase assunção da RE. E a terceira: seja a concordância de L1/E1 com o PDV de e2, assumindo assim a responsabilidade.

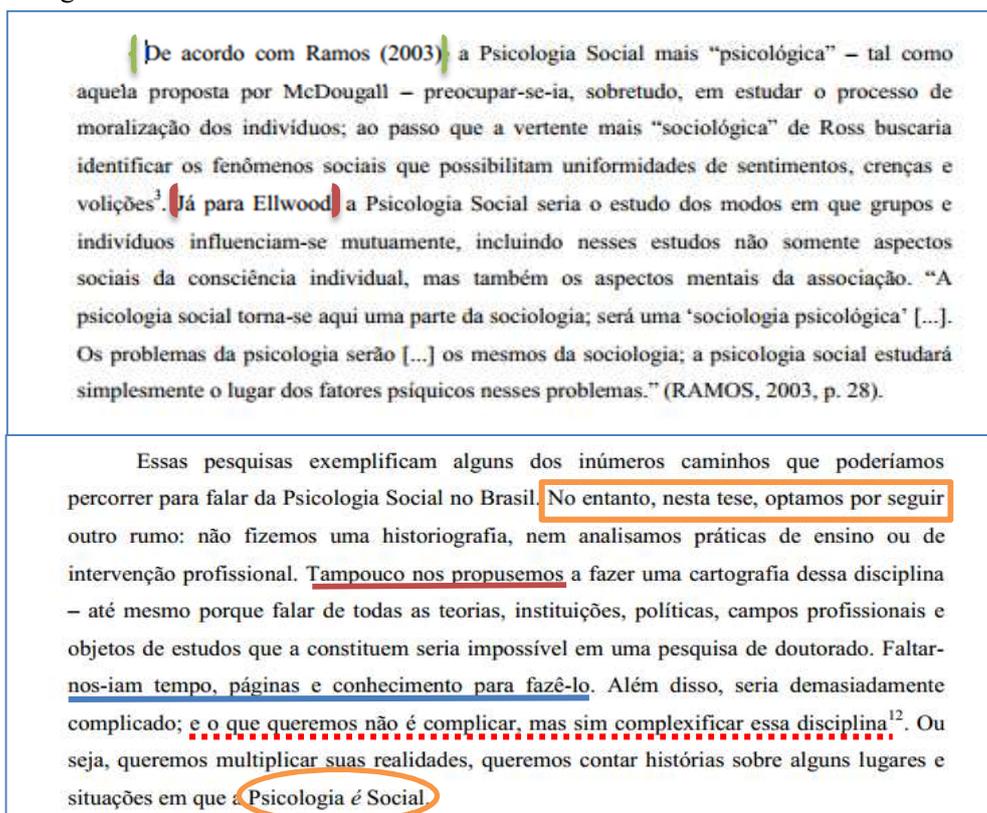
No primeiro texto, a tese extra, esse condicionamento e as escolhas da autora são bem marcados, quando esta explica que mesmo que haja várias formas de resolver o problema que está sendo discutido na tese, o que ela quer: “é não complicar, mas sim complexificar a disciplina” e para ela o desejo maior é de mostrar que a “*Psicologia é Social*”.

---

<sup>27</sup> Locutor/enunciador

<sup>28</sup> Segundo enunciador

Imagem 34 – Tese extra. M.P.C. Ciências Humanas



Fonte: Tese extra. M.P.C. Ciências Humanas. pp.10 e 16

#### QUADRO INTERSECCIONAL DA TESE EXTRA

Categoria (ADAM, 2011)	Ocorrências	PDV (RABATEL, 2009)
indicações de quadros mediadores	“De acordo com...” “Já para...” “Essas pesquisas exemplificam”	ASSUNÇÃO DA RE

Fonte: Elaborado pelos autores

Na tese extra, ocorre a assunção da RE do conteúdo das proposições-enunciadas atribuídas a um e2 por L1/E1, este expressa um engajamento favorável aos PDV assumidos na medida em que os consideram pertinentes para o seu trabalho. Mas o que distingue a tese extra das demais teses analisadas no presente estudo é a opção de escrita na 1ª pessoa discursiva que descartamos de nossa coleta de *corpus* no início da pesquisa por razões anteriormente mencionadas.

No trecho da tese 2 destacado a seguir:

Imagem 35 –Tese 2. **B.S.N.** Ciências Exatas; Sudeste; Engenharia

<p><u>Segundo</u> Weltman (1960) o termo “pasta” é definido como um sistema sólido-líquido constituído de partículas microscópicas ou coloidais dispersas em um meio líquido. Com esta definição enquadra-se uma ampla variedade de materiais sob diversas formas físicas, tais como soluções, suspensões e tortas de filtração. Diversas técnicas de secagem podem ser aplicadas a este tipo de material, e a escolha do equipamento adequado está diretamente relacionada às propriedades e características do material a ser seco, bem como às propriedades do produto formado.</p>
<p>A composição química das pastas <u>segundo</u> Medeiros et al (2002), é um dos fatores responsáveis pelo comportamento do leite de jorro durante a sua secagem. <u>Estudos experimentais</u> a respeito desse assunto são encontrados na literatura e, de uma forma geral os teores de açúcares e gorduras são apontados como os principais compostos químicos causadores de alterações no processo (MEDEIROS et al., 2002; OCHOA-MARTINEZ; BRENNAN; NIRANJA, 1993; REYES, 1993). Se considerado de forma isolada, efeitos negativos são atribuídos para os açúcares, pois estes podem causar o colapso do leite. As gorduras apresentam efeitos lubrificantes e assim sua contribuição pode ser considerada positiva uma vez que facilitam a circulação dos inertes. A influência dessas substâncias químicas pode ainda ocorrer de forma combinada, por exemplo: em elevada concentração de açúcar os problemas operacionais podem ser minimizados pela presença de gorduras (OCHOA-MARTINEZ; BRENNAN; NIRANJA, 1993).</p>

Fonte: Tese 2. **B.S.N.** Ciências Exatas; Sudeste; Engenharia pp 1-2.

#### QUADRO INTERSECCIONAL DA TESE 2

Categoria (ADAM, 2011)	Ocorrências	PDV (RABATEL, 2009)
indicações de quadros mediadores	“Segundo Weltman (1960)” “Segundo Medeiros”	IMPUTAÇÃO DA RE

Fonte: Elaborado pelos autores

Percebemos, através do co(n)texto, que L1/E1 não expõe um PDV pessoal. O que ocorre é que, logo após apresentar o PDV sobre pasta do leite de jorro, L1/E1 faz uso de um marcador do mediativo (*segundo*), trazendo outros PDV, o de Medeiros et al (2002), de forma a criar um diálogo com o PDV já citado anteriormente. Podemos observar que L1/E1 marcar sua neutralidade, implicando assim uma responsabilidade zero. Não marcamos a posição de B.S.N com muita intensidade, por isso uso da imputação da RE.

No trecho da tese 4, percebemos uma maior preocupação por parte de T.S.A.S em dialogar com os autores citados. No primeiro parágrafo há por meio do mediativo de verbo de atribuição de fala: *afirma* a imputação do PDV sobre o aprendizado da escrita nos anos iniciais. Logo em seguida no segundo parágrafo, L1/E1, impõe seu PDV em concordância com o PDV imputado a e2 no primeiro parágrafo, porém relacionando ao seu objeto de pesquisa que vem a ser a criança surda. Por fim, utiliza outro mediativo *para* imputando o PDV a e2, *Fernandes*, com o intuito de legitimar o que foi dito por L1/E1 no parágrafo anterior. Observemos os destaques no trecho abaixo para o melhor entendimento das afirmações desenvolvidas.

Imagem 36 – Tese 4. T.S.A.S. Ciências Humanas; Sul; Educação.

Sobre a importância do aprendizado da escrita já nos anos iniciais de escolarização, Vygotsky afirma: “[...] a experiência mundial demonstrou que a aprendizagem da escrita é uma das matérias mais importantes da aprendizagem escolar em pleno início da escola, que ela desencadeia para a vida o desenvolvimento de todas as funções que ainda não amadureceram na criança” (VYGOTSKY, 2001, p. 332).

Ora, as observações de Vygotsky acerca do papel fundamental da escrita na educação escolar suscitam reflexões sobre as relações que se estabelecem entre o surdo e a escrita. Como todas as pessoas que convivem em uma cultura letrada, o sujeito surdo necessita da escrita como ferramenta do pensamento. O ensino da escrita ao aluno surdo, neste momento da educação dos surdos no Brasil, mais do que um objetivo pedagógico a ser buscado, constitui uma bandeira de luta por uma educação de qualidade para aprendizes surdos.

Para Fernandes, por meio de práticas de letramento<sup>10</sup>, o surdo brasileiro sinalizador tem possibilidades reais de tornar-se um bom leitor e escritor da língua portuguesa.

Fonte: Tese 4. T.S.A.S. Ciências Humanas; Sul; Educação. p.7

#### QUADRO INTERSECCIONAL DA TESE 4

Categoria (ADAM, 2011)	Ocorrências	PDV (RABATEL, 2009)
indicações de quadros mediadores	“Vygotsky afirma...” “Para Fernandes”	IMPUTAÇÃO E ASSUNÇÃO DA RE

Fonte: Elaborado pelos autores

Nossa análise nos permite perceber, então, que mesmo imputando a responsabilidade enunciativa a um e2, L1/E1 desenvolve seu PDV sobre o tema abordado. O que nos faz pensar no que Rabatel (2014) proferiu em uma palestra na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) sobre o medo que o pesquisador tem em apontar seu PDV em seu próprio discurso, precisando assim fazer uso de outros autores que são mais conhecidos na área estudada para legitimar o que foi dito.

No exemplo abaixo retirado da tese 8, destacamos os marcadores do mediativos *para* e *segundo*, que funcionam de forma a permitir L1/E1 trazer o PDV de um e2, o que, consequentemente, acarreta a imputação do conteúdo desse PDV. Além disso há o mediativo de verbo de atribuição de fala *afirma* que também acarreta a imputação do PDV. Dessa forma, L1/E1 está imputando a responsabilidade para os estudos que integram o campo de uma corrente teórica sobre energia renovável, o que é perfeitamente possível, já que consideramos aqui que este recurso é utilizado como forma de legitimar o discurso de L1/E1.

Imagem 37 – Tese 8 **A.A.B.** Ciências Exatas; Norte; Engenharia Elétrica

Goldemberg apud Coelho (2005), afirma que em torno de 1000 pequenas usinas termelétricas, principalmente a diesel, abastecem pequenas cidades e comunidades isoladas na Amazônia. Aproximadamente 700 dessas unidades têm capacidade instalada inferior a 500 kW, geralmente velhas e ineficientes, com altos índices de emissões de poluentes e custos elevados.

Para Coelho (2005), o uso de energia renovável, principalmente biocombustíveis, em área rural está intrinsecamente ligado à redução da pobreza. Ademais, o acesso a energia elétrica possibilita disponibilidade de água potável, redução de tempo de mulheres e crianças em atividades de sobrevivência (colhendo lenha, carregando água e cozinhando), maior tempo dedicado à educação, redução de poluição doméstica e derrubada de árvores.

Ainda segunda a autora, mais de dois bilhões de pessoas no mundo não tem acesso à eletrificação, afetando de forma intensa as chances de desenvolvimento econômico e qualidade de vida.

Segundo Silva et al (2001), apesar do custo de geração com fontes renováveis serem mais elevados do que os sistemas tradicionais, os custos evitados de transportes de combustíveis tornam muitos desses sistemas competitivos. Ainda segundo Silva et al (2001), a maior parte desses consumidores estão localizados na chamada Amazônia Legal.

Neste contexto, a região amazônica possui como alternativa para geração de energia elétrica de forma renovável a utilização da biomassa existente em abundância, destacando-se os processos de aproveitamento usando ciclos a vapor e gaseificadores.

Fonte: Tese 8 **A.A.B.** Ciências Exatas; Norte; Engenharia Elétrica p.2

## QUADRO INTERSECCIONAL DA TESE 8

Categoria (ADAM, 2011)	Ocorrências	PDV (RABATEL, 2009)
indicações de quadros mediadores	<i>“Goldemberg apud Coelho (2005) afirma...”</i> <i>“Para Coelho”</i> <i>“ainda segundo a autora”</i> <i>Segundo Silva et al (2001)</i>	IMPUTAÇÃO E ASSUNÇÃO DA RE

Fonte: Elaborado pelos autores

Verificamos esta legitimação mencionada no último parágrafo do texto analisado quando L1/E1 dialoga com os e2 e concorda que a Amazônia possui como alternativa para gerar energia elétrica de forma renovável utilizando a biomassa para melhorar o sistema elétrico da capital.

Resolvemos destacar a tese 9, pois percebermos que diferente de todas as outras teses analisadas, M.C.S.P.M. não faz uso de citações em sua introdução, há apenas destacamos a ocorrência de uma em toda seção. No trecho apresentado a seguir podemos perceber claramente que o PDV é de L1/E1, mas o imputa a e2 no segundo parágrafo para reforçar seu PDV, pois no terceiro parágrafo L1/E1 retoma seu PDV para falar sobre educação e processo de aprendizado como vem sendo debatido na tese.

Imagem 38 – Tese 9 **M.C.S.P.M.** Ciências Humanas; Centro Oeste; Educação

O interesse pela exploração dos recursos hidrotermais do município advém do início do século XX. Até então, a cidade não teve desenvolvimento econômico comparável a outras que, historicamente, foram centro de produção de ouro, e permaneceu estagnada até que a exploração do turismo, em especial a partir dos anos 1960, aqueceu a economia, movimentou o mercado, garantiu concentração de renda para os investidores e gerou trabalho assalariado. Nessa situação contraditória, ocorreu um processo de aprendizagem em que o trabalhador conhece e intervém na realidade com a própria vivência e conflitos decorrentes e presentes nas relações sociais de produção e no cotidiano.

Para Manacorda (2004, p. 6), “aprendizado quer dizer relação com o trabalho e com todo o desenvolvimento, não somente das forças produtivas, mas também das relações sociais nas quais elas se organizam”. Aprendizado é o processo de subjetivação da realidade concreta, que se configura com a reflexão, conscientização e objetivação do concreto pensado.

A educação, neste trabalho, é um processo resultante das relações sociais de produção e do cotidiano, no qual se estabelece um aprendizado decorrente do acúmulo do conhecimento franqueado pela multiplicidade de pessoas que compartilham o mesmo espaço físico e temporal. O processo educativo é resultante da vivência do trabalhador e de seu aprendizado que se desenvolvem entre esses dois mundos que se constituem: o mundo periférico do trabalhador e o mundo da opulência e do lazer propiciado pelo turismo.

Fonte: Tese 9 **M.C.S.P.M.** Ciências Humanas; Centro Oeste; Educação p.15

## QUADRO INTERSECCIONAL DA TESE 9

Categoria (ADAM, 2011)	Ocorrências	PDV (RABATEL, 2009)
indicações de quadros mediadores	“Para Manacorda (2004)”	IMPUTAÇÃO E ASSUNÇÃO DA RE

Fonte: Elaborado pelos autores

Na tese 7 encontramos um situação semelhante a descrita na análise da tese 9, porém K.C.G.D.G. faz mais uso de citações. O queremos dizer é que L1/E1, K.C.G.D.G., assume o PDV dos discursos apresentados na tese. No primeiro parágrafo observamos essa assunção no uso da locução explicativa *ou seja* em que L1/E1 apresentará seu PDV. Contudo, no segundo parágrafo, L1/E1 imputa a e2 (Morin, 2000) o PDV utilizando o mediativo *de acordo com*, com o intuito de legitimar o que foi dito anteriormente sobre o processo de produção de conhecimento.

Imagem 39 –Tese 7 **K.C.G.D.G.** Ciências Exatas; Centro Oeste; Ciência da Informação

Ao longo da trajetória investigativa, o pesquisador se deparará, muitas vezes, com a necessidade de buscar, de usar a informação e de obter conhecimentos sobre o objeto de investigação e, também, sobre procedimentos específicos para lidar com a informação. Ou seja, o processo de produção de conhecimento pressupõe tanto os conhecimentos dos conteúdos das áreas estudadas quanto o desenvolvimento de competências – letramento informacional – que possibilitam localizar, selecionar, acessar, organizar e gerar conhecimento.

De acordo com Morin (2000), para transformar informação em conhecimento pertinente é preciso pensar. Também, é preciso pensar para desenvolver as capacidades necessárias para buscar e usar a informação, uma vez que o pensamento constitui “a base em que se assenta a aprendizagem”, como preconizado na perspectiva epistemológica genética de Piaget (BORDENAVE; PEREIRA, 1988, p. 28). Neste trabalho, no entanto, propõe-se um tipo específico de pensamento, qual seja o pensamento reflexivo, como requisito decisivo para o processo de letramento informacional, visto que seja este. “talvez a ferramenta mais útil que uma pessoa possa possuir..., pois exige uma participação mais ativa em relação ao pensamento convencional, mais imaginação e criatividade” (BIGGE, 1977, p. 324). Como conseqüência, oferece-se um número maior de *insights* com poder de generalização e maior habilidade para desenvolver e solucionar problemas.

Fonte: Tese 7 **K.C.G.D.G.** Ciências Exatas; Centro Oeste; Ciência da Informação pp.23-24

## QUADRO INTERSECCIONAL DA TESE 7

Categoria (ADAM, 2011)	Ocorrências	PDV (RABATEL, 2009)
indicações de quadros mediadores	"De acordo com Morin (2000)"	IMPUTAÇÃO E ASSUNÇÃO DA RE

Destacamos um trecho da tese 10 para finalizar nossas análises sobre o cruzamento de ideias entre os autores utilizados como aporte teórico da presente dissertação. Assim como nas outras teses apresentadas observamos que embora ocorra a imputação do PDV a um e2, há claramente a concordância com este PDV e a defesa também do PDV de L1/E1.

Imagem 40 – Tese 10 **C.L.G.G.** Ciências Exatas; Sul; Matemática.

Em dicionários gerais verifica-se que não existe uma definição de objetos de aprendizagem, mas na literatura especializada podem ser encontradas definições. A clássica referência de Wiley (2001), por exemplo, afirma que objetos de aprendizagem são: "qualquer recurso digital que possa ser utilizado para o suporte ao ensino". Já Pimenta e Batista (2004) afirmam que os objetos de aprendizagem constituem em: "unidades de pequena dimensão, desenhadas e desenvolvidas de forma a fomentar a sua reutilização, eventualmente em mais do que um curso ou em contextos diferenciados, e passíveis de combinação e/ou articulação com outros objetos de aprendizagem de modo a formar unidades mais complexas e extensas".

Sosteric & Hessemeier (2001) afirmam que objetos de aprendizagem são "arquivos digitais (imagem, filme...) que pretende ser utilizado para fins pedagógicos e que possui, internamente ou através de associação, sugestões sobre o contexto apropriado para a sua utilização".

O fornecimento de conteúdos de aprendizagem *on-line* permite que estudantes ou simples usuários, sejam realmente participantes de seu próprio processo de ensino e aprendizagem para aquisição do conhecimento.

Entretanto a construção e a avaliação destes objetos suscitam enormes desafios aos professores e pesquisadores. Um dos maiores é saber se um software ou um objeto de aprendizagem utilizado para fins educacionais é eficaz e têm os quesitos básicos de qualidade para ensino e aprendizagem. As pesquisas sobre avaliação de softwares educacionais demonstram a carência de conhecimentos sobre modelos e métodos, como também a questão de desenvolvimento destas ferramentas.

Fonte: Tese 10 **C.L.G.G.** Ciências Exatas; Sul; Matemática. p.1.

Na página anterior fica claro que L1/E1 imputa o PDV a vários e2 no que diz respeito ao conceito de objetos de aprendizagem e o faz por meio do mediativo de verbo de atribuição de fala *afirma que*, porém assume no último parágrafo o PDV afirmado concordando com o referencial citado no corpo da tese.

#### QUADRO INTERSECCIONAL DA TESE 10

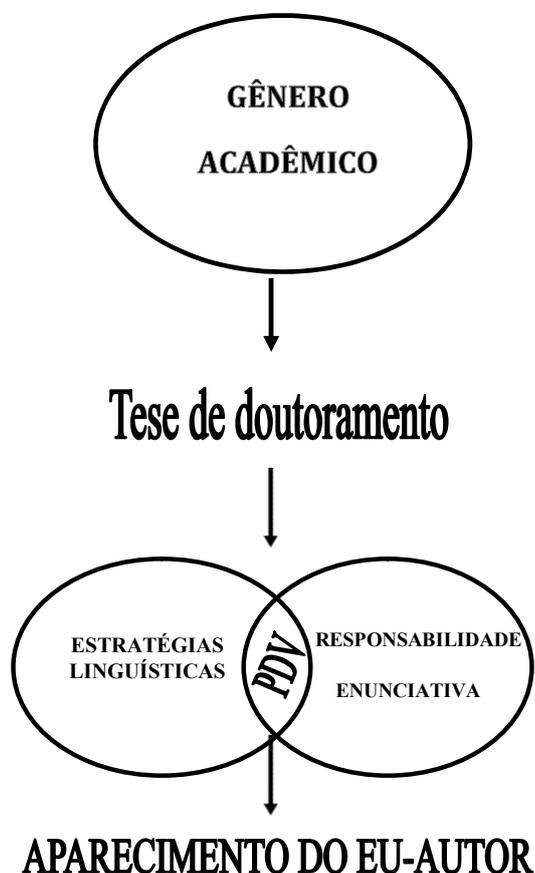
Categoria (ADAM, 2011)	Ocorrências	PDV (RABATEL, 2009)
<b>indicações de quadros mediadores</b>	<p><i>“Wiley (2001) afirma que”</i></p> <p><i>“Já Pimenta e Batista (2004) afirmam que”</i></p> <p><i>“Sosteric &amp; Hessemeier (2001) afirmam que”</i></p>	<p>IMPUTAÇÃO E</p> <p>ASSUNÇÃO DA RE</p>

Fonte: Elaborado pelos autores

Para finalizar nossas analisar resolvemos destacar um ponto de vista sobre autoria que aponta Rabatel (2010). Para o autor, a autoria é concebida como o assumir internamente um ponto vista e esse “assumir” toma representação de contribuições ‘deste’ autor de um processo que, inevitavelmente, se coloca como constituído de múltiplas vozes. Para o autor a autoria interna está relacionada à questão do aporte pessoal do autor, sobre a singularidade de seu ponto de vista, no que representa sua contribuição pessoal, enquanto autor, singular ou coletivo, desse ponto de vista. Pensando nisso e como base em nossas análises realizadas resolvemos desenvolver um diagrama<sup>29</sup> para tentar explicar o que fizemos em nossa pesquisa sobre RE em teses de doutoramento.

<sup>29</sup> Gráfico desenvolvido pela autora em estudo enquanto bolsista CNPq de Iniciação Científica e publicado em 2009 na Revista Eutomia anexado nas referências.

Imagem 41 – Diagrama do PDV em Teses



Fonte: Elaborado pelos autores

É possível perceber no diagrama acima que em uma instância maior podemos encontrar o gênero acadêmico, concebido com base em estudos sobre gênero discursivo, em que apontamos Bakhtin (2003) para a exposição dos conceitos. Logo em seguida há o tipo de texto que destacamos como *corpus* de nossa pesquisa, estudado à luz dos apontamentos de Lakatos (1992) e Eco (1994). Seguindo encontramos nossa interseção de ideias: Adam (2011) com as estratégias linguísticas e Rabatel (2009; 2010) com os conceitos sobre responsabilidade enunciativa e no meio das duas teorias encontramos o conceito de ponto de vista (PDV) defendido por ambos e podendo, em alguns, casos, como provamos neste trabalho, ser relacionados. E toda essa arquitetura para defendermos que ocorre o aparecimento do eu-autor em teses de doutoramento mesmo que esta venha escrita em 3ª pessoa discursiva o que teoricamente caracterizaria o “apagamento” do eu. Porém mostramos que esse “apagamento” nada mais é que o momento em que ocorre a assunção da responsabilidade enunciativa e conseqüentemente a marca do autor no texto.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Seguindo a perspectiva teórico-metodológica da Análise Textual do Discurso, propusemo-nos a estudar, nesta pesquisa, o fenômeno da Responsabilidade Enunciativa (RE) em tese de doutoramento, bem como buscamos constatar como a assunção da RE apresenta-se nos textos lidos marcando assim aspectos autorais neste gênero.

Apresentamos no início do trabalho uma discussão sobre a noção de gêneros discursivos e mais especificamente do gênero tese. Amparados na fala de Bakhtin (2003, p. 281) que afirmou que o “enunciado reflete a individualidade de quem fala/escreve”, acreditamos que traço aparece em nosso *corpus*, pois, embora haja discursos citados, percebemos que discurso autoral é bem mais forte e marcado nos textos lidos. Ainda que haja muitos textos a serem analisados, acreditamos que um ou outro possa destoar desta constatação, mas cremos existir uma recorrência autoral no gênero tese.

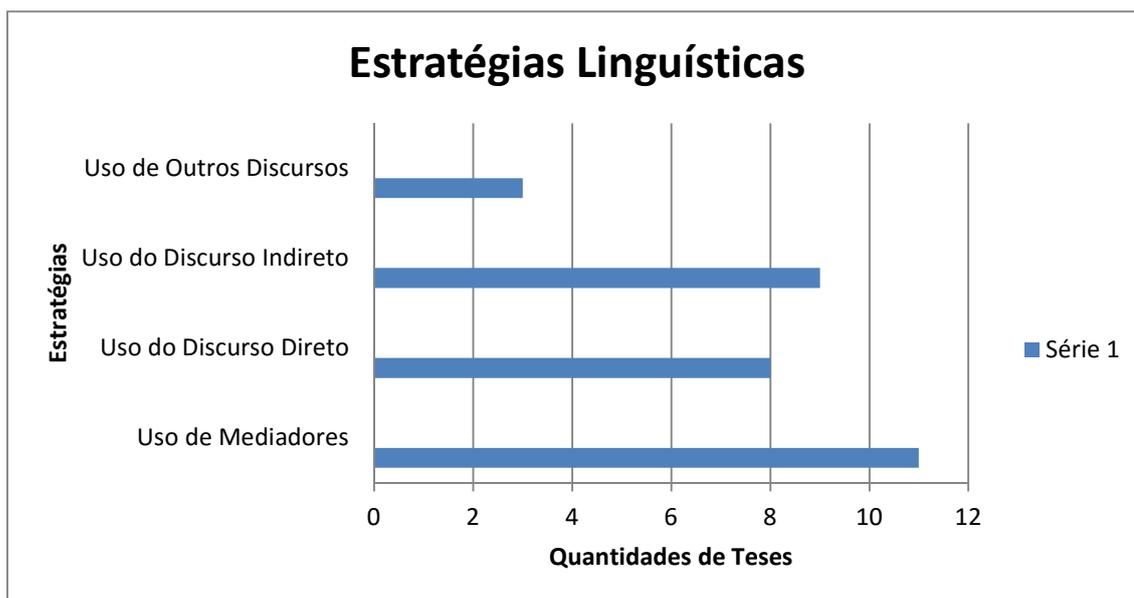
À luz da ótica de Lejeune, cogitamos a existência de um possível “pacto acadêmico” pré-estabelecido, porém não entramos em maiores detalhes até o presente momento de escrita desta dissertação, mas acreditamos que seja possível, em um estudo futuro, discutir, quem sabe, propor a constituição deste pacto em tese de doutoramento.

Sabemos que o gênero estudado não é constitutivo por resíduos (auto)biográficos, porém em alguns momentos como expomos em nossas análises, o autor da tese assume a RE de sua fala para garantir a originalidade de seus argumentos. Mas também sabemos que nem um pensamento é novo, sempre haverá diálogos para que novas ideias e posicionamentos sejam formados e pensando nisso trouxemos a noção de PDV, em que para o autor da tese é conveniente imputar a fala a outro enunciador para que assim possa legitimar seu discurso.

No que se refere às categorias propostas por Adam, os diferentes tipos de representação de fala e os quadros mediadores, que apontam uma marcação da assunção da RE, pudemos encontrar tais marcas no que chamamos de discurso legitimador, o que contempla nosso primeiro objetivo específico.

Sobre o nosso primeiro objetivo específico, podemos, de maneira mais explicada, afirmar que ocorre uma predominância no uso de estratégias linguísticas como marcadores de legitimação discursiva, verbos de atribuição de fala, e estas apontam para o ponto de vista do autor na seção introdução das teses analisadas. O uso de mediadores: *segundo, para, de acordo com...* são os meios mais utilizado para imputar a outrem e ao mesmo tempo legitimar o próprio discurso. Observemos o gráfico a seguir.

Gráfico 04 – Resultados das estratégias linguísticas utilizadas nas teses.



Fonte: Elaborado pelos autores

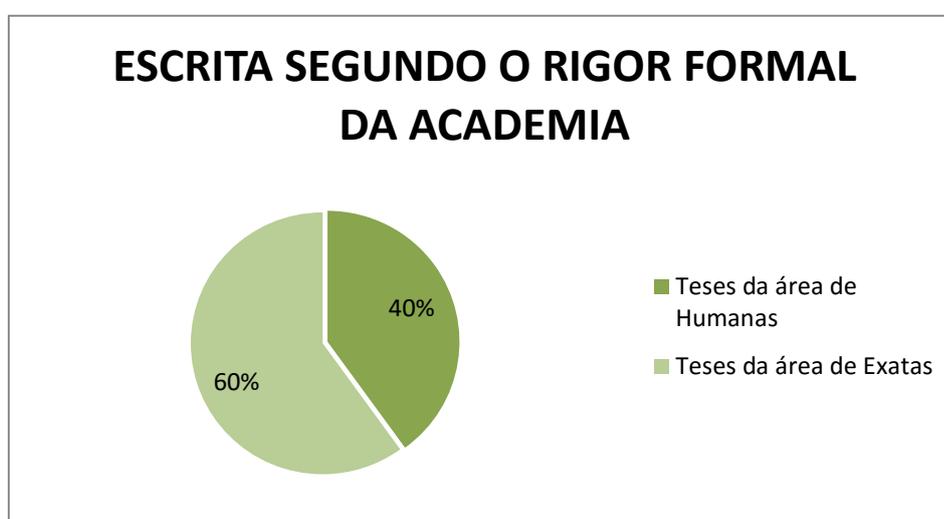
Sobre o segundo objetivo, ou seja, sobre o PDV, percebemos que o que ocorre com maior frequência é o “afirmado” e o que diferencia este dos outros dois: o “representado” e o “contado” é que o primeiro apresenta a opinião assumida, enquanto que os outros dois não possuem este traço. Além disso, encontramos em sua grande maioria, a imputação do PDV a um e2, porém ocorrendo a avaliação e concordância de L1/E1 com relação a imputação do PDV.

Complementando a ideia do parágrafo anterior, nas teses analisadas podemos perceber a presença de verbos que servem como modalizador, os verbos de atribuição de fala: *assevera, corroboram, destacam, constatou, afirma* convocando assim os PDV de vários pesquisadores para a discussão do tema tratado na tese. Não podemos identificar uma posição direta de L1/E1 sobre o que é dito na composição do seu texto, mas é possível verificar que atribuição do PDV a outrem, na grande maioria das vezes é seguida de uma avaliação do que estar sendo afirmado.

Outro ponto que nos chamou atenção foi que mesmo havendo um padrão que deve ser respeitado no que tange a escrita acadêmica, isto é, objetividade, clareza, predominância de pessoa discursiva, observamos, enquanto selecionávamos nosso *corpus* que há muitas teses em que o autor inicia sua escrita em 1ª pessoa do plural e simplesmente alguns parágrafos opta pelo uso do “-se”. Ou até em alguns casos inicia na 1ª pessoa do singular e muda para 1º plural sem ao menos explicar ao leitor a troca de pessoas. Mas é importante frisar que não apresentamos estas teses mencionadas, pois não analisamos teses em 1ª pessoa.

Estes pequenos desníveis de clareza e estrutura, ocorre com maior frequência em teses escritas na área das Ciências Exatas. Sobre as áreas analisadas – Humanas e Exatas – observamos, como mostrar o gráfico a seguir, que não há uma grande diferença no que tange o rigor formal da escrita, pois encontramos teses na área das Humanas muito mais preocupadas com as normas da Academia do que teses analisadas na área das Exatas, embora as teses em Exatas tendam a ser mais “objetiva”, academicamente falando, do que as teses em Humanas como pode ser verificado no gráfico abaixo, porém no *corpus* é bastante simplório em relação a produção científica do Brasil.

Gráfico 05 – Porcentagem de rigor formal por áreas



Fonte: Elaborado pelos autores

Percebemos em nossas análises que muitas vezes a citação de autores não servem à pesquisa em si, servem para legitimar o discurso do autor da tese. O que nos faz retomar nosso diálogo com Rabatel em sua conferência ministrada em Natal em novembro de 2014, em que o autor explica que analisou trabalhos de estudantes e de futuros professores e percebeu a ocorrência da utilização exagerada de textos oficiais, textos de autoridades, ou seja, uso de citação de pesquisadores que são amplamente conhecidos, porém tais citações na grande maioria não se preocupavam em assumir o que foi dito, mas somente em dizer: estou certo, por que determinado autor afirmou a mesma ideia.

Rabatel defende que se você quer ser um pesquisador, você precisa achar seu lugar de crítica e parar de concordar com tudo que dizem. Não discordamos do autor neste ponto, pois precisamos entender que, por exemplo, em função das hipóteses que são levantadas, o que determinado autor poderá contribuir com as problemáticas? Como se pode

utilizar um autor, porém sem esquecer que a tese é de autoria de quem escreve e que será defendida por o autor que a escreveu?

Ainda neste diálogo com a pesquisadora desta dissertação, Rabatel explica que como autor, pesquisador, todos possuem o direito de usar o “eu”, porém o desafio é ser um “eu racional”, uma vez que a subjetividade na pesquisa é necessária, mas precisa ser lapidada, pois, para o autor, dentro da investigação científica a subjetividade corresponde a problemática que este autor criou. Isto é, na presente pesquisa, quando o sujeito afirma “escolheu-se fazer isso aqui...” é neste momento que temos a figura autor aparecendo.

Com base em nossas análises conseguimos responder os nossos objetivos propostos, os quais foram, identificar o aparecimento da figura de eu-autor em teses considerando a Responsabilidade Enunciativa, identificar as estratégias linguísticas de surgimento do autor na seção introdução em teses de cursos de pós-graduação *stricto-sensu* e analisar as contribuições que o PDV aporta para a assunção da responsabilidade enunciativa.

Concluimos a presente dissertação com a seguinte reflexão: será então entre a inquietude de não entender o processo científico, de imergir nas reflexões, de muitas vezes não conseguir encontrar as soluções ou a resolubilidade inusitada que o sujeito aparecendo como autor entra no discurso como garantidor dos fatos? Acreditamos que a partir da análise linguístico-discursiva elaborada nesta dissertação foi possível avaliar a presença inevitável do autor, uma vez que somente ele poderá certificar o que vivenciou durante o processo.

## REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. **A linguística: introdução à análise textual dos discursos**. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi e Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin. São Paulo: Cortez, 2011.
- AMOSSY, R. **Imagem de si no discurso – a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Hermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1953]. p. 277-326.
- BAPTISTA, L.M.T.R. **Manobras e estratégias de autoria: a singularidade do sujeito na produção escrita em língua espanhola**. 2005. 322 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- BARBIER, R. La Violence symbolique. **Le journal des Chercheurs**. (LEC-CRISE), 1992. DISPONÍVEL EM: <<http://www.barbier-rd.nom.fr/violencesymbolique.html>> In: <<http://www.barbier-rd.nom.fr/accueilCRISE2.html>>.
- BÀRRES, Mes cahiers, t. 1, 1896-98, p. 262. Disponível em: <<http://www.prepa-isp.fr/wp-content/Annales/5-commissaire/penal/coercition.pdf>>.
- BARTHES, R. A morte do autor. In \_\_\_\_\_ **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BHATIA, Vijay K. Análise de gêneros hoje. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 1/2, n. 23, p. 102-115, jan./dez. 2001a. Tradução: Benedito Gomes Bezerra.
- \_\_\_\_\_. Genre-mixing in academic introductions. **English for Specific Purposes**, v. 16, n. 3, p. 181-195, 1997a.
- BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística general II**. 15ª ed. México: Siglo Veintiuno editores, 1999.
- BEZERRA, B.G. **Gêneros introdutórios em livros acadêmicos**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Recife (PE), 2006.
- BORDET, Genevieve. **Étude contrastive de résumés de thèse dans une perspective d'analyse de genre**. Tese de doutorado. Université Paris Diderot - Paris 7 - Laboratoire CLILLAC-ARP. Or. Natalie KÜBLER. Defesa 28 abril 2011.
- CALIL, E. Do modelo ao estilo: possibilidades de autoria em contextos acadêmicos-científicos. In \_\_\_\_\_ **Trilhas da escrita: autoria, leitura e ensino**. São Paulo: Cortez, 2007.
- CARDOSO, M. N. F.; MAIA-VASCONCELOS, S. M. F. **Novas fronteiras linguísticas: um estudo sobre o gênero autobiográfico**. Eutomia - Revista Online de Literatura e Linguística da UFPE, v. 2, p. 653-664, 2009.

CARVALHO, A. et al. **Aprendendo Metodologia Científica**. São Paulo: O nome da Rosa, 2000, pp. 11-69

CHACON, A.F. **A responsabilidade Enunciativa em *Itinéraire d'un Voyage em allemagne***. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Natal (RN), 2013.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 11ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1932.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 17ª ed. São Paulo: Loyola, 2008.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas**. 9ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 1992.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GREGOLIN, Mª do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.

HELDER, R. R. **Como fazer análise documental**. Porto, Universidade de Algarve, 2006.

LANI-BAYLE, M. **Ecrire une recherche: mémoire ou thèse**. Lyon: Chronique Sociale, 1999.

LEJEUNE, P. **El pacto autobiográfico y otros estudios**. Megazul-Endymion: Madrid, 1994.

LIMA, Carla da Silva. **Aspectos discursivos da constituição da autoria em resenhas acadêmicas**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Uberlândia (MG), 2008.

MAIA VASCONCELOS, Sandra F. **Penser l'école et la construction des savoirs**. Berlim: Editions Universitaires Européennes, 2010.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

PASSEGI, Luis et al. A análise textual dos discursos: para uma teoria da produção co(n)textual de sentido. In: BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli Quadros. (Orgs.). **Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010ª

PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre; CÂMARA, Cristinne Xavier da. Gêneros acadêmicos autobiográficos: desafios do GRIFARS. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.). **Pesquisa autobiográfica: cotidiano, imaginário e memória**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PENHA, D.T.S. **Autoria no gênero resenha acadêmica**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Natal (RN), 2010

PIMENTEL, A. **O método da análise documental: seu uso numa pesquisa histórica.** Cadernos de Pesquisa, n.114, p.179-195, nov., 2001.

POSSENTI, S. **Indícios de autoria.** Perspectiva. Florianópolis, v.20, n. 01 p. 105-124, jan/jun. 2002a.

PLUVINET, Charline. **Fictions en quête d'auteur.** Paris: PUR, 2012.

RABATEL A. **Homo narrans: pour une analyse énonciative et interactionnelle du récit.** Dialogisme et polyphonie dans le récit. Limoges: Éditions Lambert-Lucas, 2008.

\_\_\_\_\_. Schémas, techniques argumentatives de justification et figures de l'auteur (théoricien et/ou vulgarisateur), Revue d'anthropologie des connaissances. 2010 pp. 505-525.

\_\_\_\_\_. Prise en charge et imputation, ou la prise en charge à responsabilité... **Langue Française** – La notion de prise en charge en linguistique, n. 162, 2009 pp. 23-27.

RODRIGUES, Maria das Graças Soares. Gêneros Discursivos Acadêmicos: de quem é a voz? In: MARÇALO, M. J.; HERNANDES, M. C. L.; ESTEVES, E.; FONSECA, M. C.; GONÇALVES, O.; VILELA, A. L.; SILVA, A. A. (Eds.). SLG 26- **Práticas de leitura e escrita na Universidade.** Universidade de Évora: Copyright, 2010. ISBN: 978-972-99292-4-3.

## ANEXO A – REFERÊNCIAS DO *CORPUS* DA DISSERTAÇÃO

BACELLAR, A.A. 2010. **Aproveitamento da biomassa flutuante do rio madeira para geração de energia elétrica**. Tese (Doutorado em Engenharia Elétrica). Belém: Universidade Federal do Pará. 108f.

BARBOSA, A.A.G. 2009. **Modelo hierárquico de fobias infanto-juvenis: testagem e relação com os estilos maternos**. Tese (Doutorado em Psicologia Social). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba. 204f.

BORRALHO, J.H.P. 2009. **A Athenas Equinocial: a fundação de um Maranhão no Império brasileiro**. Tese (Doutorado em História). Niterói: Universidade Federal Fluminense. 334f.

CORDEIRO, M.P. 2012. **Psicologia Social no Brasil: multiplicidade, performatividade e controvérsias**. Tese (Doutorado em Psicologia Social). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 187f.

GAMA, C.L.G. 2007. **Método de construção de objeto de aprendizagem com aplicação em métodos numéricos**. Tese (Doutorado em Matemática) Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 184f.

GASQUE, K.C.G.D. 2008. **O pensamento reflexivo na busca e no uso da informação na comunicação científica**. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Brasília: Universidade de Brasília, 240p.

GONÇALVES, I.L.M.P. 2009. **“A gente tem uma vida lá fora...”** Relações entre gestão de Recursos Humanos e sociabilidade das pessoas empregadas nos supermercados da Região Metropolitana de Belém. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Belém: Universidade Federal do Pará. 464p.

MACHADO, M.C.S.P. 2009. **O processo educativo dos trabalhadores que vivem entre dois mundos de uma mesma cidade**. Tese (Doutorado em Educação). Goiânia: Universidade Federal de Goiás. 200f.

NASCIMENTO, B.S. 2013. **Análise do efeito de composição química na secagem de pasta em leito de jorro**. Tese (Doutorado em Engenharia Química). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos. 112f.

SILVA, T.S.A. 2008. **A aquisição da escrita pela criança surda desde a educação infantil**. Tese (Doutorado em Educação) Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 214f.

SOUZA, J.A.D. 2012. **O infográfico e a divulgação científica midiática (DCM): (entre)texto e discurso**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 306f.

**ANEXO B**

Áudio do diálogo entre a pesquisadora e o professor Alain Rabatel em Natal-RN.



Conferencia proferida por Rabatel em novembro de 2014 em Natal.mp3